

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO



REVELAR-SE AUTOR

# CRÔNICAS

Inspiradas em notícias

O Som da  
Vida: Notas  
de Esperança  
e Acordes  
de Amor

ENTRE IDEIAS,  
TEMPO E ESCOLHAS

Guerra, tão Presente  
e tão Abstrata

Apenas uma  
Provocação



PREFEITURA DE  
SÃO PAULO

**Prefeitura de São Paulo**

Ricardo Nunes

Prefeito

**Secretaria Municipal de Educação**

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

**Maria Sílvia Bacila**

Secretária Executiva Pedagógica

**Samuel Ralize de Godoy**

Secretário Adjunto de Educação

**Ronaldo Tenório**

Chefe de Gabinete

**Sueli Mondini**

Chefe da Assessoria de Articulação

das Diretorias Regionais de Educação - DREs

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO



**REVELAR-SE AUTOR**

---

**CRÔNICAS**

Inspiradas em notícias

SÃO PAULO, 2025

## COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Lucimeire Cabral de Santana - Coordenadora

## DIVISÃO DE CURRÍCULO - DC

Elisângela Nogueira - Diretora

### Equipe DC

Adriana Zenezi  
André de Pina Moreira  
Ariana Souza de Santana  
Beatriz Sampaio Miguel  
Caio Marques Fernandes  
Daniela Justino do Nascimento  
Deborah Barroso Sodré  
Eduardo Murakami da Silva  
Eva Aparecida dos Santos  
Fabiana Bezerra Nogueira  
Fernando Sales Vitorino  
Fernanda Depizzol Paes Ferreira  
Karine Evelyn Alves Carvalho  
Kelly Aparecida Brandão Avelino  
Luana Marganelli Esberard  
Luciene Aparecida Grisolio Cioffi  
Rafael Francelino dos Santos  
Samir Ahmad dos Santos Mustapha  
Solange Cristina Corregio

### Estagiários(as)

Alicia Menezes Santos  
Beatriz de Almeida Pagni  
Gabriel Luiz Maschietto - revisão

### NÚCLEO DE LITERATURA

**Academia Estudantil de Letras - AEL**

**Academia de Letras dos Professores - ALP**

Samir Ahmad dos Santos Mustapha

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.  
Revelar-se autor : crônicas inspiradas em notícias. – São Paulo : SME /  
COPED, 2025.

168 p. ; 21 x 21 cm

Volume 6 resultante da 14ª edição da Semana de Incentivo e Orientação ao  
Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

ISBN: 978-65-88021-64-4 (livro físico)

ISBN: 978-65-88021-63-7 (livro digital)

1. Literatura brasileira. 2. Escolas municipais. I. Título.

CDD 22. ed. B869

Código da Memória Documental: SME151/2025

Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em conformidade à Lei nº 9.610/1998, reconhece a especial proteção aos direitos autorais, mediante autorização prévia e expressa do detentor da obra. No caso de eventuais desconformidades, reitera o compromisso de diligentemente corrigir inadequações.

Consulte material disponibilizado em [educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br](http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br)

Publicação disponível no Centro de Documentação da Educação Paulistana – [educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/odep](http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/odep)

# Caro(a) Leitor(a)

COM grande alegria, temos mais um volume do livro **Revelar-se Autor**, proposta literária que surgiu em 2019 e que, todo ano, oportuniza as educadoras e os educadores da Rede Municipal de Ensino elaborarem uma produção que traga sua criatividade estética, seus sentimentos, suas percepções de mundo.

A Secretaria Municipal de Educação – SME tem o grande orgulho de ter, em seu quadro profissional, inúmeros escritores, com livros literários e acadêmicos publicados. O portal da SME possui uma página, organizada pela nossa Biblioteca Pedagógica Alaíde Bueno Rodrigues, que divulga o trabalho de nossos educadores autores.

Parabéns ao projeto Academia Estudantil de Letras – AEL, com vinte anos de história, que busca valorizar a autoria e protagonismo dos estudantes e professores.

O livro Revelar-se Autor é parte integrante das ações realizadas na Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, criada pela Lei nº 14.999/09, de autoria do professor vereador Eliseu Gabriel.

A ideia de se trazer uma notícia jornalística e, a partir disso, se publicar uma crônica, reforça a criatividade de nossos autores.

BOA LEITURA!

*Secretaria Municipal de Educação de São Paulo*



# Amarelinha (Não) é Nossa!

*Nas redes, estreia do Brasil na Copa  
traz de volta o patriotismo pós-político*

(Folha de S. Paulo - 24/11/2022)

A CAMISA amarela da seleção brasileira de futebol, que nunca usei e comprei, mas que o mundo conhece, respeita e admira, não é de um único grupo de pessoas que tomaram para si, num patriotismo que não existe. A amarelinha que enche meu peito de alegria, puxa o sorriso nos lábios, faz as pessoas pintarem as ruas e pendurar bandeirinhas nos postes. Pelé que nos inspirou.

É Pelé, com a 10, com o grito e o soco no ar, que fez tremer o nosso coração. Marta eleita inúmeras vezes a melhor do mundo. Kaká, eleito o melhor do mundo; os Ronaldos, Rivaldo, Falcão, Dener, Sócrates, Formiga, Dunga, Zagallo, Dida, Taffarel e Gilmar. Romário e Bebeto. Garrincha e Vini. Roque Júnior e Bellini. Zico e Cafu. Neymar e Jairzinho. Müller e Careca. São por eles e elas que admiramos a amarelinha.

Não quero mais ter vergonha ou receio de admirar essa camisa. Pensei até em comprar uma, desfilar por aí, num gesto de rebeldia. Imagina os dedos apontados e olhares supervisionados pela camisa amarela que pensei em usar? Qual grupo de pessoas iria me criticar? Não sei...companheiro! Penso num domingo, no metrô com a amarelinha, alguém poderia me abordar para acompanhá-lo em uma manifestação na Paulista. Será que faltaria coragem ou o medo tomaria conta?

A amarelinha que não se identifica com ninguém, apenas com o futebol brasileiro, o basquete, o vôlei e outros esportes que não acompanho. A fauna, a flora, os territórios, nossas tradições, os costumes, o clima, compatriotas, companheiros e companheiras, trabalhadores e trabalhadoras do Brasil. Nada disso representa o amarelo quando associado a...

Se me perguntarem do patriotismo, digo: meus dentes estão amarelados de tanto tomar café.



# De Volta para Casa

*Família reencontra cão desaparecido por mais de 2 anos após foto aparecer em campanha de adoção em MG*

(G1 - 16/03/2025)

**T**ODOS os dias, íamos para nosso passeio diário; eu e meus cães. Fazia isso rotineiramente, com os animais que havia resgatado de abrigos no bairro onde cresci.

Engraçado como cada um deles preenchia algo em mim, com atitudes tão simples: abanar o rabinho, pular no meu colo, me encher de lambidas... Me acompanhavam em cada pôr do sol.

Pensava em como teria sido se, assim como eu fiz com eles, alguém também tivesse me resgatado do lar de acolhimento onde cresci. Esses pensamentos traziam de volta algumas cicatrizes.

Uma tarde, voltando para casa, ouvi uma notícia que mexeu comigo — talvez reflexo desses sentimentos guardados. Um cachorrinho havia sido encontrado por sua tutora dois anos após se perder. Ela dizia que nunca havia perdido a fé de reencontrá-lo.

“Em que momento eu me perdi?”, comecei a me perguntar... “Quando foi que perdi a minha fé?”. Foi tão bom saber que mais um animalzinho reencontrou seu lar, um cantinho para chamar novamente de seu.

De repente, olhei para meus cãezinhos. Um deles latindo, sorriu. Naquele instante, vislumbrei quem sou hoje, quem são eles para mim... e entendi: embora tenha demorado um pouco, eu também me reencontrei. Também fui resgatado.

À noite, ao chegarmos em casa, sentamos juntos e descansamos, aliviados, compreendendo que nem todo encontro ou reencontro acontece do mesmo jeito, da mesma forma ou no nosso tempo.



# Teddy Barrado no Aeroporto

*Cão de serviço impedido de embarcar em voo tem função terapêutica e previne “meltdown” de criança*

(G1 - 26/05/2025)

ERA uma manhã de céu cinzento e corredores lotados no aeroporto. Carrinhos de bagagem empilhados, crianças inquietas, avisos sonoros trocando vozes em três idiomas. Extensas filas no check-in e histórias que sempre presenciamos nestas filas. No meio da pressa de tantos embarques, um silêncio invisível caminhava entre os pés apressados: era Alice, uma menina de 12 anos, de olhos grandes e curiosos, que olhava tudo, mas não dizia nada. Ao lado dela, sempre a postos, estava Teddy — seu cão de suporte, seu amigo inseparável, seu pedaço de mundo que late.

Teddy era mais do que um cão: era âncora, tradutor e calmaria. Quando o mundo de Alice virava de cabeça para baixo, ele se deitava ao lado dela e, por algum milagre de pelos e afeto, o problema se resolvia. Nos momentos em que palavras fugiam dela, Teddy entendia tudo — com o focinho, com o rabo, com o coração.

Mas, naquele dia, algo modificou o roteiro silencioso dos dois. Na fila de embarque internacional, uma voz burocrática, vestida de uniforme, disse:

— Animais não podem embarcar sem documentação adequada.

A mãe de Alice, já acostumada a vivenciar tal situação, puxou a pasta com laudos, certificados e autorizações. Explicou que Teddy não era apenas um animal, mas um cão de assistência treinado, essencial para o bem-estar da filha. Mostrou tudo com paciência de quem já repetiu isso mais vezes do que deveria.

Mas, do outro lado, apenas olhos que viam o cão, não a criança. Ou pior: viam a criança, mas não o que ela precisava.

Alice começou a se agitar. Primeiro os pés, depois as mãos e, então, o olhar se perdeu. A multidão virava ameaça. O som da esteira de bagagens, o grito de um menino, o clique dos saltos — tudo invadia de uma vez só. Teddy percebeu antes de todos. Sentou-se ao lado dela, encostou o focinho em sua perna e ficou ali, imóvel como um porto seguro, e que, na verdade, era o que ele era para ela.

Mas o funcionário não via isso. Via apenas um cachorro barrado.

— Sinto muito, mas ele não embarca.

E foi aí que o absurdo se revelou inteiro. Em meio a tanta tecnologia, tantos sistemas, tantos protocolos de segurança... Ninguém ali parecia preparado para entender um elo invisível feito de cuidado e necessidade. A mãe segurava as lágrimas como se elas fossem adiar o inevitável. Alice já estava no chão, abraçada a Teddy, em silêncio absoluto, num idioma que ninguém parecia querer aprender.

E foi isso, a mãe acalmou a filha, e somente as duas e o pai embarcaram. Teddy ficou ali, sem saber o que estava acontecendo, segurado pela irmã mais velha dela, voltando para casa sem sua menina.

Talvez o mundo ainda precise de mais tempo — não para avançar, mas para entender. Teddy não embarcou naquele dia, é verdade. Mas, naquela manhã, ele cumpriu sua missão: foi o chão onde Alice podia pisar, mesmo quando tudo ao redor parecia voar sem destino. A viagem dele foi adiada por 52 dias, e, na terceira tentativa até que o impasse fosse resolvido e autorizado, lá foi ele reencontrar sua tão amada menina Alice. A alegria foi restabelecida.

# Semeando Gratidão no Jardim da Mente

*Reclamar faz cérebro adoecer, mas pensamentos positivos reequilibram a mente*

(Portal Só Notícia Boa - 26/05/2025)

**E**RA cedo quando acordei com o canto insistente de um papagaio preso na minha mente, repetindo queixas que nem eram minhas: “Ah, mas a água do chuveiro demorou a esquentar! E a rua está cheia de buracos de novo, o café está caro...”.

Levantei da cama e me pus diante do espelho, percebi que aquele papagaio não era devaneio e nem um pesadelo, mas eram algumas vozes em minha mente em eterno looping — e descobri, da pior maneira, que o nosso cérebro tem a incrível habilidade de transformar cada palavra de descontentamento em um grito perigoso em nossa alma.

Lembrei de uma pesquisa que falava exatamente disso: “Reclamar faz o cérebro adoecer, mas pensamentos positivos reequilibram a mente”. Como se nossas queixas fossem sementes de ervas daninhas que nascem no terreno fértil dos pensamentos — quanto mais regamos, mais altas e tortas elas crescem. E, assim, percebi que cada suspiro de insatisfação era uma gotinha de chuva que nutria uma planta de amargura dentro de mim.

Resolvi seguir o conselho daquela pesquisa que tinha me lembrado e comecei a plantar algo diferente no terreno fértil dos pensamentos. Em vez de cismar com aquela reclamação do café caro, lembrei da última vez em que senti o ventinho frio no rosto e sorri sem razão (Ah! Como é bom viver os pequenos prazeres da vida!). Pensei naquela flor roxinha que desabrochou na calçada rachada perto da rua esburacada do trabalho, oferecendo sua beleza a quem passasse apressado. Foi ali que entendi algo valioso: a gratidão é a água cristalina que limpa o solo, deixando espaço para os jardins da esperança.

Passei o dia me esforçando para cultivar este novo terreno fértil mental. Na “padoca”, na fila do pão, vi alguém tropeçar num degrau e se levantar com um sorriso todo envergonhado, desejei que as palavras mais gentis entrassem em sua mente antes que a autocrítica surgisse, destruindo seu dia com pensamentos ruins. À tarde, quando minha internet caiu e a tela do meu notebook escureceu, os pensamentos ansiosos quase se apressaram a lembrar das contas que ainda não paguei — mas, em vez disso, escolhi lembrar da última vez que dei uma risada sincera com um amigo e do aconchego simples de um cobertor macio. Pequenas escolhas de pensamentos que se tornaram sementes lançadas ao acaso, esperando florescer uma pontinha de felicidade.

Quando a noite chegou, finalmente senti minha mente mais calma, como um riacho tranquilo bem fluido. Ainda havia nuvens de reclamações pairando na superfície das águas, mas havia algo no fundo do riacho — talvez os pensamentos positivos germinados ao longo do dia — e as águas refletiam a lua com uma luminosidade tímida, porém constante, como um lembrete para sempre refletir sobre mim.

A reflexão me veio suave: não se trata de negar a chuva, mas de decidir se permitiremos que ela endureça o caminho ou que regue novas flores. Afinal, no jardim da mente, somos ao mesmo tempo jardineiros e sementes. E, se escolhermos cultivar gratidão, não há tempestade de reclamações que resistirá ao perfume de uma única flor.



# Um Ruim no Peito

*Criança de 5 anos morre após cair do 9º andar de prédio no Centro do Recife*

(G1 - 02/06/2020)

**T**ODOS os dias me deparava com a pendência na lista do calendário do celular: escrever uma crônica inspirada em uma notícia de jornal. Acontece que todos os dias eu adiava. Até hoje, próximo à data limite, quando resolvo tentar modos de tentar. Eu mesma nem gosto de escrever, escrevo só quando transbordo. Então, ficar buscando ideias para as palavras saírem de mim, sem que elas mesmo escapem, é novidade. O problema de novidades é que nem sempre elas me agradam, embora algumas vezes possam me surpreender. Não acredito que seja o caso. Só sei de tragédia. Uma notícia às vezes parece sinônimo de tragédia e escrevo tanto sobre isso. Nunca fiz uma crônica inspirada numa notícia de jornal, mas já fiz uma dissertação inteira. Que terrível resumir uma morte a uma notícia de jornal.

Antes da notícia é a vida, o fato, o ato, o não ato. Ninguém pegou Miguel Otávio no colo, no dia 02 de junho de 2020, e isso se tornou uma notícia. Ele, criança negra, abandonado à própria sorte em um elevador por uma mulher branca, se tornou notícia. Quem dera a gente nunca tivesse conhecido esse nome. Digo a gente porque moro em São Paulo, mas se eu morasse em Recife queria mesmo conhecer. Porque tudo que eu queria é que esse nome estivesse na minha lista de crianças da Educação Infantil no início do ano letivo e eu escrevesse à mão o nome completo Miguel Otávio Santana da Silva, data de nascimento 17/11/2014.

— Que legal, de escorpião, como eu! - acho que pensaria isso porque sempre penso isso quando sou professora de alguém que nasceu em novembro. E aí eu iria conhecer o Miguel Otávio, iria sonhar com ele, ele não seria notícia, e isso seria ótimo. E eu iria conhecer a sua mãe em uma reunião pedagógica e ia dizer a ela alguma coisa engraçada sobre seu filho, porque ele gostava de carnaval e talvez gostasse de fazer buracos na areia, construir casas, castelos e cabanas. Talvez ele gostasse da história do bolinho, que eu sempre conto porque tem uma música que geralmente as crianças amam. E riem. Chega a me dar “um ruim” no peito quando penso em notícias que cortam a vida das crianças. Por isso fiquei adiando escrever essa crônica, porque não gosto de notícias.

Querida que a vida existisse sem notícias.

Tive uma amiga que se chamava Letícia e acho que foi por isso que a gente brigou. O nome dela já me lembrava que tem coisa que a gente não espera, mas aí lê uma manchete e pronto, o que era inesperado se instala dentro de você e pronto, sem volta e pronto. Mas tenho certeza que existe notícia boa, porque conheço essa expressão: “que notícia boa!”. Ou, então, a expressão: “tenho uma notícia boa e uma ruim, qual você quer primeiro?”. Nunca sei o que escolher porque uma notícia ruim já mina a boa. Aí fico horas pensando em qual deveria vir primeiro: a boa, assim pelo menos fico feliz por inteiro antes de desabar? Ou a ruim, assim fico na esperança de a boa deixar a ruim menos intragável? De tanto tempo pensando nisso, a pessoa já desistiu de me dar qualquer notícia e, talvez, seja esse mesmo o meu desejo: viver sem notícias. Mas isso seria triste, porque gosto de receber notícias das pessoas que amo. Acho que meu problema não é com notícia, e sim com jornal. Pensando bem, vou retomar a amizade com a Letícia e brigar com a Lúcia Amaral.

Só que se eu vivesse sem notícia de jornal eu não saberia do mundo, mas o mundo continuaria lá com suas tragédias e poéticas. E só eu não saberia. Acho que meu problema não é nem com a Letícia e nem com a Lúcia Amaral. É só que, algumas vezes, as notícias não me descem, e eu queria que elas deixassem de existir. Mas, embora eu esteja no mundo, o mundo não sou eu e tem tanta coisa que eu não posso fazer. Então faço o que posso e tento não descansar muito. Por isso escrevi uma dissertação inteira por causa de uma vida transformada em uma notícia. E por isso que essa mesma notícia veio me visitar aqui, porque ela me faz as palavras transbordarem. Ela me inunda.



# Um Estranho Benquisto

*Em meio a onda de memes brasileiros sobre Portugal, Google exibe ‘Pernambuco em pé’ em mapa do país europeu*

(Folha de S. Paulo - 22/04/2025)

**E**IS que fui conhecer Portugal pela primeira vez, janeiro de 2025. A escolha se deu por diversos motivos, entre eles a questão da facilidade da língua. Nada como passar as férias sem ter que resgatar meu “péssimo inglês”.

Dia um: ao chegar, tive aquele choque de vislumbre próprio da maioria dos brasileiros que visitam Portugal. Arquitetura antiga, prédios e praças que pareciam ter saído de livros de Arte. Tudo lindo!

Dia dois: passeios a muitos cartões postais: Torre de Belém, Castelo de São Jorge, Mosteiros e igrejas a perder as contas de quantos. A paixão continua.

Dia três: “raparigas”, “cacetinhos” e outros verbetes que a nossa 5ª série do Brasil não aguenta! Risada garantida.

Dia quatro: dou por mim que não precisei falar outro idioma. Apesar das diferenças pontuais, consegui me virar tão bem que nem acreditei.

Dia cinco: não fui assaltado, mesmo usando o celular à vontade para “turistar”. Achei até estranho!

Dia seis: fiz uns quatro ou cinco “brothers”, marquei de bater uma bola e tomar uma “gelada” depois. Fui incluído na turma de pronto! Minha irreverência contagiou a todos, como geralmente acontece com a maioria de nós, brasileiros, em Portugal.

Dia sete: já não conseguiria voltar para o Brasil. Então decidi.... Encontrei meu “novo país”. Aqui sou “rei”. Apesar de uns lances de xenofobia aqui e ali, coisa da galera mais conservadora, somos quase maioria. Sim! Maioria. Tem brasileiro em todo canto em Lisboa! Muitos em Porto, Cascais; Nazaré (onde dá para pegar altas ondas); Fátima, Aveiro, Sintra... Em todo o lugar. E em todo lugar há o “jeitinho” brasileiro em Portugal: alegre, de luta e invejável pelas boas vibrações.

E não é que Portugal, aos poucos, está perdendo a identidade? Pois bem! Anos e anos se passaram e parece que o jogo virou, não é mesmo? O colonizado virou colonizador...



# O Invasor

*Polícia ‘prende’ robô aspirador suspeito de roubo à casa nos EUA*

(G1 - 10/04/2019)

**S**ILVANA chega em casa exausta. Passou o dia inteiro em pé trabalhando no caixa, atendendo vários clientes chatos. Depois, mais uma hora em pé no ônibus lotado. Agora tudo o que ela mais deseja é tomar um merecido banho quente e descansar.

Silvana vai para o quarto e liga a TV para ouvir as notícias enquanto arruma suas coisas para o banho. Está passando o jornal que ela adora, com aquele apresentador que sempre fica indignado com tudo.

— E você, minha amiga telespectadora, se sente segura? — pergunta o apresentador. — Um mês inteiro de trabalho para garantir o dinheirinho do mês e vem um “vagabundo” e leva aquilo que ela conquistou com tanto custo. Casa toda revirada... É revoltante! Levaram até a TV que ela ainda estava pagando. Essa falta de segurança na cidade está demais! Ninguém está seguro.

Silvana intimamente agradece por sua TV estar ali, intacta. Desliga o aparelho e se dirige ao banheiro ainda pensando na fala do apresentador. Depara-se com a porta do banheiro fechada. Estranho! Ela não se lembra de ter fechado a porta antes de ir trabalhar.

Ela se aproxima lentamente e escuta alguns ruídos vindos de dentro do banheiro. Assustada, olha por baixo da porta e consegue ver uma sombra se movendo. O coração dela parece que vai saltar pela boca, suas mãos começam a tremer. Só tem uma certeza: sua casa foi invadida!

Silvana segura a respiração e anda lentamente até a porta da casa, sem fazer barulho. Depois, passa pelo quintal, abre o portão e corre até o ponto de ônibus, do outro lado da rua.

Tremendo, liga para a polícia e avisa que tem um ladrão preso no seu banheiro. Eles precisam ser rápidos!!! Caso contrário, seus pertences serão levados.

Silvana desliga o telefone com a promessa de que iriam enviar uma viatura imediatamente. Olha para seu portão e se desespera: “Será que o invasor vai levar o meu robô aspirador? Ah, não. Eu acabei de comprar, tenho que pagar duas parcelas ainda!!!”

Nesse momento, ela já começa a se imaginar dando entrevista para o jornal no dia seguinte. Na sua imaginação, ela está diante do apresentador, chorando, enquanto diz: “O meu robô me ajudava a manter a casa limpa. O que eu faço agora? Não tenho como comprar outro. Trabalho em pé o dia todo e ainda vou ter que limpar toda a casa depois de chegar do trabalho.”

Ela não consegue tirar os olhos do portão. Sabe que, a qualquer momento, o invasor pode sair levando o seu querido robô aspirador. E ela não poderá detê-lo.

Depois de uma longa espera, ouve finalmente a sirene da viatura. Descem 3 policiais. Silvana vai até eles, em desespero, e relata novamente o ocorrido.



Os policiais entram na casa silenciosamente e são conduzidos por Silvana até a porta do banheiro. Ao ouvir novamente o ruído, ela reconhece o som e cochicha para um dos policiais, desesperada:

— Com certeza é meu robô aspirador. O invasor está vendo se ele funciona direitinho antes de levá-lo.

O policial pede para Silvana se afastar, enquanto o segundo arromba a porta, e o terceiro já está com a arma apontada na direção do banheiro. Quando a porta cede, lá está ele: o robô aspirador. Mas não tinha mais ninguém ali. O robô estava sozinho, trabalhando incansavelmente, em um banheiro muito limpo.

— Minha senhora, o que significa isso? – pergunta o primeiro policial. Silvana se aproxima e percebe seu equívoco.

— Ah, é verdade – diz ela, um pouco sem graça. — Eu realmente deixei meu robô aspirador ligado no banheiro. Mas era pra ele limpar a casa toda... acho que, na pressa, acabei fechando a porta, que, por algum motivo, se trancou. Mil desculpas, senhores.

O segundo policial, incrédulo, desliga o robô e diz:

— Não temos outra escolha a não ser prendê-lo.

— Como assim? – pergunta Silvana.

— Prendê-lo à base, para recarregar a bateria. Ou amanhã a senhora não terá ajuda na limpeza.



# Café Nosso de Cada dia

*Café fica 77% mais caro em um ano, segundo  
IBGE*

(G1 - 11/04/2025)

**E**RA essa a notícia que eu lia em uma sexta-feira de manhã. Uma manhã como outra qualquer, mas o aroma do café parecia diferente. Talvez fosse a ausência dele.

Dez anos atrás, em 2015, uma saca de café arábica custava pouco mais de R\$ 450. Hoje, em 2025, chega a impressionantes R\$ 2.769. O pacotinho de 500g, que custava R\$ 8,10, agora ultrapassa os R\$ 30, em muitas prateleiras.

Para efeito de comparação: uma caixinha de cerveja, que, em 2015, saía por R\$ 35, hoje está em torno de R\$ 50.

Resultado? É quase mais barato brindar o dia com uma cerveja do que acordá-lo com uma xícara de café.

O brasileiro, que sempre encontrou consolo em uma xícara quente, agora mede as colheradas de pó como quem conta moedas preciosas.

As conversas nos cafés da esquina mudaram de assunto: do futebol para o preço do café.

A bebida que une gerações tornou-se um símbolo da crise que mistura clima, economia e, acima de tudo, resistência.

E assim, o café, mais que uma bebida, tornou-se um termômetro social.

Cada gole agora é saboreado com a consciência de sua preciosidade, e cada xícara compartilhada é um ato de teimosia cultural — ou quem sabe, de heroísmo matinal.

Para não ficar sem o cafezinho diário, em breve, o brasileiro vai pedir café fiado, ou parcelado no cartão.



# Morre Francisco o Papa da Esperança

*“Guiou a Igreja na crise”,  
“defendeu os marginalizados”:  
como a imprensa internacional  
repercutiu morte do papa Francisco*

(G1 - 21/04/2025)

Ele acordou no domingo de Páscoa, realmente estava cansado, porém sabia que tinha uma missão a cumprir.

— Será que eu aguento? - perguntou ao seu enfermeiro particular.

— Estarei aqui para lhe ajudar, senhor.

Ele então sorriu com seu jeito tranquilo e olhar meigo e apertou a mão do seu companheiro.

Ao aparecer na praça, os fiéis ficaram emocionados, deu a bênção e pediu ao secretário que lesse seu discurso, pois não teria forças para tanto, nele pedia mais uma vez o cessar fogo na Faixa de Gaza, falou da guerra da Ucrânia, pedindo por uma paz justa e duradoura. Conhecia a ganância dos poderosos, mas não poderia deixar de ter fé. Seu olhar vagou pela Praça São Pedro depois abaixou a cabeça e permaneceu rezando a Deus por seu povo.

No breve passeio em seu papamóvel, abençoou novamente a multidão e beijou algumas crianças, ouviu os gritos de “Viva o Papa!” e se emocionou, ainda tinha protocolos a cumprir, alguns compromissos não o agradavam, porém, como Chefe de Estado, não lhe restava alternativa, gostava de trabalhar, contrariando as recomendações médicas que o queriam de repouso. No decorrer do dia, seus pensamentos o levaram a sua infância, recordou sua mãe, seu sorriso, as brincadeiras e as festas em família, pensou no Seminário, no futebol e no tango que tanto o alegrava, após um jantar leve agradeceu ao seu enfermeiro novamente pelo passeio na Praça São Pedro e, ao deitar, seus pensamentos continuaram. Nos anos do seu papado, sabia que havia desagradado a alguns, lutara para trazer a igreja de Roma para perto dos fiéis, queria uma Igreja que lutasse pela pobreza, que fosse mais tolerante e aberta, com o terço nas mãos rezou mais uma vez pelos imigrantes, refugiados, pelo fim da guerra, pelas minorias, pediu a Deus com todo o fervor que protegesse o Mundo dos Extremistas e, por fim, agradeceu por sua vida, olhou para o seu enfermeiro e com um gesto sereno com as mãos se despediu.

Fechou os olhos e descansou o sono eterno dos justos, com a consciência de que fez tudo o que pode para tornar o mundo um lugar melhor.

Eu assistia ao pronunciamento de sua morte na madrugada de segunda feira com lágrimas nos olhos e com um sentimento de perda em meu coração, me sentia órfã, pensava o que teria ele sentido em seus últimos momentos? Será que o seu legado e a sua visão de mundo continuariam fazendo parte da Igreja?

Não sei qual será o nosso futuro, só consigo pensar continue rezando por nós, Francisco!



# Só um Dia Normal

*Duas em cada três mulheres se queixam de cansaço no dia a dia*

(Fantástico - 10/11/2013)

**E**LA acordou com vontade de ir ao banheiro e torceu para que fossem duas da manhã. Não, não eram. Eram 4h45 e ela acordaria às 5h. Que raiva! Não sabia se aproveitava os 15 minutos na cama quente estando apertada ou se usaria uns 5 para resolver suas necessidades e depois aproveitar uns 10, relaxada. Pensou. Pensou e chegou à conclusão que não dava para pensar muito, porque o tempo passava.

Sim. Escolheu se levantar. Escolheu perder o tempo de ida ao banheiro e a possibilidade de ter talvez 10 lindos minutos para desfrutar de um resto de sono. Voltou e se deitou, mas ele tinha ido embora. É, o sono se foi. Foi e deixou no lugar a tristeza de ter que se levantar tão cedo em um dia tão frio, e a decepção de saber que só voltaria para aquela cama dali umas 18 horas. Escolhas. Na verdade, escolhas de quem não teve muito o que escolher.

O fato é que não conseguiu dormir mas, quando deram 5h, sendo um pouco rebelde, ficou apertando o botão soneca do celular algumas vezes, para não sair do quentinho, e acabou se levantando às 5h15, com a reclamação da filha pelo barulho, já sabendo que começava na desvantagem.

Débora – seu nome era Débora – morava com os filhos e só dois deles acordavam junto com ela. O restante acordava depois. O problema é que estava atrasada e teria que sair em 35 minutos, caso contrário, perderia o ônibus das 6h, cujo ponto não era na frente de casa.

Levantou-se correndo, chamou os filhos, fez o café correndo, esquentou o leite, enquanto a filha tomava banho apressadamente, e o filho ficava enrolado no sofá até a irmã sair do banheiro. Gritou para a filha, chamou o filho e tentou correr contra o tempo, com a cabeça meio anuviada de sono, frio e um certo desespero pelo atraso. Encheu copos com leite, colocou só café em um, pôs o pão amanhecido e a margarina na mesa. Pegou seu copinho e misturou o leite quente com chocolate em pó, que era o que ela gostava, e deixou algumas coisas organizadas para os menores. Bebeu o leite e comeu o pão em pé, montando a mesa, mandando a filha terminar de se trocar e tomar café logo, pois estavam atrasadas.

Débora tinha oito filhos. Sorte que a maioria era maior de idade e já se virava. Só três eram menores, mas não davam muito trabalho. Na verdade, o filho que dava mais trabalho não morava com ela. Marido? Não havia um a esperando à mesa com um jornal. Ainda bem. Se fosse como o antigo, era melhor não ter. Sempre sentia saudades da mãe, que fora uma benção na sua vida e a ajudara nos piores momentos.

Já eram 5h50 e ela não estava pronta quando já deveria estar na rua. Banho não dava tempo. Então, escolheu lavar o rosto, escovar os dentes, passar um desodorante e colocar qualquer roupa. Deu tchau pro filho, que tomava banho e saiu com a filha. Todos os outros já sabiam o que fazer.



Enfim, saiu faltando 5 minutos para as 6h e, após descer uma ladeira na corrida, chegou ao ponto no momento exato em que todo mundo entrava no ônibus. Por sorte, conseguiu entrar também.

Duas horas e mais um ônibus depois, Débora chegou ao trabalho. Encontrou no elevador uma colega de bom dia, Vanessa, e percebeu o quanto a moça parecia cansada. Não era para menos... Vanessa tinha um bebê e tinha que trabalhar. Débora sentia dó.

Ficou no trabalho até às 15h, cercada de vassouras, panos, produtos de limpeza e pessoas sujando o que ela limpava. Só o normal. O bom foi que, nas mensagens ao longo do dia, soube que tudo ia bem em sua casa. Eis que deu a hora de voltar. Pegou um pouco de trânsito e, duas horas depois, passou no mercado para pegar pão e na santa irmã, que a ajudava muito, para buscar dois dos filhos.

Chegou a sua casa às 18h. Descansou? Não. Viu caderno de filho, ouviu reclamação de filha, deu beijo em quem saía para estudar, deu remédio para quem estava com cólica, pediu para abaixar o som para quem achava que morava sozinho, deu sermão e aí foi pra parte da janta. Preparou a comida, jantou com os filhos, fez as marmitas do dia seguinte, deixou os pratos preparados pros que comeriam em casa, lavou a louça e só aí foi tomar um banho. Preferiu deixar pro fim. Estava morta. Já eram quase 23h30 e dali mais meia hora, Mayara, seu grande orgulho, chegaria da faculdade, e assim ela poderia dormir. É, ela tinha uma futura professora e fazia o possível e o quase impossível para que os outros filhos também pudessem seguir seus sonhos.

Sentou-se na sala, viu um pouco de TV, enquanto mexia no celular, ouviu uns áudios, viu uns vídeos, e a filha chegou. Aí sim, meia-noite, morta de cansaço, Débora poderia dormir. Sentou-se na sua cama e pegou seu livro. Débora gostava de ler! E estava lendo um livro trazido pela filha da faculdade: “Pollyana”. Esse livro ajudava a relaxar um pouco. Duas páginas de leitura depois, seus olhos pesaram.

Débora fechou o livro, apagou a lanterna do celular, deu boa noite para quem ainda estava acordado, pedindo para que não dormisse tão tarde, e mandou a mensagem de sempre: “Boa noite! Como foi o dia, meu filho?”. Recebeu o “joinha” esperado, respirou de alívio, fez o sinal da cruz e ligou o alarme. No dia seguinte, acordaria às 5h.



# Naquele Dia

*Aluno de 6 anos morre atropelado por ônibus a caminho de escola em MT*

(G1 - 24/06/2025)

VIVER não é fácil. Esse ato traz muitas alegrias, aprendizado e, principalmente, sofrimento. O franzino Heitor sabia muito bem o que é sofrer. Morador de um dos becos de José Pinheiro, em Cuiabá, com dez irmãos e sua mãe, embora muito pequeno, conhecia as adversidades da vida.

Logo pela manhã, era visto correndo pelas ruas do bairro, com os pés descalços, usando apenas um short esgarçado. Corria pelas ruas do bairro atrás do que comer pela manhã e um prato de comida pela vizinhança, quando não ia para escola se alimentar com a merenda oferecida, no intervalo.

Apesar de sua condição de extrema pobreza, tinha o corpinho bronzeado pelo sol, olhos espertos e comportamento matreiro. Tinha como fiel escudeira sua irmã, dois anos mais velha. Sidnéia sempre o acompanhava em suas andanças pelo bairro, quando não estava cuidando de seus irmãos mais novos.

Embora fosse um aluno assíduo, não conseguia decifrar aquelas letras ou fazer as contas que a D.<sup>a</sup> Zenaide passava. Sem saber ler e escrever direito, confiava em sua intuição para chegar aonde precisava e conseguir o que realmente queria.

Era comum vê-lo jogando bola com seus colegas, empinando pipa, andando de bicicleta, seu principal meio de transporte, ou na cantina da D.<sup>a</sup> Noca atrás de um “confeito” .

Sempre tinha um sorriso estampado em seu rosto e uma fé inabalável no futuro. Sonhava em ser doutor para poder ajudar seus irmãos e sua mãe. Por essa razão, ia à escola no outro extremo da cidade diariamente, sem hesitar, no sol escaldante. Mas, como a vida geralmente é imprevisível, aquele dia fatídico aconteceu...

Naquela tarde de terça-feira, Heitor pegou seu caderno, sua bicicleta e, como sempre fazia, foi à escola. Embora fosse um menino pequeno, de seis anos, desde cedo aprendeu a cuidar de si, pois sua mãe estava sempre ocupada em trabalhar na casa da D.<sup>a</sup> Ivone, para ganhar um tostão para sustentar a família.

Pegou a Avenida Sebastião Pereira, no setor Buritis, se manteve no acostamento porque acreditava ser mais seguro, atento ao fluxo dos carros que seguiam ao seu lado.

Como uma triste ironia da vida, ao se aproximar do colégio, um ônibus escolar desgovernado o acertou em cheio, sem a menor chance de escapar de tal destino.

A vida daquele sonhador acabou trazendo indignação e tristeza a todos que presenciaram o acidente e que se depararam com seu corpinho fraco, inerte, estendido no chão.



# A Cor do Erro: A Verdade Sem Filtros

*Justiça aceita falso flagrante da PM contra jovens negros: 'acho que foi racismo', diz mãe*

(Ponte Jornalismo - 02/02/2022)

**M**AIS uma noite na cidade de São Paulo, e a correria das ruas não para. Ainda é início de sexta-feira, e o movimento segue intenso, com o pessoal saindo do trabalho, se encontrando por aí. Como sempre, tudo acontece todo dia do mesmo jeito.

Toda sexta é igual: o expediente acaba, a cabeça já pensa no fim de semana, e o encontro com os amigos vira quase um ritual. O papo é sempre o mesmo, o famoso 'o que vamos fazer hoje?', fazer aquela vaquinha para juntar uns trocos e, no fim, todo mundo se junta pra comer algo, só para sentir que, no meio da correria, a vida ainda tem um pouco de leveza.

Era para ser só mais uma noite qualquer, um final de sexta-feira, o início do final de semana tão esperado.

Três jovens, O primeiro, com a camiseta do time que já desbotou, parece carregar no peito o peso de tantos dias iguais. O segundo, com a jaqueta de couro gasta, os tênis que sabem o quanto ele caminha pela cidade, solta risadas como se o mundo ao redor fosse só diversão. O terceiro, branco, mais quieto, com seu moletom preto e calça larga, fala pouco, mas sua risada é um convite para o outro, para se juntar à bagunça.

Eles estavam ali, como qualquer outro grupo de jovens, aproveitando a madrugada. O papo, como sempre, girava em torno de juntar o dinheiro para a "vaquinha", qual o rolê da vez, onde iam comprar alguma coisa para matar a fome e escapar um pouco da pressão do dia a dia. A rua estava cheia, mas a noite parecia ser só deles, como se o mundo tivesse feito uma pausa para dar um alívio a quem caminha sem medo de ser atropelado pelos tempos duros.

Mas, então, o carro da polícia apareceu. E como sempre, a gente já sabe como essa história vai acabar. A visão não era nova, o som do motor familiar, mas o carro passou de largo e deu meia-volta. A ordem veio do alto-falante, como uma sentença pronta: "Encostem na parede!".

Eles se olharam, atônitos. O que estava acontecendo? Não haviam feito nada de errado, não havia motivo para aquilo. Era só mais uma madrugada como tantas outras. Mas a ordem foi repetida, sem margem para questionamentos: "Encostem na parede!".

Naquele momento, o que estava em jogo não era mais a rotina dos amigos. A acusação chegou sem aviso: "Estão sendo autuados como suspeitos de roubo. Um carro roubado foi encontrado nas redondezas".

Suspeitos de quê? Por quê? Eles estavam ali, com seus corpos negros, suas roupas gastas pela vida que enfrentam, mas ninguém perguntava. Eles não faziam ideia do que estava acontecendo, mas uma coisa ficou clara naquele instante: a cor de sua pele, a roupa que usavam, o jeito de andar, tudo foi interpretado de forma diferente. Eles eram suspeitos, não por algo que fizeram, mas por quem eram. A única coisa que importava naquele momento era a ideia preconcebida de que, ao andar por aquela rua, eram automaticamente suspeitos.

Levados para a delegacia, a injustiça se aprofundou e, enquanto o amigo branco foi liberado quase que imediatamente, sem ser incomodado ou tratado com desconfiança, os dois negros foram detidos. Indiciados. Sem provas. O crime? A



acusação vazia que bastou para transformar seus corpos negros, com a pele marcada pela história que o Brasil insiste em ignorar, foram detidos. Transformados em presas fáceis. O sistema não questionou. A justiça não se importou. No fim, a única coisa que parecia contar era a história que a polícia quis contar — e, como sempre, ela era mais forte que a verdade.

E, no fundo, fica a pergunta: Só porque são negros? A denúncia sem provas foi suficiente. O que eles tinham de errado, além de serem jovens e negros? A condição deles, o jeito de se vestir, o espaço que ocupam na cidade, sempre os coloca como alvos. Eles não tiveram o direito de se defender. Não houve a chance de mostrar que, ali, naquele momento, não havia crime algum. O crime estava na acusação, nas mãos de quem decidiu que eles eram culpados antes de qualquer outra coisa.

No Brasil, a juventude negra sabe, mais que ninguém, o peso do corpo que carrega. Eles sabem que o simples ato de andar por ali, na sua própria cidade, pode ser o estopim para uma abordagem policial. A cada esquina, a cada olhar suspeito, eles sabem que não têm o direito de simplesmente ser. Que seu direito à liberdade é constantemente desafiado, e que, a qualquer momento, o julgamento pode ser decretado antes mesmo de qualquer prova, de qualquer explicação.

Mas o que mais dói é perceber que o sistema, que deveria ser a garantia de justiça, apenas repete um ciclo sem fim. Eles são julgados antes de poderem falar e, quando finalmente têm a chance de se defender, o veredito já está dado. Como se o simples fato de serem jovens e negros fosse uma prova suficiente para a acusação. Como se cada olhar, cada movimento, já fosse um indicativo de culpa.

Esse ciclo se alimenta da desconfiança, da ignorância, do medo. E, por mais que se tente quebrá-lo, ele persiste. Refletido em cada abordagem policial, em cada história de vítima que se perde no esquecimento, em cada jovem negro que é retirado de seu caminho pelo peso de um sistema que não enxerga sua humanidade, sem poder escapar dessa estrutura que o condena antes mesmo de saber o seu nome, mas olhando apenas para a sua cor.

A verdade é dura: o que esses jovens enfrentaram naquela noite não é um caso isolado. Não é um erro, não é uma exceção. Eles são apenas mais uma parte da estatística, mais uma vítima de um sistema que ainda insiste em tratá-los como inimigos. E a cada vez que isso acontece, é como se o ciclo se fechasse mais uma vez, mais uma vez sem resposta, mais uma vez sem reparação.

Como uma cidade pode chamar isso de justiça? Como um sistema pode aceitar uma acusação sem provas, sem a chance de defesa, sem se perguntar se a cor da pele foi a única coisa que realmente importou ali?

As perguntas, infelizmente, não têm respostas. Mas a resistência, essa sim, persiste.



# Quero uma Casa na Árvore!

*Avô realiza sonho da neta com casa na árvore que até adulto quer morar*

(Campo Grande News - 05/10/2020)

**E**STAVA na sala da coordenação da escola, resolvendo aqueles assuntos burocráticos que sempre acham um jeito de se multiplicar, quando o som de uma conversa animada escapou pelo corredor. Voz de criança, pequena, insistente. E uma outra, adulta, meio apressada, meio perdida.

Luíza, 4 anos de pura energia e convicção, travava um embate cheio de entusiasmo com o Geovani, nosso dedicado auxiliar de corredor. Ele, coitado, tentava cumprir o cronograma, levar as crianças de volta para a sala depois da atividade de jogos com bola. Mas Luíza tinha outros planos. Planos grandes.

Fui até eles, puxada mais pela curiosidade do que pelo dever, e perguntei o que estava acontecendo. Ela me olhou com aqueles olhos determinados de quem já sabe o que quer da vida e disparou:

— Ana Paula, eu preciso falar com o Diretor Rodrigo!

Informei que o Rodrigo não estava na escola naquele momento e ofereci ajuda. Ela hesitou, desconfiada da minha capacidade de resolver assuntos de tamanha importância, mas decidiu me dar uma chance.

— Eu acho que não, mas vou falar pra você, porque o Tio Giovanni não está me entendendo. É assim, ó... Na casa do meu vô tem uma casa na árvore. E quero saber por que aqui não tem?

E ali estava o motivo de tanta urgência. Não era briga, nem brinquedo quebrado, nem saudade de casa. Era sonho.

Expliquei, com a paciência de quem traduz o mundo adulto para olhos miúdos, que uma casa na árvore dependia de muitas coisas: madeira, alguém que soubesse construir, autorização da Diretoria Regional — mencionei isso sem grandes esperanças de que ela compreendesse o que significava uma “Diretoria Regional”, confesso.

Mas Luíza tinha resposta pra tudo:

— Ahhh, mas isso é fácil. Na casa do meu vô tem muita tábua. E ele pode fazer a casa da árvore aqui, igual fez lá!

Fiquei ali, encantada com a simplicidade do raciocínio. Com o poder das soluções infantis, sempre tão diretas, tão óbvias, tão cheias de fé no possível.

Prometi que no dia seguinte, quando o Diretor Rodrigo voltasse, levaria seu pedido. E que ela seria chamada para conversar.

Luíza abriu um sorriso de quem sente que venceu uma batalha justa. E com a mesma naturalidade com que defendeu seu projeto, me presenteou com um sonoro:

— Tá bom, então.

E foi embora, leve como só uma criança que planta uma ideia no mundo consegue ser.

Fiquei ali, por alguns segundos, olhando para o vazio cheio de possibilidades. E pensei que talvez, só talvez, a gente desse mesmo construir uma casa na árvore.

Porque o mundo já tem concreto demais. E sonhar deveria ser sempre prioridade no cronograma escolar.



# Quatro

*Criança entra em desespero ao ser esquecida em pátio de escola*

(Metrópoles - 20/02/2025)

UM, Dois, Três, Cinco, Nove e Dez. Tem algo faltando e tento de novo. Um, Dois, Três, Cinco, Sete, Oito e Dez. Esqueci do Seis. Mais uma vez: Um, Dois, Três, Cinco, Seis, Sete, Oito, Nove e Dez. Agora sim, todos estão presentes. Todos os dias, assim que as crianças entram na sala, a professora começa com esta fala. Ela nos diz que assim vamos aprendendo matemática. Não sei ao certo o que esta palavra quer dizer, mas já percebi que tem a ver com dar nomes diferentes às crianças da nossa turma.

A Amanda, a professora chama de Um, o José vira o Cinco, e o Dez é o nome que Tadeu recebe. Eu gosto muito do Dez porque Tadeu é meu melhor amigo, mas ele não gosta que eu chame ele de Dez. Quando a professora não chama pelo Dez, me sinto mais triste... vai ser um dia que vou ficar sozinho. Hoje foi assim. Estávamos todos na sala, menos o Tadeu. A professora foi chamando as crianças por esses apelidos, parece gostar mais do que nos chamar pelo nome que mamãe nos deu. Um, Dois, Três, Cinco, Seis, Sete, Oito e Nove. Ela diz que é importante dar um nome aos grupos formados por meninas e meninos. Não entendo o porquê, geralmente meu grupo é apenas eu e o Tadeu, mas a professora diz que não pode, que precisam ser todos os meninos que vieram no dia de um lado e todas as meninas que vieram do outro.

A professora é esperta, deve saber mais que eu. Então, eu escuto bem atento para não errar o nome do grupo do dia de hoje. O Tadeu não está para me ajudar caso eu esqueça, e não quero fazer feio se a professora me perguntar. Um grupo - o dos meninos - recebeu o nome de Cinco, enquanto o das meninas vai ser chamado hoje de Três. Repito algumas vezes para não esquecer. Agora mesmo estou fazendo isso enquanto observo a minha turma no refeitório lanchando.

A janela está um pouco embaçada, mas dá para dizer os nomes daqui. Ali está o grupo das Três, mas o grupo dos Cinco está meio separado. Tem alguns na mesa e outros correndo. Acho que eles ainda não entenderam que o grupo deve andar junto para poderem ter um nome só, senão ficam apenas sendo chamados de Dois, Sete, Cinco. O Oito acaba de escorregar e cair. A professora está correndo em sua direção. Parece que ela está dando uma bronca nele.

Daqui não consigo ouvir, pois a janela está fechada, mas a cara da professora não é muito agradável. Nossa, minha barriga está fazendo barulhos. Acho que estou com fome. Não tomei café da manhã antes de vir para escola, mas lá dentro a hora do lanche parece estar acabando. A professora está organizando a fila, chamando as crianças uma a uma, mesmo que estejam todos na fila. Ela fez isso uma vez, mais uma, mais uma e mais uma. Tem alguma coisa de errado, mas acho que ela não sabe bem o que é, pois continua chamando as crianças. Tentou até pelos nomes verdadeiros.

A Ruth, também chamada de Nove, é a preferida da professora e está falando algo. A professora começou a gritar. Grita tão alto que consigo ouvir daqui do parque. Ela está chamando pelo Quatro. Que nome é este que nunca ouvi. Quem será o Quatro? Uma criança nova que ela ainda não nos apresentou? Tô tentando ver daqui, mas não encontro crianças diferentes



nem na nossa turma, nem na turma dos outros. Tá ficando difícil porque não consigo ver direito os cantos devido às grades na janela. Ela continua a gritar e agora está andando de um lado para o outro. As outras crianças começam a olhar em volta, mas nem devem saber quem é o Quatro. Dei umas batidinhas aqui na janela. Eu quero ajudar a procurar se ela me deixar entrar na escola. Ela me viu e está vindo, mas parece enraivecida.

Abriu a porta, me pegou pelo braço, me colocou para dentro e agora está falando muitas palavras que nem conheço, rapidamente, sem nenhuma pausa. Terminou, finalmente, ela devia estar precisando desabafar por não ter encontrado o Quatro. Estou agora na fila, e ela voltou a dizer os nomes: Um, Dois, Três, Quatro, Cinco, Seis, Sete, Oito e Nove. Vamos para a sala, disse ela como se nada tivesse acontecido.



# Crônica da Mulher Morta

*Mulher é morta pelo marido com mais de 40 facadas na Grande SP*

(SBT News - 09/05/2025)

Hoje cedo, ao ligar a televisão enquanto tomava meu café, soube de mais uma mulher — bela, amada, desejada outrora — que foi drasticamente retirada desta vida, levada para outro lugar.

Um lugar que, certamente, ela não desejava ir. Tinha planos, sonhos, realizações e amores que ainda queria viver.

Fico pensando: como é possível viver em um ambiente tão hostil, inflamado de ciúmes, ao lado de alguém que dizia amá-la? Um ambiente onde o diálogo se torna inviável, onde falta empatia, onde já não existe mais troca...

É como se as diferenças entre dois mundos — o dela e o dele — gritassem e ecoassem nas almas, abafadas pelo ódio, pela falta de ternura, de carinho. Até onde é suportável conviver com a dor de perder o encantamento, a paixão e a esperança?

Será que é esse o motivo da violência que agora parece substituir o que um dia chamaram de “amor”?

Um amor que, na verdade, menospreza e discrimina sua condição de ser mulher, de ser feminina. Ela tinha o mesmo direito de estar aqui, neste mundo, neste plano. Tinha o direito de compartilhar a vida, os sonhos, os amores — com beleza e dignidade.

Mas onde estão os direitos que, dizem, são garantidos por lei? Eles não parecem proteger as mulheres desse mal contínuo que atravessa os nossos dias. Notícias como essa entristecem e envergonham qualquer resquício de empatia por essas Amazonas — mulheres arrancadas de forma brutal por alguém que dizia amá-las.

Ontem mesmo, me recordo, ouvi sobre outra mulher. Outra “Amazona” que foi tirada deste mundo abruptamente — sem honrarias, sem empatia, sem amor.

Parece a mesma notícia. A mesma história. Mas não é. A verdade é que as lindas, as belas, as amadas e apaixonadas Amazonas estão desaparecendo — vítimas do menosprezo, da discriminação, do simples fato de serem mulheres.

E, no fundo, o que eu mais espero é que amanhã... amanhã não traga mais uma dessas notícias fatais.



# O “Maracanazo”

*Uruguai vence o Brasil e conquista  
a Copa do Mundo de 1950*

(O Globo - 17/07/1950)

**T**ODA vez que assumo uma nova sala de alunos, sempre trabalho com questões de registros, como o historiador trabalha para reconstituir o passado. E para sensibilizar sobre o problema de reconstituir o passado, trabalho com a própria história individual dos estudantes. Um dos primeiros instrumentos de resgate da própria história é consultar a memória. A memória está associada ao nosso grande processador que é o cérebro. Falo, de maneira didática, que a memória está localizada numa “caixa preta”, o sistema límbico, uma espécie de armário de arquivos que é acessado por associações e experiências. Explico que os nossos registros traumáticos e felizes estão nesse armário natural. Brinco que as gavetas em que ficam os traumáticos deveriam estar sempre emperradas. Mas, na realidade, é bem diferente. O indivíduo tenta resolver, e encará-los, e absorvê-los ou procura ajuda de um especialista.

Para ilustrar esse dilema entre trauma e prazer, passo sempre para os estudantes um curta-metragem chamado Barbosa. Uma ficção em que a personagem principal tenta resolver um problema traumático pessoal e, ao mesmo tempo, resolver um trauma coletivo e do protagonista histórico do evento, o goleiro Barbosa. O curta se refere à final da copa do mundo de 1950, realizada no país em que o Brasil perdeu por dois a um para o Uruguai. No curta-metragem, a personagem inventa uma máquina do tempo e tenta resolver o seu problema pessoal ao interferir no resultado final, mas dá tudo errado, e o fato ainda é reforçado.

Perdi a conta de quantas vezes passei esse curta-metragem, mas, ultimamente, comecei a refletir muito ao assisti-lo e perceber que os estudantes, principalmente os jovens, desconheciam que houve aquele evento. Essa tragédia nacional praticamente estava sendo esquecida. Eu não os culpo. E, por consequência, o trabalho aumenta, tenho de contextualizar o evento e o que ele pesou na psique coletiva. É um resgate da memória do país, algo que passaria no meu tempo de criança na mídia esportiva. Por isso há a escola e o professor de História para lembrá-los desses fatos e discutir com eles.

Diferente é a situação quando, certa vez, a seleção brasileira de futebol ia fazer um amistoso comemorativo aos 50 anos da primeira conquista da copa do mundo. Ao ser interpelado por um repórter sobre o evento, o capitão da seleção respondeu de forma ríspida por não ter a obrigação de saber sobre a história da seleção brasileira. Ou seja, o sujeito não sabia da importância do jogo e a razão de estar lá. A mídia esportiva e eu ficamos indignados com a resposta do abonado jogador, faz parte do ofício dele pelo menos conhecer a história básica da instituição que ele representa, no caso da seleção de futebol. Isto é um sinal de que a memória do país vai de mal a pior. Isto não me surpreende, sei que faz parte da cultura da sociedade brasileira. O problema maior do esquecimento é a possibilidade de manipular a narrativa dos fatos ou até mesmo a negação deles. Um prato cheio em tempos pós-modernos, por isso a importância dos registros e da manutenção da memória.



Voltando à questão do jogo fatídico, foi um evento traumático coletivo, parecia que todo o Brasil se exprimia no Maracanã, a conquista seria uma festa para a nação. Cada vez que vejo o curta, internalizo a dimensão que fora aquele jogo. Meu próprio avô, que estava presente no Rio de Janeiro, contava sobre a quantidade de pessoas que se mataram depois do jogo. A melancolia era tal que o próprio Obdulio Varela, capitão da seleção do Uruguai, ao sair para comemorar o campeonato nos cafés da capital, ficou condoído pela tristeza das pessoas nas ruas.

Por isso a importância da memória e da manutenção de certos momentos da história do país e que não caia no esquecimento e lutar para que não sofram manipulações de poderes obscuros que almejam deturpar a história do país para seus interesses ideológicos e econômicos.

Cito Marx no seu livro “18 do Brumário”, para tirar o jugo das costas do injustiçado goleiro Barbosa. Na introdução do livro, escreve que a História se dá como tragédia em sua primeira vez e depois se repete como farsa. A tragédia do “Maracanazo” da copa do povão em 1950 em nada se compara com a farsa do “Mineirazo”, a copa dos preços extorsivos e sem povão nas arquibancadas, seu resultado foi de uma vergonha em tal dimensão, que aquilo representou um recado semiótico para a nação, o que viria no futuro do país – Brasil 1 x 7 Alemanha.

Salve Barbosa, descanse em paz e “ódio ao futebol moderno”.



# “Emocionado”

*Pai se emociona com surpresa de aniversário*

(Portal Só Notícia Boa - 05/06/2025)

ACHO curioso como nesse mundo maluco em que vivemos alguns gestos simples podem se tornar tão significativos. Quer dizer, se a gente realmente parar e prestar atenção neles.

Meu vizinho, seu Florisvaldo, representa bem a geração dele: digita bem lentamente mensagens no celular, custa a entender como lidar com as tecnologias do dia a dia – que uma criança de quatro ou cinco anos já domina perfeitamente – assiste à TV aberta para ver as notícias, reclama da pressa e da falta de paciência dos mais jovens. Você já adivinhou quantos anos ele tem?

Você pode até me chamar de “etarista”, aquela pessoa que tem preconceito com os mais velhos (isso também pode acontecer ao contrário, mas geralmente é gente jovem que sofre desse mal)... mas, veja bem, estou defendendo a forma como seu Florisvaldo percebe a vida: ele leva o tempo dele para completar suas tarefas e está tudo certo.

Estou contando tudo isso sobre ele porque, na semana passada, seu filho mais novo lhe fez uma homenagem. Seu Florisvaldo, homem discreto, com poucos amigos próximos e que perdeu a maior parte da família muito cedo, nunca tinha tido uma festa de aniversário! E João organizou uma surpresa para o pai, convidando toda a família e os vizinhos do mesmo quarteirão.

Ao receber as felicitações por seus 71 anos, com lágrimas nos olhos, meu querido vizinho exclamou: “Tenho sido muito reclamão, e a velhice é muito difícil, mas sou tão grato por ainda poder compartilhar esses momentos com minha família! Vocês não imaginam o que significa pra mim soprar as velinhas e comer um bolo feito pro meu aniversário!”. Muitas crianças à mesa não entenderam por que aquele senhor estava chorando, talvez elas nunca tivessem presenciado alguém chorar de felicidade.

Um dos vizinhos achou a ocasião digna de virar notícia no jornal do bairro e descreveu a cena para um dos repórteres que mora ali perto. E eis que esse escritor emocionado pensa: “Poxa vida, com tantas notícias de violência e desalento todo dia, será que alguém vai ler a minha singela narrativa?”.

O que emociona e surpreende as pessoas varia muito. Mas não estamos todos, no fundo, sempre esperando que alguém vá nos surpreender?



# Homem com H

*Adolescente viraliza ao performar Ney  
Matogrosso em apresentação de escola e ganha  
elogio do artista nas redes sociais*

(G1 - 17/06/2025)

**S**ESSENTA e sete anos os separam.  
Sim, mais de meio século.

E, mesmo assim, mais uma vez, a arte se mostra atemporal e imortal.

O garoto nordestino, franzino, com o rosto pintado de branco e detalhes em preto, inspiração do teatro Kabuki japonês, imitando o artista octogenário, não se intimida e, com esplendor, apresenta-se na quadra da escola. Ele dança e rebola, o corpo é o seu instrumento, tal como é o do seu homenageado há décadas.

O cantor enfrentou o preconceito, fez da arte a sua bandeira e dos palcos o seu campo de guerra. Lutou de cabeça erguida e quadris soltos, conquistou o mundo com a sua voz de contratenor e olhar penetrante.

Ambos, distante no tempo e espaço, mas próximos na criação. O menino vira homem, homem com H, enquanto, em algum lugar das praias cariocas, o artista vê o vídeo e sorri.



# A Mulher Sozinha

*Morte de brasileira na Indonésia  
comove o país e levanta alerta sobre  
segurança de mulheres*

(Jovem Pan - 24/06/2025)

**E**STAVA atrasada de novo. Enquanto saía da portaria do prédio, vi o meu ônibus descendo a rua, não poderia me atrasar mais, o próximo ainda demoraria muito para passar, saí correndo atrás dele para minha dose de humilhação diária. O farol fechou e cheguei a tempo no ponto e, como recompensa pela minha correria, consegui embarcar e ainda encontrei um lugar para me sentar.

Peguei meu celular para dar uma olhada nas últimas notícias: conseguiram chegar até a menina que caiu na trilha do vulcão. Morta. Tarde demais. Na reportagem falam como as redes sociais se comoveram com toda essa história, me admira essa surpresa, nós, mulheres, sofremos tanto essa negligência, esse abandono, essa falta de socorro. É claro, foi uma grande tragédia, mas não preciso ir até a Indonésia e cair em um vulcão para notar isso. Agora mesmo, olho pela janela do ônibus e vejo uma mulher grávida, com um bebê no colo, sentada na sarjeta em frente à padaria pedindo esmola. Abandonada. Quantas de nós não pedimos socorro diariamente, com parceiros agressivos, com sobrecarga de trabalho, com julgamentos sem fim? Não temos ajuda. Estamos sozinhas.

A fala da ministra Macacé Evaristo é muito importante: “Devemos transformar o luto em luta: para que nenhuma mulher seja abandonada e para que não transformem nossos sonhos em culpa”. Juliana, mesmo morta, continua sendo julgada. Nos comentários as pessoas se perguntam porque ela foi se colocar em risco, porque foi fazer uma trilha num lugar tão afastado e perigoso? Como uma mulher ousa ser aventureira e desbravar o mundo sozinha? Tantos anos se passaram e continuamos sendo julgadas e vistas como o sexo frágil. Juliana foi corajosa, foi atrás dos seus sonhos e foi viver a vida que queria viver.

Eu, diferente de Juliana, não fui tão corajosa. Sempre sonhei em viajar sozinha, conhecer novos lugares, novas pessoas, novos saberes. Imagina quão incrível seria fazer um mochilão pela Europa? Ou talvez, o meu grande sonho, transformar um ônibus num motorhome e desbravar o Brasil inteiro sobre rodas? Quantas coisas lindas eu veria, quantas experiências incríveis eu teria. Mas não, tenho medo. Medo de me perder, medo de ser julgada, medo dos homens com quem vou cruzar pelo caminho.

Sim, ser mulher também é ter medo dos homens. Na seção de comentários, vemos falas que chegam a dar nojo, homens comentando sobre o corpo de Juliana, falando coisas depravadas que gostariam de fazer com ele. Nem na morte, nem no desespero somos respeitadas. Imagina o que poderia acontecer comigo se eu fosse fazer uma viagem sozinha? Não! Melhor não me arriscar. Mas acho que ser mulher é viver em constante risco, não é mesmo?

Não sei... Eu me perdi nos meus devaneios. O ônibus já está chegando no meu ponto e eu preciso seguir com minha vida. Está na hora da minha aventura. Está na hora do meu grande ato de coragem diário. Olhar para os dois lados, estar sempre atenta e torcer para não encontrar nenhum perigo. Eu, mulher, andando sozinha, à noite, na rua.



# A Festa do Padroeiro ou Eu vi o futuro

*Por que se celebra a Festa do Padroeiro?*

(Editora Redentorista - 06/03/2024)

**C**OM ansiedade, fui à festa do Padroeiro de minha cidade. Voltei ao local em que nasci, dentro de casa, parto normal. Eu ainda nem tinha uma história própria e já fazia parte da história dela. Nasci no dia do Santo Padroeiro! Fazemos aniversários juntos!!! Aniversário de quarenta anos.

Cheguei cedo. A cidade já estava movimentada, se preparando para a festa. Pessoas na rua... umas eu reconheci... Passei pela “minha casa” ... saudades... Cadê a roseira?! No local está uma “lan house” com jeito de que já foi garagem... No fim da rua tinha uma esquina, agora tem um açougue e mercadinho... servia de campinho... Pelas ruas, a minha memória dava voltas procurando reconhecer coisas, pessoas, lugares: eu ia e voltava ao passado, como o balanço da “praça pequena”, que ainda estava lá, indo e vindo pelo vento.

O cortejo iria sair às dez horas. Fui à igreja. Já estava lotada. Todos esperando o padre, meu primo. À procura de um sinal.

Concentrada, uma boa parte dos presentes olhava para as palmas das mãos, como cartomantes querendo decifrar o próprio destino. Sem desviarem o olhar, magnetizados, conversavam entre si. Alguns, levantavam as mãos, olhavam para o céu, investigando o infinito... pedindo... buscando um sinal...

Também olhando para o céu, para o chão, para dentro das casas, sem se importar com as pessoas na rua, um grupo de crianças passou correndo, agitado em direção à praça procurando “pokémons”, eu soube depois. População presente!

Com a presença do padre, o cortejo preparou-se para sair. À frente, os devotos oravam, rezavam, cantavam hinos, concentrados na fé. Os coroinhas de mãos postas, cantavam enquanto procuravam a melhor posição; o melhor ângulo para sair nas fotos, nos vídeos... Também olhavam para o alto.

Pessoas da cidade, de cidades vizinhas. Todos ali, ansiosos, nervosos, olhando para cima, para as palmas das mãos, para as mãos dos outros. De repente... A euforia! Felizes riram: Eu te vi! Eu também te vi!... Eu me vi!!!

As janelas das casas, os muros e as calçadas estavam cheias. A procissão seguia. Seguido pela banda musical, o andor ia à frente, imponente, ladeado pelo cortejo, cumprindo a sua missão, como os devotos que cantavam, pediam e agradeciam bênçãos e, de mãos postas ou de mãos dadas com a pessoa do lado, demonstravam momentos de fé e de entrega.

Drones voavam, e as cabeças giravam, acompanhando o voo preciso e ágil, ao mesmo tempo que buscavam ver-se nos próprios celulares, pelas plataformas digitais. Todos queriam se mostrar presentes, se fazer presentes, e mais que tudo: ver-se presentes!

Os coroinhas vinham tentando concentração, mesmo eufóricos com os acenos dos que os estavam filmando e pedindo atenção. Os controladores dos drones riam, apostando corrida e deixando a população maluca.

Quando do retorno à igreja, já bem próximo à praça, ouviu-se um barulho forte, mas abafado pelo som da banda da



prefeitura, pelo cantar dos fiéis, pelo burburinho da multidão e pela busca da melhor foto. Quase ninguém percebeu. Tumulto e pânico!

Deu-se quando os vídeos sumiram, quando as televisões deixaram de transmitir ao vivo, e quando as pessoas, que, da janela assistiam o passar do cortejo, não mais puderam acompanhar também ao vivo, a cores e em tempo real, pela televisão.

Em frente à praça, a banda parou de tocar. Chamando a atenção de todos, o prefeito dirigiu-se ao povo e anunciou o acontecido: alguns drones haviam se chocado com o poste de telecomunicações, outros com os fios de transmissão e outros dois, entre si. As transmissões ao vivo estavam encerradas. Pediu a compreensão de todos, e o burburinho foi unânime. A banda puxou a música oficial da cidade e a indignação aumentou. O Padre veio à frente.

Como parente de quase toda a cidade e amigo de todos desde a infância, quando saiu para estudar na Capital. Pediu compreensão. Falou sobre o Padroeiro. Falou sobre a importância da festa, de como a Cidade ficou mais bonita naquele dia. Destacou a participação e a ajuda de toda a população, com trabalho, com doações e orações.

Chorou ao relembrar os bons tempos, que lhe vieram à mente por meio das músicas: arriscou um hino, comovendo o povo com olhares atentos e receptivos. E, rindo, pediu para que todos olhassem para os amigos ao seu redor, com a mesma ansiedade com que buscavam as câmeras dos drones. Olhou em minha direção, reconheceu-me.

Sorriu, acenou, falou meu nome, chamou-me à frente. Enrubesci! Eu estava do outro lado da praça, onde horas antes os meninos corriam atrás de pokémons. Tímido, fiquei em pânico. Alguns vieram ao meu encontro. Parentes e algumas amigas de minha família vieram com olhos saudosos tirar selfies. Alguns amigos da escola também vieram cumprimentar-me com carinho, trazendo os filhos. De celulares em punho, miravam a câmera para mim. Tentando me desvencilhar, lembrei-me do “Pikachu” e desviei o olhar para não ser capturado como “pokémon” encurralado. Dez anos!

As crianças já cresceram, “pokémons” já foram “encontrados”, drones já não causam tanto alvoroço. Já estou ansioso para rever o povo. Amanhã farei aniversário e voltarei à cidade. Já avisei ao meu primo.

Ah, pedi para a IA um título para este texto. Ela retornou com “Os pokémons”; “O Padroeiro”; “Os coroinhas” e “Pikachu”. Não gostei: não deu match!!!



# Brasil, um Sr. Ultra

*Ultraprocessados chegam a compor 30% da dieta em Florianópolis, mostra estudo da USP*

(O Globo - 27/06/2025)

**N**ÃO é uma tarefa fácil idealizar o Sr. Brasil como um professor ou um orientador que poderia nos ensinar a pensar e a tomar decisões benéficas para a nossa própria saúde e bem-estar. Na verdade, é notório que não existe um único Sr. Brasil, e sim vários, com objetivos bem distintos, mas que tem um fator em comum: pensam em seu próprio engrandecimento sem temer a mal algum. A alimentação de toda uma geração faz parte desse “negócio”, que, por sua vez, sempre consegue mais um “sócio”.

Vejam só, o crescimento desenfreado e não questionado do consumo de tudo aquilo que é ultraprocessado pode nos levar a uma reflexão sobre a nossa própria nutrição cultural e intelectual, assim como o nosso poder de escolher com consciência e sem obediência ou influência. Bem, vamos lá, É FATO OU FAKE que quanto mais conhecimento se tem, mais o discernimento vem? Ou que mais entendimento é igual a menos descontentamento?

Reflitamos e sigamos, o termo “ultraprocessado” por si só e sua forma concreta, o alimento mais do que refinado, sem dúvida, criam abismos e desequilíbrios na própria natureza humana, como entre o natural e o artificial, entre o conhecimento ancestral acumulado e o interesse financeiro manufaturado, entre o viver e o adoecer, entre o escolher e o se deixar convencer. E quando nos detemos a pensar que todo excesso indica uma falta, podemos imaginar os impactos negativos e expressivos dessa ultramodernidade na nossa mente e no nosso corpo, na atualidade. Déficits nutricionais, excesso de dependências físicas e emocionais, isto é, tudo aquilo que não tinham os nossos ancestrais.

Sem dúvida, os Brasis poderiam se preocupar mais com as brasilidades e necessidades dos seus e menos com as lucrati-vidades dos CEOs e, assim, tornar-se um país ULTRA de verdade, sem vaidades. Ultra no conhecimento, na educação, na saúde, na nutrição, na justiça, na promoção da leitura, na conscientização, na humanidade e na comida de verdade.

Causa inquietação se dar conta de que há um ranking nacional da comida que faz mal e que há regiões do país em que essa presença parece sobrenatural, e o enlatado tem muito mais valor do que o prato trivial.

E também traz sérios questionamentos, como “Quem se importa com cada cidadão que ‘engrossa esse caldo?’” ou “Até onde seguiremos sem nos importar com o que comemos?”. Pois bem, o fato é que todos percebemos uma preocupação “genuína” das grandes empresas e das autoridades com as pessoas e suas necessidades. Há uma crescente fonte de medicamentos gratuitos para os males consequentes da obesidade, isso sem falar nas opções de livros de autoajuda, que já não são raridade, e até as páginas para colorir cada uma das nossas necessidades.... Ah, não podemos deixar de mencionar os métodos revolucionários para emagrecer e ser saudável, hoje em dia tudo é tão acessível, NÃO ESQUECE!, pois até material escolar, quer dizer “caneta”, emagrece.

Bom, pensando bem, acho que é ultra precipitado julgar aquilo que já é ultra aceito por todo o mercado e sequer é questionado. Enfim, esse texto... só questionamentos e devaneios; afinal, no mundo dos outdoors, dos comerciais e das redes sociais as coisas parecem tão normais. Você não acha que as pessoas estão felizes e satisfeitas até demais!?



# A Cápsula da Esperança

*Cápsula Dragon Endurance, da SpaceX, chega à Estação Espacial Internacional*

(G1 - 24/03/2025)

**E**RA uma segunda-feira de sol escaldante e café requentado quando o professor Aristides, da Escola Municipal Mourão, teve uma ideia revolucionária: montar uma cápsula do tempo para que as futuras gerações soubessem como era viver em 2025. A ideia surgiu depois de um estudante perguntar:

— Professor, antigamente existia internet a cabo?

Aquilo o atingiu como um raio. Antigamente? Desde quando a internet a cabo virou coisa de museu? O professor percebeu que a tecnologia avançava rápido demais, e era preciso deixar um registro para os habitantes do futuro. Assim, nasceu o Projeto Cápsula da Esperança.

A escola inteira se empolgou. Estudantes, professores, zeladores, a dona da cantina e até o porteiro Zé entraram na missão de escolher os itens que iriam para a cápsula. Era um projeto sério, digno de um prêmio Nobel ou, pelo menos, de uma citação no jornal do bairro.

A diretora, dona Sílvia, reforçou a importância do trabalho:

— Precisamos mostrar às futuras gerações o que realmente importa para nós!

— Tipo pão de queijo? - perguntou Carlinhos, aluno do 8º ano.

— Exatamente! - respondeu o professor, sem saber se estava sendo irônico ou não.

O primeiro desafio foi decidir o que colocar dentro da cápsula. A escola inteira fez sugestões:

Um celular velho — para mostrar como os humanos usavam um pedaço de vidro para resolver a vida.

Um fidget spinner — ninguém sabia por que, mas parecia importante.

Um print do grupo da família de um aplicativo de mensagens — para que as pessoas do futuro entendessem a complexidade das brigas sobre política e os “Bom dia!” com flores.

Uma máscara de pano — para lembrar da pandemia e das dificuldades de respirar com óculos embaçados.

Uma figurinha do Neymar — porque, segundo os estudantes, ele ainda estaria jogando em 2050.

O professor Aristides tentou argumentar que deveriam incluir algo mais científico, mas foi voto vencido. Afinal, quem queria saber de livros quando se podia guardar um meme do cachorro caramelo?

O problema seguinte era: onde enfiar tudo isso?

O porteiro Zé sugeriu um tambor de tinta velho. O zelador, seu Genésio, disse que tinha um cofre antigo sem chave. Depois de muita discussão e de um vídeo tutorial, decidiram usar uma caixa de inox do laboratório de ciências.

A turma do 9º ano ficou responsável por selar a cápsula. Como nenhum deles sabia o que era um martelo, a professora de educação física interveio e resolveu tudo com fita isolante e muita fé.



No dia da cerimônia, todos estavam emocionados. A cápsula foi enterrada no pátio da escola, ao lado do antigo parquinho que ninguém usava porque tinha um balanço torto. O professor Aristides fez um discurso comovente:

— Que as futuras gerações encontrem essa cápsula e compreendam como vivíamos. Que saibam de nossas lutas, nossas alegrias e nossos memes.

Todos aplaudiram. Alguns choraram (de rir), e a diretora decretou que aquele seria o dia oficial da Cápsula da Esperança.

...

No ano de 2090, uma nova geração de estudantes descobriu a cápsula durante a reforma da escola. O diretor da época, um robô chamado G-Pedro, ordenou que fosse aberta. Todos se reuniram para testemunhar esse evento histórico.

Ao verem o conteúdo, ficaram confusos. O celular parecia uma pedra inútil, a figurinha do Neymar estava amarelada, e ninguém entendia para que servia um fidget spinner. Mas foi o print do grupo de WhatsApp da família que causou o maior espanto.

— O que significa “manda notícias, sumido”? - perguntou um estudante.

— Acho que era uma forma primitiva de rastrear as pessoas - respondeu a professora de História.

Os estudantes analisaram os itens com curiosidade, sem entender por que alguém precisaria de uma máscara de pano ou o motivo de tantos “kkkk” escritos nos registros antigos.

Por fim, decidiram enterrar outra cápsula, com os objetos que consideravam importantes: um chip neural, uma IA de bolso e um holograma da nova geração do Neymar. E, assim, o ciclo continuou. Moral da história? O tempo muda tudo, mas algumas coisas, como os memes e o pão de queijo, são eternas.



# Aula é Terreno, Palavra é Muda

*Homem planta sozinho 18 mil árvores e cria primeiro parque linear de SP*

(Globo Repórter - 12/12/2025)

**E**NTRE pilhas de lição de casa para corrigir, ouvi ao longe a televisão dizer que seu Hélio plantou mais de 18 mil árvores. Sozinho. Plantou sem mutirão do bem com camiseta de quem pensa uma ecologia neutra, do tipo jardinagem sem conflito, sem lama. Pelo menos foi isso que ouvi, ou o que ficou em mim daquilo que ela tentou dizer. Ele, Seu Hélio, acordava cedo, sujava as mãos e fincava muda por muda no chão cansado da Zona Leste, como quem susurra um poema que ninguém pediu para ouvir. Como quem repete um “bom dia” para quem nunca responde, mas ainda assim não se cala.

Eu pensei nele hoje, no meio de uma aula de Geografia, quando falava para as crianças sobre as transformações da paisagem. Entre parques, praças, respiros, possibilidades, mostrei à turma o Parque Linear Tiquatira. O silêncio que veio depois do vídeo foi raro. Daqueles momentos em que a sala não está vazia nem barulhenta, mas cheia de alguma coisa difícil de nomear.

Foi quando repeti pela oitava vez que a cidade muda quando a gente cuida. Que o ser humano também é paisagem, é animal. E fui encarada com o mesmo espanto de quem ouve que Seu Hélio plantou uma floresta sozinho.

Um “há?” coletivo que ecoa como pergunta existencial: pra que mesmo?

Ser professor é mais ou menos isso: cavar buracos na pressa alheia, jogar uma semente de conhecimento e fingir que não está ofendido quando alguém pergunta se aquilo serve pra alguma coisa.

A sala de aula é o meu Parque Tiquatira — que minha irmã, criança, chamava de Tiquarica (num desses erros que ficam mais bonitos que os acertos), feita aos poucos, de silêncio e um tipo de esperança que só existe quando não se tem garantias. Às vezes, dá a impressão de que ninguém está vendo. Nem Deus. Nem o menino da primeira carteira que finge que escreve enquanto desenha um boiadeiro no caderno.

Quando me dou conta, estou ali — sozinha, falando com doze, vinte, trinta futuros possíveis — e tão concretas realidades. Vinte e três presenças na chamada. Quase nenhuma presença no olhar. É nesse vácuo entre o que digo e o que fica que a solidão se instala, discreta, como uma sombra no canto da lousa. Talvez a solidão do professor seja mesmo uma paisagem do ofício — e não um fracasso.

De vez em quando, sem aviso, alguém volta. Um ex-aluno, agora amigo. Uma mensagem no celular. “Prô, se liga quem tá na vivência aqui na Unicamp, aquele cara que cê me falou na aula.” O áudio chega no intervalo de uma aula de recuperação



com quem ainda acredita que vencer é mais importante que aprender. Dois tempos. Duas realidades, três, a minha, a deles. Um brotou, chegou à copa, outro ainda resiste à terra. Tomara que esse possa perceber que o enfrentamento que não constrói vira só ruído — e que a partilha, quando vem com escuta, move mais do que qualquer grito.

Queria que eles se conhecessem.

Ouçõ o áudio novamente, me vejo dona de um sorriso miúdo quando a tela do celular apaga e vira espelho. No reflexo imperfeito de quem ensina e espera aprender, percebo: a árvore pegou, brotou, tem raiz.

Quem sabe seja por isso mesmo que eu continue. Porque, ainda que sozinhos, professores e Seus Hélios sabem que plantar é desafiar o tempo. É insistir que há sentido onde o mundo só vê utilidade. É apostar que, mesmo sem plateia e aprovação, o gesto permanece — não como prova, mas como presença. Há aqui um tipo de eternidade que não faz barulho. Que se espalha em galhos, vozes, raízes. Que floresce no intervalo indizível entre uma explicação e um olhar de quem finalmente compreendeu. Um gesto de quem cultiva mesmo sem saber quem vai colher. Aula é terreno, palavra é muda.

E ensinar, talvez, seja isso: escolher o terreno mesmo quando parece estéril, fincar a palavra mesmo quando ela ainda é muda — e confiar que, um dia, ela florescerá. Acreditar, contra o cansaço fabricado do mundo, que toda semente carrega dentro de si uma revolução.



# Guarda Compartilhada

*Japonês se transforma em Collie com fantasia ultrarrealista de R\$ 75 mil*

(G1 - 26/05/2022)

**O** PACOTE chegou numa terça-feira. Quarenta dias. Setenta e cinco mil reais. Toko-san, quarentão sonhador, tremia enquanto rasgava a embalagem. Se tivesse rabo, estaria balançando. Dobrada ali, a realização de um sonho: uma fantasia de COLLIE ULTRARREALISTA. Seu ingresso para o mundo canino.

Vestir a coisa foi o primeiro desafio. Não era uma fantasia de Carnaval. Era uma armadura de pelos sintéticos e músculos esculpidos, com um focinho estruturado. Toko-san suave para encaixar patas, tronco e cabeça. Sua visão reduziu-se a dois buracos, e o ar rarefeito já o fazia questionar o investimento. Tentou abanar o rabo. Nada. Soltou um latido? Não. Um engasgo felino. E justo aí, uma coceira surgiu — bem no meio das costas. Lugar impossível de coçar com “patas”.

Precisava estrear a nova identidade. Prendeu a coleira em si mesmo e saiu, cambaleando. Logo encontrou o primeiro obstáculo: Kosei Inukai, o vizinho dos óculos grossos e vibe de quem coleciona figurinhas de raças raras caninas.

— OH! MAS QUE COLLIE... ESPETACULAR! — exclamou, quase idolatrando.

Toko-san tentou acenar. Kosei achou que fosse uma pata levantada.

— Ele é tímido... — cochichou, oferecendo um biscoito fedorento que Toko-san recusou, com um gemido abafado. Tentou fazer carinho. Quase derrubou o “cão”.

Nesse desespero, Toko-san esbarrou em Akari-chan, a vizinha do 3B. Sorriso gentil, olhos que compreendiam sem palavras. Ela riu.

— Oh! Desculpe, amigão! Você está bem?

Fez um carinho suave na cabeça do Collie. Toko-san quase caiu tentando abanar o rabo.

— Que cachorro expressivo! — disse, divertida.

Os passeios matinais se tornaram um balé de fuga e aproximação. A coceira — tanto a literal quanto a emocional — não dava trégua. A fantasia, que era para libertar, agora prendia. Sua paixão por Akari-chan crescia, mas ele seguia escondido sob pelos sintéticos.

Até que um dia, com Kosei tentando fazê-lo rolar no chão, Akari apareceu. Toko-san, no limite, arrancou a cabeça da fantasia dramaticamente. Silêncio.

— MEU DEUS! VOCÊ ESTÁ NU DENTRO DE UM CACHORRO?! — gritou Kosei.

Ali estava Toko-san, suado e desgrenhado.

Akari-chan não gritou. Piscou. Depois riu. Muito.



— Toko-san?! VOCÊ é... o COLLIE?! Você é o cara mais estranho que já conheci. E o mais interessante. Que tal um passeio no parque amanhã? Sem fantasia de Collie, por favor – disse ela, sorrindo.

No dia seguinte, o sol brilhava. Toko-san estava radiante. Uma borboleta passou. Ele parou, inclinou a cabeça... e tentou cheirá-la com o focinho imaginário. Akari o olhou, rindo. Ele piscou, ruborizado. O hábito era mais forte que ele. A coceira, afinal, ainda estava lá.

Semanas depois, sentindo-se livre, doou a fantasia a Kosei, que a recebeu como relíquia sagrada. Capítulo encerrado. Ou quase.

Akari, com um sorriso, uma noite confessou:

— Sabe, Toko-san...às vezes, sinto falta do meu Collie robótico. Tinha seu charme.

O arrependimento veio como uma lambida no ego e, no dia seguinte, Toko tocou a campainha de Kosei:

— Kosei... eu meio que... preciso da fantasia de volta. É só por um tempo. Um... encontro romântico.

Relutante, Kosei aceitou um sistema de GUARDA COMPARTILHADA.

E assim, nas noites especiais, Toko-san vestia novamente a fantasia, sob o olhar vigilante do vizinho, para passear com Akari-chan. A fantasia, antes símbolo de fuga, tornou-se elo de um triângulo absurdo: um homem, uma mulher e um vizinho ciumento – todos unidos por um Collie que não era Collie. E Toko-san, entre um abanar de rabo e um suspiro de amor, entendia que a vida humana era, de fato, muito mais estranha e complicada do que a de qualquer cachorro.



# “Saciween”

*Como linha dura de novo governo de Portugal  
com regras de imigração afeta brasileiros:  
“Vida em suspenso”*

(BBC News - 03/07/2025)

**M**ANOLO era um garoto de bem com a vida, pois, mesmo estando em uma cidade movimentada, ele vivia (desde que nasceu) em um dos lugares mais agradáveis e tranquilos da região: o Condomínio Matita Home.

O Matita tinha duas altas torres, com modestos apartamentos, cercados por árvores e plantas de variadas espécies.

Além disso, Manolo tinha uma vizinhança amigável. Crianças ajudavam os mais velhos com as compras. Vizinhos se encontravam para tomar um chá e conversar. Manolo e os amigos ficavam até tarde conversando e jogando futebol. O clima e o bom humor contribuíam até com a paquera entre os jovens... Foi no fim de uma tarde, no condomínio, que Manolo descobriu que estava gostando (de verdade) da Aimi, a neta da Dona Fumiko, uma sábia japonesa idosa, moradora do Matita.

Entretanto, aquele tranquilo espaço passava por uma transformação quando apontava o mês de outubro. Vizinhos de torres tornavam-se rivais, pois o Bloco 1, liderado pela aposentada professora de Inglês Dona Eve, celebrava o Halloween, festa de origem britânica muito comemorada nos Estados Unidos. A professora passava o mês inteiro enfeitando o seu prédio e fazendo fantasias (de bruxas e dráculas) para os moradores do seu bloco, que deveriam usá-las na grande festa do dia 31 de outubro. Na frente do bloco, liderado por Dona Eve, já era possível ler:

*Halloween is now universal /If you stay out, it is not normal!  
Halloween, agora, é universal/ Se você ficar de fora, não é normal!  
Party Tower 1 – Halloween – October 31  
Festa Bloco 1- Halloween - 31 de outubro*

Por outro lado, o Bloco 2, liderado por Dona Iara, aposentada professora de História e socióloga, estampava mensagens e imagens de uma das personagens mais conhecidas do Folclore Brasileiro: o Saci Pererê – cuja celebração também acontecia no 31 de outubro e era comemorada pelos moradores do Bloco 2, que faziam questão de colocar o cartaz:

*“Raloín” vem do Estrangeiro!  
Cultive o seu folclore! O Saci é brasileiro!  
Festa do Bloco 2- Festa do Saci – 31 de outubro*

Manolo, que era do Bloco 2, amigo de Dona Iara há anos, estava com o coração partido. Ele adorava fantasiar-se e participar da festa do Folclore, mas a sua paquera, Aimi, era do Bloco 1, da turma do Halloween, festa em que ele jamais poderia participar.

O garoto não queria decepcionar Dona Iara, mas também queria ficar pertinho (muito pertinho) de Aimi, que, vestida de bruxa, seria uma das mais belas participantes da festa! Manolo, então, sentado no banco do condomínio, no fim de uma



tarde, vê Dona Fumiko fazendo ioga no parque, que, ao ver o garoto pensativo, decide se aproximar:

— Parece triste, Manolo... Sente falta da Aimi, que está ajudando nos preparativos da festa de Halloween?

— Dona Fumiko, sinto falta de tudo. Sou do Bloco do Saci, mas eu também queria participar da festa do Halloween.

Dona Fumiko ficou pensativa e, com aquele jeito amável, disse para Manolo que tudo daria certo – ele deveria fazer a sua fantasia e preparar-se para a festa do Saci. Segundo ela, a noite do dia 31 seria, a partir daquele ano, a data mais importante no condomínio.

Manolo decidiu ouvir as palavras da sábia japonesa e esperou, durante o mês de outubro, pelo grande dia 31.

*Passados os dias, o dia 31 apontou,  
A bruxa ficou solta,  
e o Saci também chegou.*

Na noite da Festa do Saci-Halloween, Manolo desceu as escadas de seu prédio e, parando no parque central, viu Aimi, vestida de bruxa, com linda maquiagem brilhante, indo para a festa do Halloween.

De repente, o garoto sentiu alguém tocando delicadamente o seu braço. Era Dona Fumiko, que, com olhar doce, explicou para Manolo que havia convidado as inimigas Eve e Iara para uma conversa no parque.

Manolo, ao pensar que não poderia perder aquele inédito encontro, percebeu que, assim como ele, vários moradores estavam saindo de suas festas para observar a conversa que Dona Fumiko parecia promover entre as rivais. E, como num passe de mágica, a sábia japonesa, assim que encontra as duas vizinhas, abraça as adversárias e começa a falar:

— Sou japonesa, vim para o Brasil há muitos anos. Meus filhos nasceram aqui. Minha neta, Aimi, que aqui está, é brasileira. O Brasil é grande. Vejo, todos os dias nos jornais, que há países que estão fechando as portas para a imigração. Mas o nosso Brasil não é assim! O Brasil é um país capaz de aproximar culturas. Meu coração: metade Brasil, metade Japão! Os dois se completam. Não existe cultura melhor, não existe cultura pior. Todas são importantes. Gostar de uma festa, de origem estrangeira, não diminui o respeito que você tem pela sua cultura. É por meio de nossa cultura que vemos o mundo, e a união cultural deve ser a base dos países e de todos nós!

Nesse momento, Dona Eve, fantasiada de Malévola, abraçou Dona Iara, vestida de sereia, e caíram na gargalhada! Dona Fumiko tinha razão: viva a união cultural!

Mas quem ficou mais feliz e emocionado foi Manolo, que, a partir daquele ano, passou a comemorar, ao lado da bela Aimi, a festa mais animada e interessante do Condomínio Matita: a Festa da União da Cultura e das Nações, a Festa do Saciween!



**A**O dar-se conta do seu estado de gravidez, Akemi sabia que conceberia uma menina. Todas as mulheres da sua família tinham esse dom. Durante a gestação, conversava com a filha, acariciando-a no ventre com as mais lindas canções tradicionais do vilarejo da província de Gifu, no coração do Japão, onde viviam. Assim, mesmo antes de vir ao mundo, a filha de Akemi, nomeada Emi, já era conhecida, amada e abençoada por todas as mulheres do povoado.

Emi nasceu, cresceu bela e encantadora, junto com outras crianças, algumas das quais se tornaram suas amigas. No entanto, à medida que se fazia moça, muita gente notava algo peculiar em sua personalidade: a garota praticamente não sorria. Nenhum tipo de sorriso se desenhava em seu delicado rosto: nem enigmático e dissimulado, como o de Capitu; calmo e superior, como o de Aurélia; introspectivo e vazio, como o de Macabéa. Por alguma razão inexplicável, Emi parecia incapaz de sorrir.

Angustiado, Akemi atribuía à filha enfermidades que não existiam, submetendo-a, sem sucesso, a toda sorte de tratamentos, exames e rituais. Nas conversas entre as duas, a menina sempre dizia, com habitual doçura, que não era triste ou infeliz: — Só não consigo sorrir, mamãe, só isso.

Com o tempo, Emi cansou-se de ser alvo da curiosidade das amigas, colegas de escola, vizinhas, professoras e, claro, da crueldade das pessoas que dela se aproximavam, muitas das quais movidas por disputas e apostas amplamente disseminadas pela internet. Diante disso, mãe e filha decidiram que era hora de partir.

Um dia, caminhando pelas ruas de Nagoya, Emi e sua mãe viram, num telão imenso, uma curiosa propaganda do McDonald's que dizia: “*No Smiles*”. Emi descobriu, nas redes sociais, que a campanha havia sido criada para incentivar a contratação de jovens da Geração Z que não se sentiam obrigados a exibir sorrisos forçados para os clientes. Era preciso atrair funcionários, em caráter de urgência, visando garantir o atendimento necessário ao bom funcionamento da franquia.

Resolveram entrar numa das lojas da rede para ver se aquilo era verdade e... sim, constataram, perplexas: nenhuma das atendentes exibiu, em momento algum, um leve sorriso nos lábios, ou mesmo no olhar. Sentadas, enquanto comiam seus lanches, Akemi, despreziosamente, saiu-se com esta: — Sabe, Emi, você seria a funcionária do mês, aliás, do ano, se trabalhasse aqui. O que acha?

E foi aí que algo extraordinário aconteceu: Emi, surpresa com o comentário inesperado, abriu de pronto um sorriso irradiante que logo virou risada e, ato contínuo, uma gargalhada explosiva e libertadora, contagiando, de forma irresistível, todas as gerações ali presentes.

### \*Akemi (あけみ)

O kanji *mi* (美) desse nome significa beleza em todas as junções. *Ake* tem três significados: *ake* (明), luminosidade, *ake* (朱), que é vermelho, e *ake* (暁), quer dizer aurora, alvorecer. Akemi significa “aquela que brilha lindamente”, “linda luz”, “brilho bonito”, “bela aurora”.

### \*\*Emi (えみ)

Emi é um nome curto e delicado, que significa “a que é bela e abençoada” ou “bela pintura”. É formado a partir dos elementos:  
e (恵) - bênção, graça divina/*mi* (美) - beleza;  
e (絵) - pintura/*mi* (美) - beleza.

# O Brasil Sempre Foi Trans

*Perseguida pela Inquisição: quem foi Xica Manicongo, primeira travesti do Brasil*

(Superinteressante - 26/06/2025)

**N**O fundo empoeirado dos arquivos coloniais, entre páginas que cheiram a mofo e esquecimento, um nome resistiu ao apagamento: Xica Manicongo. Dizem que foi escravizada, que era alfaiate, que se vestia com roupas femininas — e que isso causou escândalo o bastante para ser registrado pela Inquisição. Dizem também que escapou de um julgamento mais cruel ao voltar a se vestir “como homem”, mesmo sem nunca deixar de ser mulher.

Era travesti, numa época em que isso significava confronto direto com a coroa, a batina e a cruz. Escreveram seu nome nos autos da Inquisição, não como pessoa, mas como problema. Como se viver sua verdade fosse heresia, e não coragem. Xica era africana, escravizada, travesti — três vezes motivo de dor, quatro vezes motivo de luta.

Os inquisidores a chamavam de “homem que se vestia como mulher”, mas ela sabia quem era. E isso era o bastante para incomodar um mundo inteiro que preferia a mentira de roupas corretas do que a verdade de uma alma livre.

Cinco séculos se passaram. Mudaram os nomes dos juízes, trocaram os açoites por insultos digitais, mas a sentença continua a mesma: quem não se encaixa, sofre.

Hoje, as Xicas caminham pelas avenidas e vielas, às vezes com salto alto, outras vezes com passos cansados. Algumas são acolhidas, a maioria, ignorada. As estatísticas são impiedosas: o Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. A travessia ainda é perigosa, mesmo quando não há navio negreiro, mas o peso da intolerância ainda afunda corpos e esperanças.

Mas há algo que os séculos não conseguiram arrancar: a teimosia de ser quem se é. Hoje, cada identidade afirmada, cada nome social respeitado, cada corpo acolhido é uma resposta viva à mesma inquisição que antes queimava em praça pública, e que hoje destilam ódio nas tribunas e nas redes sociais.

Xica não é apenas uma personagem do passado. É símbolo da persistência de corpos trans e negros que se recusam a desaparecer, mesmo quando tudo conspira para isso. Sua história desafia a “ordem” e a hipocrisia de um país que ainda hoje tenta “apagar” travestis das ruas, dos lares e da própria história.

# Liberdade

*Animal mais solitário do mundo: orca vive em tanque na Argentina há 32 anos*

(UOL - 30/06/2025)

CÁSSIO finalmente iria realizar seu sonho, conhecer as baleias que tanto tinha lido sobre. Ele estava passando férias em Buenos Aires quando soube que iria fazer o passeio no maior parque aquático da Argentina. Sua mãe já tinha agendado o passeio enquanto ainda estavam no Brasil.

O dia estava perfeito, fazia sol e Cássio estava animado, já tinha lido livros sobre todas as espécies de baleias e dizia que o mundo delas era um mundo maravilhoso.

Mas ele não sabia o quão maltratadas elas eram, nunca disseram sobre os abusos e maus-tratos para que aprendessem a fazer as acrobacias, uma vida que não era de liberdade nos oceanos como ele sempre tinha lido.

Sua mãe chamou o táxi e foram até o parque aquático. Porém, neste dia, havia a manifestação de uma ONG, em que o porta-voz dizia, através de um megafone, que existiam diversas baleias maltratadas, inclusive uma baleia orca, que estava definhando e solitária em um tanque, e que essa vida sem liberdade ninguém merecia, muito menos os animais aquáticos que tinham o oceano inteiro para explorar.

Aquele menino que sempre admirou as baleias através dos livros estava decepcionado diante de uma realidade que desconhecia, ficou extremamente triste e pediu explicações para a mãe, que parecia também estar surpresa. Naquele dia, o parque não abriu.

Marlene e Cássio foram para uma sorveteria e pesquisaram pelo celular sobre os casos dos maus-tratos das baleias, golfinhos e pinguins que faziam shows em parques aquáticos pelo mundo e pensaram sobre a vida triste que esses animais tinham, tudo em favor do entretenimento, e, a partir daquele dia, eles iriam participar da forma que conseguissem, em favor da liberdade dos animais marinhos.

Ao voltarem para o Brasil, Marlene foi chamada para passarem o restante das férias na casa de uma amiga em Fernando de Noronha, Cássio ficou muito animado e, quando fizeram um passeio de barco, viram bem de perto uma baleia jubarte, ele enxugava as lágrimas do seu rosto, estava emocionado, pois se lembrou de como as baleias dos parques aquáticos viviam, e que essa vida no oceano era a vida que deveriam ter, livres, no seu habitat natural.

E pensar que os humanos prendem diversos tipos de animais, maltratam, ou seja, não respeitam suas vidas.

Cássio falou:

— Mãe, e ainda dizem que o animal mais inteligente do planeta Terra é o ser humano, tenho certeza que não, por isso eu prefiro os animais aos humanos.

Sua mãe ficou feliz por ver que seu filho tinha um bom coração e, quando voltaram das férias, participaram de um abaixo-assinado pelo Greenpeace, em favor da liberdade das baleias.



# A Assembleia dos Bichos

*Elefanta idosa resgata gazela que estava se afogando em zoo*

(Portal Só Notícia Boa - 18/06/2025)

**N**UMA ensolarada manhã, os animais do Zoológico se reuniram embaixo de uma grande árvore para uma assembleia extraordinária:

— Como é do conhecimento de todos – disse o Chimpanzé, dando início à reunião – precisamos de um novo líder...

O sábio primata mal terminou de concluir sua primeira frase e o alvoroço já estava fora de controle:

— Eu devo ser o Rei – bradou o Guepardo, de peito estufado – pois sou o animal mais veloz deste lugar.

— Não senhor – interrompeu o Canguru – eu devo ser o comandante, afinal, pulo muito mais alto do que qualquer outra espécie que mora aqui.

— Nem um nem outro – rugiu o Urso-pardo – eu sou o mais forte e temido animal que já pisou neste zoológico. O trono é meu e de ninguém mais.

O tempo passou enquanto os animais discutiam, se vangloriavam de suas qualidades e zombavam uns dos outros, sem chegarem num acordo.

Todos estavam tão entretidos com a discussão que nem perceberam quando Trompita, a Elefanta mais idosa do zoológico, se retirou do grupo.

O dromedário estava fazendo o seu discurso de candidatura, explicando que deveria ser o novo líder por causa de sua enorme corcova, quando a girafa deu um grito, causando alarde:

— Socorro, socorro, ajudem! Estou avistando uma emergência! – berrava, aflita, enquanto apontava na direção do lago – dona Trompita está realizando, sozinha, um salvamento aquático!

Rapidamente, os animais correram ao local indicado, bem a tempo de assistirem a dona Trompita resgatando um filhote de Gazela das águas fundas do lago, com a sua habilidosa e comprida tromba.

Depois desse dia, não houve mais assembleia, reunião ou discussão no Zoológico. Unânicos, os animais elegeram dona Trompita como líder do grupo. Ela tinha o coração maior de todos.



# Sinal Fraco na Sala de Aula

*Proibição do celular na escola é para melhorar a aprendizagem, diz MEC*

(CNN - 05/02/2025)

**N**AQUELA semana, quando os professores anunciaram que “a partir de hoje, está proibido o uso de celulares na escola”, houve um segundo de silêncio – só um segundo. Depois, um zunzunzum tomou conta dos corredores como se um apocalipse digital estivesse prestes a acontecer.

— Isso é ditadura! – gritou o Pedro, defensor fervoroso da rede social pedagógica.

— Como vou saber a previsão do tempo antes da aula de Educação Física? – lamentou a Camila, que acreditava piamente que o clima se alterava de acordo com os *stories* da amiga.

Mas a escola, imune às revoltas adolescentes, estava cumprindo a nova lei de proibição do uso do celular nas escolas. Um trabalho de conscientização foi realizado destacando os benefícios de permanecer *offline* e alguns argumentos foram apontados: que era pela aprendizagem; que o cérebro precisava respirar sem notificações a cada 4 segundos; que era preciso ouvir o professor e não o grupo de mensagens da turma 8B.

E assim, aos poucos, a escola se transformou. No começo, os estudantes pareciam andar órfãos, tateando os bolsos, como quem procura um velho amigo. Mas então algo curioso começou a acontecer.

Na aula de Leitura, o silêncio não era mais interrompido pelo “plim” das mensagens. Na de Matemática, alguém finalmente olhou para a lousa e disse: “Ahhh, agora entendi!” – um milagre que só a ausência do 4G explicava. No recreio, vozes reais voltaram a aparecer naquele ambiente. O João, que antes só enviava memes, arriscou contar uma piada em voz alta – e riram! Até a Mariana, que não desgrudava do *feed*, descobriu que o Marcos também gostava de gatos e tortas de limão.

A escola parecia voltar a ser um lugar de convivência. E de aprendizagem também. Claro, ainda havia saudades dos filtros e dos *likes*. Mas, no fundo, os alunos perceberam uma coisa: quando o sinal do celular cai, às vezes o sinal da atenção finalmente se conecta.

E o grupo de professores? Seguiam firmes. Mas agora sorriam ao ver um grupo de estudantes discutindo um livro, não um aplicativo. Vai ver que aprender também é isso: desligar um pouco do mundo lá fora, para conectar com o que importa aqui dentro



# O Vampiro Emocional

*“Vampiros Emocionais”: 5 tipos de pessoas que sugam sua energia*

(A soma de todos os afetos - 04/12/2024)

**F**AZIA uns quatro minutos e meio que eu estava parado, na calçada da Rua Direita com a 15 de Novembro, olhando para aquela reportagem estampada na banca que era uma verdadeira espelunca: cinco tipos de “vampiros emocionais” que te sugam no dia a dia. Ora... meu cérebro deu um *bug*. Por que continuam requeitando as palavras? Lembrei que eu tinha horário, paguei pelo jornal e vim descendo o Largo da Misericórdia. Vampiro emocional... hum, nome interessante. Será que o Trevisan iria gostar? Vampiro Emocional de Curitiba... chega a ser pleonástico. Sorri enquanto a garoa fina caía lenta como a minha vontade de entrar na edição.

Já estava na Álvares Penteados quando o segundo sujeito me abordou pedindo alguma coisa, se fosse na 15 já seria o quinto. Era um cigarro dessa vez, disse que não fumava e ele me mostrou uma expressão sentimental, quer dizer, emocional, é assim que estava escrito? Eu não ia tirar o jornal da jaqueta debaixo de chuva. Já evito descer pela 15 de novembro por causa disso, fiz o sinal da cruz e segui em frente.

Entrei no Edifício Boa Esperança e o Claudinei já me esperava para mandar aquela piadinha sobre o meu time: “e aí, seu Castro? O que me diz de ontem?” Eu tentei há uns três anos explicar para o porteiro que eu não gosto de futebol, que pouco me importa se o Palmeiras ganha ou deixa de existir e que não existe nada nesse mundo que me convença que é importante eu saber quem é nesse universo um tal de Arrascaeta. Mostrei meus dentes para o Claudinei, acho que ele não entendeu. Tanto faz, eu já deixei de tentar ser entendido desde a pandemia.

No elevador folhee a matéria do Vampiro Emocional: o narcisista, o controlador, o vitimista, o dramático e o passivo-agressivo. Generalidades sobre a infinidade de gente chata que temos que aturar na vida. Os vampiros que a gente tenta evitar a todo custo, mas não consegue. “Será que eu sou um vampiro?” – suspirei. A menina nova, ascensorista, perguntou: “o senhor falou comigo?”. “O quê?”. “Nada, não.”

A edição do jornaleco onde trabalho arfava suas últimas forças, metade da turma já tinha ido embora, demitidos mês passado. Todos, vampiros também. E os que ficaram, bem... esses eram os piores, nem com alho bento largariam o pescoço.

— É como horóscopo. – eu disse enquanto jogava a reportagem em cima da mesa do Nogueira.

— Você deve ser o único da cidade ainda a comprar jornal de papel. – sorrii meu chefe. — Vejamos, hum, o que tem?

— O jornalismo está falido, Nogueira! É por isso que chegamos aonde estamos.

— Ah, lá vem você novamente com esse papo. Vai trabalhar, Castro! Quero até às onze da manhã pelo menos três mil palavras sobre... vejamos, o que eu te mandei fazer ontem?

— O caso das emendas parlamentares. Me diz uma coisa, Nogueira, você me acha um vampiro?

— O quê? Você voltou a beber logo cedo, Castro?

— É sério! Quer dizer, você me considera, vejamos, controlador, vitimista, dramático, agressivo ou narcisista?



— Você é tudo isso, Castro, além de ser um chato de galochas.

— Tem certeza?

— Deixa eu ver isso aqui? Ah, é sobre isso? Sim, Castro, você é um vampiro. Todos somos vampiros, meu caro. É um mal da humanidade, sugar o próximo, é por isso que temos empregos, mesas como essa, onde eu posso mandar gente embora e depois contratar outras. Todas elas narcisistas, controladoras, etc.. etc...

— Eu esperava que o senhor...

— Eu vendo histórias de pessoas para pessoas lerem, meu amigo. Há quanto tempo nos conhecemos? Vinte, trinta anos? Cada um de nós é o vampiro de alguém nessa vida. Olha a Carla, minha ex-esposa. Aquela mulher deveria se mudar para a Transilvânia!

Sentei-me à minha mesa decidido a esquecer a história dos vampiros e escrever logo a matéria das emendas. E com as mãos no teclado, iniciei minha narrativa “Os parlamentares são como vampiros atrás de suas emendas, e não adianta usar dentes de alho ou estacas afiadas, eles só conseguirão se acalmar quando tivermos uma cultura governamental transparente”. Nogueira vinha passando pela minha mesa e olhou de soslaio: “Você não está escrevendo sobre vampiro, não, né?”. Sorri e disse: “O senhor terá o texto até às onze no seu drive, chefe, isso se os zumbis não acabarem com o mundo até lá!”. Ele balançou a cabeça e continuou: “Não tente gracinhas comigo, Castro, ou eu te mando pra Transilvânia igual o Jonathan Harker”. Eu continuei, imperturbável, a escrever, enquanto os “vampiros” continuavam a sugar o meu tempo.



# Proto-colo

*Alunos de escola particular de SP fazem protesto no Shopping Pátio Higienópolis contra abordagem racista de segurança do local*

(G1 - 23/04/2025)

— Professor, posso falar com você?

O sinal do intervalo toca. Levanto a cabeça e reconheço meu aluno do oitavo ano. Os estudantes restantes do nono saem aos poucos.

— Claro, pode sim! Diga.

— Espera só elas saírem...

Prevejo um assunto sério. As últimas meninas do nono ano deixam a sala.

— Pronto. O que aconteceu?

— Professor... o que você faria se... – ele hesita – ...se alguém que não é seu amigo fosse racista com você?

Alguém que não é seu amigo. Se for amigo, pode? Penso, mas não pergunto. Respiro fundo e olho meu aluno nos olhos.

— Olha, se eu tivesse força o suficiente, eu confrontaria a pessoa, mas...

Antes que eu termine a frase, ele chora. Continuo mesmo assim.

— ...mas se não tivesse eu procuraria gente próxima que pudesse me ajudar com isso. Foi aqui na escola? Quem foi?

Ainda com lágrimas nos olhos, ele relata o caso. Não é a primeira vez. É alguém da turma dele. Ele não entende o motivo. Não aguenta mais.

— Até já pedi pra minha avó me mudar de escola, professor.

Respiro fundo outra vez. O que vou dizer não é fácil.

— Você não vai gostar de escutar isso, mas eu preciso te dizer: não vai adiantar mudar de escola. Enquanto pessoa negra, você precisa saber que vai passar por isso a vida inteira. Em todo lugar. E que a única saída possível é se fortalecer. Encontrar os seus, ter a sua rede de apoio, gente que esteja sempre perto quando você precisar. Como os seus amigos ali.

Na porta, três estudantes esperam a conversa terminar, semblantes consternados. Olho para eles, eles acenam para nós.

— Temos um protocolo na escola para esses casos. Se você permitir, vou acionar a coordenação e os outros professores. Posso?

— Pode sim, professor.

— Uma coisa eu te garanto: não vai ficar por isso mesmo. Tudo bem? Agora, vai pro intervalo, come, bebe uma água, fica com seus amigos. Assim que tiver uma posição eu retorno pra você.

Ele agradece e retoma o grupo de amigos. Enquanto os quatro descem a escada, eu respiro fundo pela terceira vez e sigo para a sala dos professores. Caso explicado, indignação coletivizada, procuro a coordenação. Recebo a promessa de ação imediata. Não tomo café. O sinal da penúltima aula toca. Antes de retornar para a minha sala, encontro meu aluno e confirmo o que será feito. Ele agradece outra vez.



Enquanto os estudantes do sexto ano entram, em polvorosa, observo a agitação. A maioria deles não é branca. O racismo aparece nas brincadeiras a todo instante. Quanto tempo até um deles ser o próximo a me procurar, ou a qualquer outro adulto, em busca de remédio para uma dor maior do que os seus poucos anos são capazes de processar?

Você precisa saber que vai passar por isso a vida inteira. Minhas próprias palavras reverberam na cabeça. Em que momento eu entendi isso? Não lembro. Mas lembro que, depois de entender, se tornou impossível desentender.

Temos um protocolo na escola para esses casos. Ainda bem. Ao mesmo tempo, temos porque precisamos, porque neste mesmo ano houve outro caso. Já estive em escolas em que os casos eram mais, e as ações, menos. Entre aqui e lá, entretanto, a impressão é de um ringue de patinação no gelo, onde todos nos desequilibramos a cada vez que acontece.

Toca o último sinal do dia. Guardo minhas coisas em silêncio antes de voltar para casa. A semana está só começando. Um pedaço do mundo entope minha garganta. Os olhos marejam. Encosto a cabeça na janela do ônibus e revejo meu aluno chorando. Antes de acompanhá-lo, respiro fundo de novo, e encontro no horizonte do pensamento a imagem do grupo de amigos o acolhendo em direção ao intervalo, descendo as escadas rumo ao próximo enfrentamento.

Ele virá. Estarão preparados?

Estaremos? Estamos?

Bom, aqui, temos um protocolo. E braços e punhos e vozes e gritos.

E onde não há? E quem não tem?

H., suas lágrimas agora fazem parte de mim. Não reclamo, nem as rechaço: pelo contrário, agasalho. Porque, aprendi no caminho, somos feitos das partes que os outros depositam na gente. E costuramos todas elas para tecer um futuro.

Que nele possa haver menos dor e mais laços.



# Pátria Amada

*Relatório mostra a realidade  
das mulheres em situação de rua no Brasil*

(Revista Galileu - 27/04/2024)

**P**ASSO rapidamente em frente ao relógio e espio como quem não quer ver, novamente estou atrasada. Qual lenço combina com minha bolsa? Não está muito frio, mas, no começo da tarde, quando retorno para casa, o vento gelado maltrata. Peguei um. Gostei da escolha.

Corro para o ponto de ônibus — ele demorou mais do que o de costume. Desci apressada, quase correndo, e o lenço amarrado na alça da bolsa caiu no chão. Abaixei-me para pegá-lo: ele havia caído sobre uma bandeira do Brasil, suja e gasta pelo tempo. Pensei ser entulho, até perceber os pés de uma pessoa. Puni-me pela primeira impressão. Os pés pequenos e delicados eram de uma mulher negra. Só percebi a cor da pele pelo tornozelo aparente, pois os pés estavam muito sujos e maltratados pela vida.

Parei ali. Já não tinha mais pressa. Fiquei pensando naquela pessoa coberta por aquele símbolo. Quando será que a nação deixou de retribuir o abraço apertado? Como chegou àquela condição tão fragilizada? Quando a droga da vida e a vida das drogas se fundiram a ponto de não encontrar mais a saída?

Era um ser humano. Havia ao lado do corpo um prato de isopor vazio, deixado por uma alma benévola. O mau cheiro exalava no ar, quase insuportável. Repreendi-me por me preocupar com um lenço, com a combinação do dia, com minutos de atraso. Para ela, o tempo devia ser nada mais que dia e noite, fome e sede — longos ou curtos — no aguardo de um isopor ou de uma nação que pudesse protegê-la da noite fria, dos cães que ladram e das decepções.

Ela se agarrava ao tecido verde e amarelo com um fio de esperança naquela mesma pátria que a marginalizou e a condenou ao desassossego do chão frio de uma calçada qualquer.

O “bom dia” de uma amiga de trabalho me trouxe de volta à concretude da vida. Retomei meu destino, o lenço ficou lá — já não tinha importância, o sol nascia, olhei para o alto na tentativa de fitá-lo e avistei em um prédio a bandeira nacional que brilhava com os raios solares, bailava esplêndida: verde, amarelo, azul e branco, cada riqueza contemplava os brasileiros escolhidos. O cinza continuava ali inerte na fria calçada, talvez porque não há cinza na bandeira.



# Tombamento de Carreta na Rodovia: sobre a hierarquia das dores

*Carreta que transportava porcos tomba no trecho Oeste do Rodoanel*

(G1 - 25/08/2015)

**I**NFORMOU-ME o pragmático rádio no caminho para a escola em que leciono: uma carreta tombou no trecho oeste do Rodoanel. Há trânsito na região.

A trágica notícia da manhã era, obviamente, sobre o trânsito. O conteúdo da carreta, porcos vivos, era apenas um detalhe editorial perante a magnitude da hedionda maximização do pesar matinal dos motoristas, do horror cotidiano do trabalhador citadino. Mais trânsito! Maldita carreta! Maldito trânsito! Maldito dia!

Durante a sequência de meu percurso, duas dúvidas angustiaram-me: os motoristas que passavam pela rodovia no momento do acidente enxergavam porcos agonizantes ou desperdício de linguças? E, para os porcos, teria sido melhor o terror de morrer sob os escombros da carreta ou terem sobrevivido até o destino a eles planejado? (Como soube depois, um frigorífico em Carapicuíba. Minha dúvida era válida: um mecanismo de terror cartesianamente engenhado os aguardava).

Já no trabalho, tentei manter o foco nas aulas, nos conteúdos e nas obrigações burocráticas, mas minha consciência seguia preocupada com os porcos. Ah, que absurdo... pensando em porcos amarrotados, esmagados e feridos enquanto meus concidadãos agonizavam no trânsito. Que inclemente inimigo da pátria! E que tresloucado e alienado sujeito, insensível à hierarquia das dores!

Mas como eu poderia focar naquilo que deveria ensinar consciente do martírio experienciado por tais criaturas aprisionadas no intento de satisfazer a busca humana por certas nuances gustativas? Onde estariam tais porcos, entes sensíveis e inteligentes, na Geografia? Em alguma lista de recursos naturais no capítulo sobre geografia econômica? Quem sabe no capítulo anterior, ao que outras espécies estrelariam, como exemplos de meios de transporte ou de forças de trabalho?

Enquanto lecionava, minha mente reprisava constantemente a reconstituição da sinistra cena: sabe-se lá quantos entes sencientes, apavorados e entulhados em uma çaçamba como se fossem coisas inanimadas. De repente... acidente. Horror, pavor, dor. Mortes?

Assim que pude, procurei mais notícias, para tentar saber como estavam os porcos. Prontamente encontrei uma. Seu título: “Carreta que transportava porcos tomba no trecho Oeste do Rodoanel”. Subtítulo: “Acidente ocorreu nesta madrugada na saída para a Castello Branco. A faixa da pista foi liberada por volta das 6h20 e havia lentidão no local”. Lentidão?! O horror! O horror!



Terceiro parágrafo: “Por volta das 6h20, a faixa da esquerda, na altura do pedágio, havia sido liberada. Segundo a concessionária que administra a rodovia, havia cerca de 1 km de congestionamento no local”. Cerca de um quilômetro de congestionamento no local? Deus! Que mundo!

Mas e os porcos? Estavam bem? Estavam mal? Morreram? Impossível descobrir pela notícia prontamente redigida, já no início da manhã, visando ao necessário alerta e à essencial conscientização da peregrina população.

Está certo! O que é o sofrimento de comezinhos e desprezíveis porcos acidentados frente ao corpulento e aterrador aumento do trânsito diário?

Contudo, algum leitor investigador, daqueles que carregam a luz e as trevas da dúvida hiperbólica, poderia contrapor o estarcimento deste autor, apontando que este texto trata de fato antigo e que matérias mais atuais sobre o tema vão além do trânsito, citando também a morte dos animais. Trazem títulos como “Motorista fica ferido e bois morrem em tombamento de carreta na BR-262” e “Carreta carregada de gado tomba, deixa motorista ferido e vacas mortas”.

Sim, é fato. Mas isso demonstra que o transporte de animais vivos permanece sendo uma prática comum. E tal prática, por sua vez, é apenas uma gota em um oceano de sofrimento e violência no qual entes sencientes são tratados como reles objetos disponíveis para quaisquer formas de manejo, por mais terrivelmente agonizantes que sejam.

Exagero? Vejamos mais dois títulos: “Carreta carregada com bois tomba na BR-381; saqueadores abatem animais no local”; “Saqueadores sacrificam 70 bois após carreta tombar na BR-365”.

Claro! O que fazer com criaturas desesperadas após um acidente? Cortar suas gargantas com uma faca, vê-las agonizarem até a morte e começar um churrasco. Nada mais óbvio e compassivo! E, já que estamos citando títulos de reportagens, vale apontar que “porcos têm emoções”, “porcos são mais inteligentes que cachorros” e “vacas, porcos e cabras podem sentir empatia e fazer amizades”.

Mas e daí? É preciso servir aos nossos desejos e interesses com fervor absoluto e reverência incessante, de modo que permaneçamos disponíveis ininterruptamente para a sacra batalha existencial contra quaisquer outras fontes demandantes de atenção.

# Caramelo: um Símbolo de Esperança

*Resgate do cavalo Caramelo: entenda como animal foi retirado de telhado no RS*

(G1 - 09/05/2024)

**H**OJE pela manhã, ao acordar, deparei-me com uma cena inusitada no jornal. Era sobre um cavaloilhado por 4 dias em cima de um telhado em Canoas, no estado do Rio Grande do Sul, devido a uma grande enchente, que desabrigou todos os moradores da região.

Naquele dia nublado de domingo, o cavalo Caramelo disse a si mesmo:

“Esse é meu primeiro dia em cima de um telhado, cercado de água por todos os lados. Ao contrário do narrador de “Memórias póstumas de Brás Cubas”, farei minha narrativa em “Memórias de vida”. Meu nome é Caramelo, sou elegante, amigável, rabugento, simples e anônimo. Meu sonho era ter sido um cavalo usado para o esporte, como hipismo, ou quem sabe para atividades terapêuticas, pois eu seria realmente valorizado e teria esse sonho realizado, mas diante dessa tragédia, só consigo pensar no povo que está desprotegido, casas destruídas, crianças sem escola, ausência de energia, falta de alimento, animais sem destinos, mas jamais, a falta de esperança, assim como meu povo”.

Algumas pessoas perguntavam como o cavalo conseguiu parar em cima de um telhado, outros achavam que era milagre, além dos que tinham certeza, afirmando que Caramelo havia fugido de um circo. O relógio não parou, assim, a segunda-feira chegou.

“Esse é meu segundo diailhado, gostaria de cavalgar livre por um belo pasto gaúcho, sentir o vento na minha cara, minha crina dançando conforme o som de uma gaita, trazida pelos imigrantes. Ter ao redor, como cenário, as frondosas e verdejantes araucárias e seu fruto. Sim! O pinhão, cuja colheita passou a ser tradicional por aqui, é preparada por famílias ou grupos de amigos, onde a mesma traz boas histórias e ancestralidade.”

A imagem do cavalo sensibilizava cada vez mais o país e o mundo. Ele estava magro e desidratado. Muitos queriam ajudar Caramelo, mas não sabiam exatamente como. Imagine se aquele teto não aguentasse por muito tempo, ou até mesmo o cavalo. Ele lutava contra o frio e a fome. Eu torcia para que alguma solução aparecesse, enquanto isso a ajuda vinha para o povo, de todos os cantos do país. Terça-feira também chegou.

“Confesso que estou bem cansado, afinal esse é meu terceiro dia aqui em cima. Sinto que a água está subindo, a garoa me incomoda, sinto muito frio. Eu aceitaria um cobertor, poderia ser um poncho emprestado de alguém, tomaria até um chimarrão bem quentinho, para aquecer meu coração do frio e da solidão. À noite chegou, não quero e não posso me entregar. Todos estão com problemas por causa da chuva, estão tentando sobreviver. “Quem lembraria de mim?”



Caramelo estava desidratado e com dores musculares. Havia lesões cutâneas pelo corpo, devido ao contato prolongado com a água da enchente. Observando sempre o cenário devastador, com isso, quarta-feira ia surgindo.

“Vejo meus amigos, os cães, tentando nadar. Estão exauridos como eu e como o meu povo, espero que consigam sobreviver. Escuto helicópteros de outras regiões do país, ajudando as pessoas com alimento, água, remédio e cobertores. Sinto sono, mas preciso ser forte e manter a mim mesmo acordado. Se eu dormir, posso cair nessa água funda e o pior acontecer.”

Caramelo era assunto nas redes sociais, nas mídias, em rodas de conversa, fora e dentro do país.

No dia seguinte, o cavalo Caramelo foi resgatado por uma equipe do corpo de bombeiros de São Paulo. Gentilmente, Caramelo deixou-se ser sedado e colocado em um bote. Veterinários ajudaram e cuidaram por muito tempo dele.

Hoje ele representa a força de um povo que não desistiu, de um país que se uniu pela ajuda, pela sobrevivência e pelo amor ao próximo. Caramelo passou a ter uma rede social que ajuda a conscientizar sobre a importância dos animais e a valorização da natureza. É famoso e reconhecido internacionalmente, além de símbolo de resiliência do nosso povo.



# Sonho Saqueado

*Caminhão tomba na Marginal Tietê  
e carga de leite em pó é saqueada*

(R7 - 25/04/2025)

*De muitos sonhos se vive e um deles estamos “atravessando”*

A ESCOLA dos meus sonhos está em fase de acabamento. Acabamento! Que, segundo o dicionário da nossa querida língua portuguesa, nesse caso, significa retoque, aperfeiçoamento, dar bom acabamento a uma obra, terminá-la com cuidado, com esmero.

Essa escola, a dos sonhos, que está prestes a se concretizar, com toneladas de outros sonhos, de vida, de carreira, de orgulho, de momentos únicos memoráveis, de sorrisos largos e olhos brilhantes, na qual já lecionei e hoje estou a dirigir. Dirigir! Que, segundo o dicionário da nossa querida língua portuguesa, nesse caso, significa gerir, administrar, aconselhar e, num sentido mais amplo, liderar para o sucesso.

E então, nesse sentido, na porta de entrada da escola, arregaçando as mangas, colocando um largo sorriso mostrando os belos dentes, desejando um “Bom dia”, com B maiúsculo mesmo, a cada indivíduo que adentra ao recinto, me sinto orgulhoso e responsável por cada sonho.

Sonho, lembra!? Que, segundo o dicionário da nossa querida língua portuguesa, nesse caso, significa reunião de imagens, ideias, pensamentos que aparecem durante o sono, ou ideia veemente e apaixonada, anseio. E como já dizia nosso memorável Raul Seixas “um sonho que se sonha só, é só um sonho, mas sonho que se sonha junto é realidade”. E assim, seguindo esse sonho de transformar pensamentos em realidade, sigo guiando caminhos, aconselhando aqui e ali, rindo gargalhadas gostosas do muito que ouço e vejo em cada movimento ao meu redor, ou sorrindo a cada olhar que passa pelo meu olhar. Olhar!

Que, segundo o dicionário da nossa querida língua portuguesa, nesse caso, significa ato de olhar, de mover os olhos para ver, para enxergar.

Olhar de educador! Atento! A tudo e a todos!

A boniteza das escritas, das artes que fluem em singelos cartões que recebo de pequenas mãos que seguram o lápis, com olhar brilhando para preparar algo para “uma pessoa importante”. A grandeza de um simples gesto de carinho com um bombom deixado na mesa de trabalho, preparado pelo olhar de alguém que percebeu algo por trás daquele movimentar de olhos, no corredor, que lhe pareceu preocupado.

Ah, aquele olhar estava diferente! O que teria acontecido?

Uma avalanche de palavras, por todo lado, que ali, naquele momento, vinha saqueando sonhos, as toneladas de sonhos, meus, de quem deixou o bombom na minha mesa e de quem deixou cartõezinhos, que, entre palavras de carinho e emoções, mal sabiam o que estava por vir. Sonhos saqueados para matar uma fome que não é de comida, mas de poder! Sonhos saqueados! Saqueados!

Que, segundo o dicionário da nossa querida língua portuguesa, nesse caso, significa atingido por socos ou roubado, devastado, assaltado.

E a partir dali, atordoado com tantas palavras mal ditas, ou malditas, que em avalanche quiseram me derrubar, me vi rodeado de mãos, mãos essas que me seguraram, me colocaram em pé e me levantaram nas alturas. Nas alturas dos meus sonhos que não poderiam acabar ali. Pois o acabamento que eu queria não era aquele. O acabamento que estavam propondo não cabe nos meus sonhos e me pus de pé, lutando, enfrentando com unhas e dentes, dentes esses que Deus me deu para sorrir, não para cerrar.



# Cotidiano

*Morte de estudante da USP leva medo a campus da Zona Leste; alunas pedem mais segurança dentro e fora da universidade*

(G1 - 24/04/2025)

**A** CORDEI e fui fazer a rotina de costume. Café forte e amargo para aguentar o dia, queijo e pão. Hoje tem reunião, daquelas tensas, que sugam nossa energia. Fiz o que todos nós abominamos, mas que já virou parte do cotidiano: tomei meu café da manhã mexendo no celular. Rolei o *feed* da rede social, sem dar muita atenção às publicações. Até que me deparei com o recorte de algumas notícias da semana sobre casos de mulheres “abusadas”.

Eu havia acordado cedo, então resolvi pesquisar mais. Comecei a ler, meu estômago embrulhou. O café desceu mais amargo do que de costume.

Crise de choro. Um dos meus gatilhos para a ansiedade estava latente em minhas memórias. Vomitei. Não acredito! Sujei meus sapatos. Justo hoje? Olhei-me fixamente no espelho por alguns segundos, mas pareceu uma eternidade. No reflexo, enxerguei minha juventude. Algumas cenas passaram como um filme, lentamente, em minha cabeça. Cavei fundo na memória, me vi criança. Isso me tranquilizou. Abracei e acolhi os sentimentos. Limpei tudo, troquei de calçado. Tomei uma medicação de “emergência” para controlar a crise. Fui trabalhar.

Coloquei uma música para espantar os pensamentos. Por alguns instantes, continuei mais calma. A playlist estava em modo aleatório. Ouvi a canção que me fazia lembrar dele. O caminho parecia mais longe, mais complicado. Tudo estava distante. Suor. Falta de ar. O remédio não estava fazendo efeito ainda.

Como um trovão, as lembranças dele vieram à minha mente. Aquele dia. Aquele fatídico dia. Cheguei a fazer regressão para tentar ressignificar tudo aquilo. Não adiantou. Eu só chorava, sentia ódio dele. Vontade de sair contando tudo para todos que o conheciam. Mas eu seria apenas mais uma mulher silenciada, descredibilizada.

O farol fechou. Quase bati o carro. Concentre-se! Concentre-se! Essas memórias apenas trarão dor. Hoje a reunião é importante.

A banheira. Água. Amarula. Tudo me causou um enjoo. Quanto tempo fiquei sem a minha bebida favorita, só porque me lembrava dele? Quanto tempo senti raiva de mim por ter dado “os sinais errados”? Se não fosse a psicóloga, acho que nunca entenderia o que aconteceu como um estupro.

Perdi a entrada. Ainda bem que tenho tempo! Hoje minha cabeça está completamente perdida. Preciso de concentração para a reunião. Primeiro para dirigir e chegar até o trabalho. Vamos!



Pensei na minha sobrinha. Nas minhas amigas de trabalho, de escola, de faculdade. Nas colegas de profissão, que relataram sobre elas e suas filhas. Filha! Minha filha! Como vou protegê-la do mundo? Como vou protegê-la dos homens? Homens! Como educar meu filho para ser um homem que respeita as mulheres? Será que estou no caminho certo com eles?

O sinal fechou novamente. Parei o carro bem perto da faixa de pedestres. Um enfermeiro atravessou a rua. Estava a caminho do hospital. Enfermeiro. Emergência. Hospital. Não é possível! Hoje é o dia em que todas as minhas memórias estão vindo à tona.

Pelo menos esse eu consegui denunciar. As outras enfermeiras tentaram encobrir. Conversei com o chefe da enfermagem, que me encorajou a fazer a denúncia. Ele foi demitido por justa causa. Lembro seu nome completo, mesmo após 11 anos. Coincidentemente, meus dois algozes possuem o mesmo sobrenome: Novaes.

As lágrimas escorriam. Se não fosse a qualidade da maquiagem, chegaria na reunião com o rosto borrado. Só precisei dar um pequeno retoque, feito no carro, dentro do estacionamento. Subi os quinze andares do elevador. Detesto altura.

Respiro. Cheguei. Deixo a bolsa na mesa. Vou ao banheiro, me ajeito. Pego um café bem forte na máquina. Concentração e foco. Agora é hora de engolir o choro e ir para a reunião. Prometo para meu subconsciente que vamos tratar desse assunto no retorno para casa. Aliás, nem preciso de promessas. É um tema que volta sempre que a dor transborda.

Entro na sala. A maioria das pessoas presentes na reunião são mulheres. Quantas delas já passaram por isso? Olho nos olhos de cada uma. Senti-me acolhida. Começo a reunião.

Bom dia!



# Doce Lembrança

*Capital revive charme do passado com sanduicheria e cafeteria temática*

(JD1 - 07/04/2025)

**N**UMA cidade do interior de São Paulo foi inaugurada a cafeteria Doce Lembrança, em uma esquina bem charmosa no centro. Um lugar que não serve só café, mas também uma dose generosa de memórias. Ao atravessar a porta, os clientes são imediatamente transportados para os anos 80, com suas paredes decoradas com pôsteres de filmes clássicos, discos de vinil e aqueles azulejos coloridos que lembram o passado. O cheiro de pão fresco e do famoso bolo de cenoura com cobertura de chocolate preenche o ar, enquanto a música do A-ha e da Cyndi Lauper faz os alto-falantes vibrarem. É um verdadeiro templo da nostalgia!

As mesas são ocupadas por um público eclético: senhores bem-vestidos com gravatas listradas recordando as danças de discoteca, jovens com jeans rasgados e camisetas de bandas vintage, trocando olhares curiosos. Se você se sentar entre eles, rapidamente perceberá o quão rica é a conversa que surge. “Você se lembra da primeira vez que ouviu essa música?” - pergunta uma senhora a um adolescente que, com um sorriso tímido, responde: “Nunca tinha ouvido antes, mas agora é minha faixa favorita!”

Felipe e seu avô Norberto entram na cafeteria, um reencontro depois de quase uma década distantes um do outro. Felipe já não era mais aquela criancinha que vivia pedindo um bolinho de chuva, mas, ao entrar naquele lugar, o cheiro da infância tomou conta do ambiente. E juntos lembraram da vovó Tereza, que tinha falecido um pouco antes do último encontro deles. O diálogo entre gerações acontece de forma tão natural que parece que o café é um verdadeiro portal do tempo. Os mais velhos contam histórias de como era a vida antes da internet, enquanto os jovens falam sobre sua busca incessante por “likes”. A conexão entre eles é extraordinária, e a melodia da nostalgia une-se como uma linha invisível. O relógio parece retroceder, deixando de ser uma preocupação, enquanto a conversa flui como um bom expresso.

Uma jovem usando um vestido de flores tenta imitar o estilo de ícones da época e acaba tropeçando em seu sapato de plataforma. Risos ecoam pelo café, e até mesmo os mais velhos não conseguem segurar a gargalhada. É um lembrete de que, independentemente da geração, a vida continua nos presenteando com momentos hilários! A moça ri. Felipe e Norberto prontamente vão ajudá-la e a convidam a se juntar à mesa, para conversar sobre as doces lembranças, onde a memória e o sabor se encontram, criando momentos especiais e, ao mesmo tempo, aconchegantes.

As trocas de experiências transformam-se em um banquete para a alma. As paredes coloridas absorvem essas narrativas, guardando-as como um tesouro. É um espaço onde o passado e o presente se entrelaçam, lembrando a todos que a vida é uma série de momentos que, assim como as melhores músicas, devem ser revisitados e celebrados. Afinal, em meio a toda a agitação da modernidade, sempre há espaço para um café que aquece o coração e resgata as melhores memórias.



# O Enigma

*Pescador fisga peixe com 'dentes humanos' e  
intriga banhistas nos EUA*

(UOL - 06/08/2021)

**F**AZ cinco dias que Antônio não encontra a dentadura. Da última vez que a viu, estava em cima da mesa de cabeceira, mas nem sinal dela. Estava desesperado para comer uma cocada que a vizinha trouxera pela manhã, faria isso escondido, é claro, porque depois dessa tal de diabetes, todo mundo ficava pegando no seu pé... Onde já se viu, um sujeito criado não podendo decidir mais nem o que vai comer!

Fez mais uma ronda, olhou, revirou e nada! Quem quer que seja, tinha realizado um trabalho bem-feito! O homem esbravejou, praguejou e se sentou perto da janela para poder acompanhar as notícias, um prazer que ainda não lhe tiraram... Ele estava lendo uma reportagem sobre pesca quando começou a ficar vermelho e a bufar; logo vieram os gritos:

— Regina! Oh, Regina! Tô acreditando, não! Como é que você teve coragem, mulher!

— Que foi, Tonho? Que gritaria é essa?

— Num se faça de besta, não! Foi você, né? Você sumiu com minha dentadura! Quer controlar tudo, até o que eu como!

Dessa vez foi longe demais!

— Do que você está falando? Sério, isso? Tanta coisa para fazer e você com história...

— Eu tenho a prova, olha aqui essa foto! - ele mostra a imagem da notícia para a esposa, que fica vermelha e muda.

— Tá vendo! Não consegue nem se defender! Bem que o povo fala que tudo acaba no mar, que se deve tomar cuidado com o lixo, porque tudo polui os oceanos...

A mulher rompe o silêncio com uma gargalhada, quase se engasga de tanto rir:

— Meu filho, até que esse peixe parece com você, os dentes são iguaizinhos!

— Ainda tem coragem de rir?

A companheira não consegue evitar e ri mais alto ainda. O telefone toca e Antônio atende a chamada:

— Fale, mana, que hei de me desfazer da sua cunhada hoje!

— Tonho, acho que trouxe sua chapa pra casa por engano...

Antônio olha para a esposa e dá um sorriso amarelo, com os dentes que não estão lá.



# A Praça

*Moradores protestam contra  
demolição de praça na Grande SP*

(Nova Brasil FM - 14/03/2025)

**O** RETRATO chegou num fim de tarde. Ele veio carregado de nostalgia. Meu dedo correu rapidamente pelo celular. “Amiga, demoliram a praça?” Meu coração ficou mole por um instante. Chorei feito criança quando perde o brinquedo, ao receber a confirmação.

Não bastasse a foto, veio também o vídeo das máquinas arrancando o círculo de concreto que já foi palco de muitas histórias. Enquanto assistia ao vídeo, pude sentir o cheiro da poeira alaranjada e, em segundos, passou um filme na minha cabeça. Viajei alguns anos e me vi no menor e mais aconchegante palco das relações humanas a céu aberto que já protagonizei na vida: a praça da minha infância. Lá vi as pessoas se cumprimentarem após a missa do Padre Tito. Lá foi cenário para os casais apaixonados se encontrarem sob o olhar de uma lua de prata como testemunha. O céu de lá será sempre o mais bonito do mundo!

Enquanto alguns faziam as compras na venda do Jurandir, outros jogavam sinuca no bar no João Caetano. Os corações das moças eram felizes quando viam os cavalos atados e enfileirados no coreto da praça matriz. Elas tinham o aroma da flor de laranjeira quando passavam desfilando para os cavalheiros. Posso sentir o cheiro da cachaça que os homens bebiam na venda da Tana, o rádio na soleira da janela dos idosos e o bate-papo na porta do Totôe Velope até tarde. Foi triste quando tiveram que derrubar o pé de eucalipto (estava oco) do centro da praça! Nenhuma outra árvore foi plantada nesse recinto e os transeuntes foram ficando sem sombra.

Agora esse lugar precisa ser palco de novas histórias. Precisa modernizar. Espero que as crianças da Barra saibam usufruir do novo espaço e que construam relações tão sólidas quanto as de outrora. Que ao sentar lá, consigam interagir com pessoas, e não com a tela de um celular. Desejo que a liquidez do tempo esteja bem distante desse lugar que guardo com carinho na memória!



# Gato Homem

*Gato é 'preso' suspeito de furto nos EUA*

(G1 - 04/09/2019)

**E**M uma cidade de beleza invejada por suas paisagens naturais e culturais, havia uma figura um tanto quanto inusitada. Um homem acreditava ser um gato, adorava se vestir de gato e sair perambulando pelas noites. Há quem diga que até miava, subia no telhado das casas e buscava aconchego. Aconchego? Pois é, Aconchego. Assim diziam os “antenados” de plantão. Invenção? Quem sabe!

Uns diziam que tinha o péssimo hábito de invadir casas à procura de uma boa comida e uma boa cama, mas ninguém jamais tinha visto o tal homem gato até aquele momento. Certa noite, em uma das casas, uma vizinha ouviu um barulho e desceu as escadas para ver de onde vinha. Olhou desconfiada para os lados e como não viu nada, voltou para o quarto. O barulho voltou a acontecer, ainda mais forte. Novamente desceu as escadas cuidadosamente e, em silêncio, ao chegar perto da cozinha levou o maior susto. Deparou-se com uma cena um tanto quanto incomum. Um homem estava diante dos seus olhos vestido de gato, numa posição de descanso. Por vezes tentava se esconder, mas fazia tanto barulho que não tinha como não notar a sua presença. Desta vez, o homem foi pego no flagrante e pensou que todos da vizinhança achavam que era história para “boi dormir”, que não era possível existir alguém assim.

O que é isso? Perguntou a pobre mulher assustada.

- O que fiz? Dizia o pobre gato homem inocente. Enquanto olhava para a mulher, se esfregava para lá e para cá, lambia a mão com sua língua áspera e ameaçava arranhá-la caso ela chegasse mais perto. Pobre homem, ela pensou, será que a falta de alimentos fazia com que tivesse desejo de ter a vida dos felinos, achando que dessa forma encontraria comida e abrigo?

Vamos voltar um pouco lá atrás antes de continuarmos essa história...

Tudo começou quando esse tal homem viu um gato tentando entrar em certa casa. Observou que a mulher saiu, fez carinho em seu pelo, deu comida e água para o bichinho. Ficou ali um bom tempo, só de olho, e nada de o bichinho sair, então pensou, qualquer dia irei fazer a mesma coisa, quem sabe consigo comida, água e um lugar quentinho para passar a noite. De repente, tenho a mesma sorte do bichano. Depois de tudo arquitetado em sua cabeça criativa, partiu para a ação.

O tão esperado dia chegou. Escolheu a mesma casa, quando todos dormiam, e lá se foi, rumo a sua aventura. Por sorte uma das janelas da casa estava aberta, conseguiu entrar facilmente e foi até a sala. Continuou seguindo até chegar a cozinha, mas fez tanto barulho que acabou acordando a dona da casa.



Voltando ao flagrante...

O que é isso? Perguntou a pobre mulher assustada?

A polícia foi acionada pela mulher apavorada. Rapidamente os policiais chegaram e viram a cena do homem gato ou o gato homem, seja lá o que for. Estava tentando alcançar o armário, mas como era um recém-gato não tinha habilidade para subir e deu ruim, derrubou o que tinha dentro, fazendo ainda mais barulho.

Em uma dessas tentativas, deixou cair no chão uma caixa de leite integral e espalhou leite por todos os cantos, de vez em quando baixava e passava a língua para apanhar um pouco dessa maravilha. Como se nada tivesse acontecido, olhava para os policiais e continuava bebendo o seu leitinho. Afinal de contas, quando iria encontrar essa preciosidade? Com bastante paciência, pegaram o homem gato e o levaram à delegacia. Durante o trajeto, miava sem parar.

Os policiais olhavam penalizados para aquela pobre criatura e, ao investigar quem era, descobriram que o homem gato era um indivíduo que há muito tempo havia fugido de um hospital psiquiátrico, no qual fazia tratamento há anos. Foi levado de volta ao seu local de convívio e, para que entrasse calmamente, recebeu dos policiais biscoitos para gato, comeu e adormeceu ali mesmo, no chão, feito um gatinho manhoso.

Gato homem, assim ficou conhecido e tratado como tal. De fato, tratado como ele merece, logo estará apto para retornar à sociedade que é tão acolhedora e preparada para atender pessoas com natureza tão peculiar.

Entre biscoitos e miados seguiu a vida, quem sabe um novo plano daria certo! Esperaria a melhor oportunidade...



# Ao Som no Velório, Embalando a Saudade

*Marido passa dez anos se declarando à esposa em público, e esse costume ultrapassa a vida*

(Diário do Nordeste - 23/08/2022)

**N**O sol escaldante daquela formosa cidade, a estimada Fortaleza, o tempo parecia parado. Era como se tudo ali soubesse daquela história. Então, naquele certo dia, até fez frio e o tempo nublou, caro leitor. Tudo ali ficou com cara de despedida, era sim uma despedida, só que misturada com uma loucura de amor, pois só quem ama de verdade talvez entenda.

Um carro de som com volume alto, algo normal nas cidades do Nordeste, mas neste caso era um velório. Mesmo assim, não era ignorado, pois era uma dessas loucuras de amor que só os verdadeiros amantes entenderão. O Naldo, que estava perdendo quem mais amou na vida, decidiu fazer o que sempre fez: surpreendê-la com os rebuliços do amor.

Ana, agora imóvel, descansava no sono profundo, mas com a certeza de um dia reencontrá-lo. Ele, com o coração em pedaços, não abriu mão de ouvir a música que por muito tempo embalou o vosso romance, Minha Meiga Senhorita, e assim ia passando um filme de 23 anos na sua cabeça. Naldo soube tudo que Ana gostava, desde as músicas aos sorrisos mais discretos e, no final, ele pôde ler as suas dores e compreender que ficar era sofrer e a amou até o último momento.

Ela era calma, ele era tempestade, mas o amor deles foi um tremendo rebuliço de coisas boas e, na sua despedida, não poderia ser diferente. Eis que chegou o fim de sua vida terrena, mas não do seu eterno amor, por isso ele fez questão de fazer o que sempre fez: loucuras e loucuras de amor.

O carro de som continuou a tocar até o último momento do velório, e a cada estrofe era um sussurro de lembrança. “Tem uma varanda que é minha que é sua”. Sim é dela, sempre será, pois o verdadeiro amor pode até usar uma regra de pontuação, mas cá pra nós, num carece de usar o ponto final!!!!!!!!!!!!!!



# O Rolo Compressor

*Sesi Franca conquista o título inédito da Copa Intercontinental da Fiba*

(SESI - 26/09/2023)

**E**RA uma quente manhã de setembro, e às 8h da manhã, horário de Brasília, se iniciou a final da Copa Intercontinental da FIBA, o Mundial de Clubes de Basquete. Meu time de coração, o Franca Basquete, disputava o título inédito pela terceira vez em sua história.

É verdade que nas duas disputas anteriores – em 1975 e 1980 – eu não era nem nascido, mas, desde o final dos anos noventa, acompanho e torço pelo time francano, quando o patrocinador era outro e o time se chamava Franca Marathon, e não SESI Franca Basquete, como é hoje.

A final da Copa Intercontinental seria contra um forte time da Alemanha, e mesmo não gostando de acordar cedo, fiz questão de colocar o despertador para acompanhar a partida decisiva, que foi muito disputada e equilibrada em todos os períodos.

Estava empolgado com o jogo e com a possibilidade de ver a conquista do único título inédito do time que já conquistara todos os campeonatos que participou pelo menos uma vez, e que naquele ano já vencera todos os torneios que disputou, passando invicto a temporada regular do torneio brasileiro e recebendo de sua torcida o apelido de “Rolo Compressor”.

As emoções eram fortes, pelo equilíbrio do jogo, mas foram nos últimos vinte e seis segundos que minha saúde cardíaca foi testada ao extremo: o time alemão – Telekon Baskets Bonn – foi para o ataque, vencendo por um ponto, e gastou todos os seus vinte e quatro segundos de posse de bola arremessando o que achavam ser a última bola do jogo e saindo para comemorar o título quando um dos árbitros apitou o final da partida.

Nesse momento, eu já estava suando frio e, diante do apito final, comecei a pensar que talvez devesse ter ficado dormindo.

Mas a bola arremessada, nos segundos finais, pelo jogador alemão, não bateu no aro, o que caracterizou a violação do tempo de posse do Bonn, e deu algum tempo para o Franca tentar fazer um arremesso épico. O técnico francano, Helinho Garcia, solicitou essa revisão de tempo – enquanto eu olhava para a televisão quase solicitando atendimento cardíaco para o SAMU – e consegui precisamente 1,9 segundos para um arremesso milagroso.

David Jackson, um dos grandes jogadores do Franca e eleito melhor jogador (MVP) daquela competição, repôs a bola da lateral, fazendo um passe para a maior estrela francana, Lucas Dias, que teve tempo apenas de receber a bola e fazer um arremesso preciso.

Prendi a respiração quando a bola saiu da mão de Lucas Dias, e só soltei novamente quando ela atravessou o aro e a arbitragem apitou o final do jogo, dessa vez de forma definitiva, sem que houvesse mais nenhum tempo a ser jogado.

Final de jogo: 70x69, e o Franca Basquete era Campeão Mundial de Basquete pela primeira vez em sua gloriosa história!

De minha parte, mesmo sendo uma manhã de domingo, deixei extravasar todos os gritos que fora obrigado a controlar durante todo o jogo, cantando – talvez de forma um pouco tola – para a televisão o grito de guerra do novo e invicto campeão mundial: “Muito mais que um vício! Muito mais que amor! Aqui é o Franca Basquete! O Rolo Compressor!”



# O Livro Esquecido

*Livro é devolvido com 42 anos  
de atraso em biblioteca no Canadá*

(G1 - 15/03/2019)

**A** NOTÍCIA de um homem misterioso devolvendo um livro para a biblioteca após 42 anos me jogou em uma corrente longa de imaginação. Consigo imaginá-lo tomado por uma onda de saudosismo e revirando seus baús da infância, por qualquer motivo desses que faz a gente pedir abrigo ao passado. Acha um livro da biblioteca e viaja até lá, na cidade vizinha, para devolver. Talvez o livro tenha sido escondido porque perturbou a mente do jovem leitor, coisas que Kafka ou Allan Poe costumam fazer. Ou talvez porque a família tinha que se mudar às pressas porque um dos pais arrumou emprego na cidade vizinha. Chegando lá na biblioteca, o homem lembra de sua infância, ali, como leitor.

Acompanhando a viagem desse rapaz, que hoje deve ser um senhor, me vejo na biblioteca que frequentava na infância, nos confins de Guaianases. Lembro de um dia em que o meu grupo da escola precisava fazer uma pesquisa escolar, e foi até lá para consultar nas enciclopédias gigantes, coisa que os jovens já não entendem. Enquanto um ou dois copiavam o texto da enciclopédia em uma folha de almaço, segundo o que foi solicitado, conversávamos sobre amenidades. Baixinho, é claro, para não receber o olhar bravo da bibliotecária. Eu observava então que aquele espaço tinha mais do que a enciclopédia escolar: tinha revistas, tinha livros, tinha um universo, ou melhor, muitos, escondidos em páginas misteriosas.

Tanto que chamei os amigos para ir junto comigo na semana seguinte, mas deram desculpas esfarrapadas para não ir. Um deles foi, e ficamos lendo as crônicas que sempre estavam na última página de uma revista famosa que a biblioteca recebia periodicamente. Nas visitas seguintes, o amigo deixou de ir, e mesmo sozinho frequentei a biblioteca, onde podia ficar o dia inteiro lendo e vivendo minha boa solidão entre os livros, a solidão necessária para a construção de si. Os livros ao mesmo tempo eram um passatempo e um alimento, em uma época que as telas ainda não tinham escravizado todo nosso tempo livre. A única tela que havia nessa época era a televisão, que ficava presa por um fio dentro de casa e que nem sempre chamava a atenção.

Aquele ambiente acolhedor e, ao mesmo tempo, desafiador e silencioso foi ganhando sentido. Os nomes dos autores nas capas dos livros passaram a ser amigos, sábios companheiros de jornada intelectual pelo caminho sinuoso e infinito que as letras me apresentavam tão encantadoramente. Quando comecei a levá-los para casa, para ler sentado na laje, enquanto via o sol se deitar por trás das casas da minha quebrada, o mundo das letras se expandiu ainda mais, superando o limite físico da biblioteca para transbordar para a vida inteira.

E imagino como o rapaz da notícia deve ter se sentido ao voltar na biblioteca da sua infância, lembrando de tudo que viveu lá, entre os livros. Talvez valha a pena pagar uma multa gigantesca por essa sensação.



# Viagem no Tempo

*As incríveis chuvas de meteoros que poderão ser observadas do Brasil*

(G1 - 16/04/2025)

Viajar no tempo?

Sim! Este sempre foi o sonho da Nala desde criança.

Quando ela tinha 10 anos, assistiu a uma notícia que falava de chuva de meteoros.

Essa notícia fez toda diferença na vida da Nala, desde então ela mergulhou em curiosidades da natureza, investigava tudo ao seu redor e se perguntava: Como será que é o espaço? Como pode existir chuva de meteoros, se eu nunca vi na minha cidade? Como serão as pessoas que estudam estes fenômenos da natureza?

Nala era tão entusiasmada com o assunto que queria ler livros e assistir a filmes de ficção científica, brincava de astronauta, vivia fazendo experiências na cozinha de sua casa e mostrava tudo para sua mãe. Sua mãe sempre a incentivou.

Quando estava brincando com seus amigos, ela era sempre a professora, a cientista, a astronauta... chegou até fazer uma viagem no tempo!!!

Um certo dia, Nala e seu amigo Hiroshi construíram com papelão uma supernave que viajava através do tempo. Na imaginação, eles voltaram 100 anos e distribuíram brinquedos para todas as crianças. Depois, a nave foi para 2050, onde todos tinham os seus robôs com inteligência artificial que curavam doenças e nenhuma criança nunca mais ficou doente.

O tempo passou, Nala cresceu e foi fazer universidade. Ela estudou, se dedicou e se tornou uma grande cientista e contribui muito para descobertas científicas. Nala já realizou pesquisas com vacinas que trazem mais segurança para toda população do planeta e salvam muitas vidas.



# A Vida Escondida no Artificial

*Idosos plantam árvore de plástico e só descobrem depois de três meses*

(Gazeta do Povo - 01/03/2007)

**E**LÁ estava ele, contemplando o ócio, desta vez, nada criativo. A aposentadoria lhe trouxe o descanso necessário, que agora lhe parecia exagerado. Tanto trabalho: acumulou jornadas exaustivas por três décadas. O vigor da juventude que lhe trazia força para lutar contra qualquer coisa, parecia querer lutar contra ele mesmo.

De certo, por ora, nada lhe dava mais prazer. Seria o peso da idade ou a falta de motivação? Decidiu, então, sair de seu pequeno apartamento para contemplar a cidade gigante que se apresentava diante dele, mas que ele nunca havia notado.

A manhã era de céu azul com raios brilhantes do astro rei, negando totalmente o que os meteorologistas previam - céu nublado e chuva o dia todo. Talvez combinasse mais.

O dia era todo contraste. A cidade cinza, concretada, sem luz nem cor, lhe causava tristeza e melancolia. No que se transformou a minha cidade? – pensara. As horas infindáveis de trabalho não lhe permitiram ver a cidade crescer (ou retroceder?).

Não pôde perceber a evolução daquele lugar já que em todos estes anos viveu apenas para o trabalho. Teria adormecido e esquecido de contemplar o que lhe era mais caro.

Lembrou-se, neste momento, do quanto vivera procrastinando a própria vida. Esquecera de contemplar a natureza, o belo, o simples. Lembrou-se, então, que até as plantas que decoravam o seu apartamento eram artificiais - por falta de tempo, não conseguiria cuidar das verdadeiras. E não cuidando das plantas, acabou também esquecendo de cuidar de si. Escondera-se no artificial, no superficial. Fingiu ser quem não era a vida toda.

Retornou ao apartamento, tomado por angústia e nostalgia. Se deu conta que tudo ao seu redor estava estagnado como aquele arranha-céu que vira há pouco.

O que fazer agora? A sua vida não poderia se resumir a isso: repouso, saudosismo e tristeza. Ainda havia tempo para muito mais. Iria retomar o viço da juventude.

Decidiu que iria plantar uma árvore símbolo da vida e da longevidade. E assim o fez.

Acordava cedo e cuidava da árvore plantada na praça em frente ao seu apartamento. Observava cada galho que surgia. Naquele dia, a natureza lhe mostrara e ensinara o que de mais precioso havia. E em cada galho crescido, a esperança ressurgia. Conseguiu mostrar quem realmente ele era e o verdadeiro progresso era este. Tudo a seu tempo.



# Uma Pessoa

*Ciclista morre atropelado por ônibus na Avenida Aricanduva, em São Paulo, nesta terça-feira*

(Diário do Transporte - 08/08/2023)

**D**IVAGANDO sobre os acontecimentos do dia, enquanto voltava do trabalho: João Vitor tinha proferido um palavrão para a professora na frente de todos, na segunda aula. Que ousadia! Leandro tentou fazer sua poesia sobre o dia a dia na periferia e acabou fazendo uma apologia ao crime... Revelações estarrecedoras de abuso infantil no poema de Sandra, sobre o qual passei minutos analisando o terror que uma criança pôde suportar em tantos anos de violência velada, até a prisão de seu abusador há seis meses.

Com o estômago apertado pela fome e a cabeça já cheia de ideias para o dia seguinte, passei meu trajeto imaginando o roteiro do meu resto de dia, as dificuldades que enfrentaria com trânsito e aborrecimentos de situações mal resolvidas, que todos os dias me chateiam e anseiam.

Nesse trajeto de exatamente vinte e cinco minutos, minha mente consegue viajar diariamente para tantos espaços e lugares que preciso e quero ir, para tantas conversas e realizações, preocupações que só uma mente ansiosa é capaz de explicar.

Entretanto, tudo que povoava meu cérebro nesses infinitos vinte e cinco minutos se esvaiu, e os pensamentos sumiram como que retirados com as mãos, quando vi um pequeno trânsito à frente e precisei frear. Andando lentamente com direção ao bloqueio, pude enxergar carros de polícia e um tênis azul e branco no meio da pista, e mais à frente, caído à esquerda, um corpo. Um corpo coberto com um plástico preto, e o braço direito, apenas, para fora. Os veículos continuam passando, a vida continua, e o cadáver fica à espera do resgate.

Para os jornais, hospitais, necrotérios: um cadáver. Para uma família, uma peça essencial. Para uma mãe, um filho. Poderia ser um pai, um irmão, um amigo, um namorado, um colega de profissão. Para mim, uma pessoa, um ser humano. Poderia ser eu e, imediatamente, me pergunto:

— O que faria hoje, se soubesse que morreria?

A televisão noticia mais um ciclista que morreu atropelado por um ônibus. Mais um para somar as estatísticas que aumentam a cada dia, assim como aumentam o desrespeito e a crueldade pela pessoa humana, que, caminhando por ruas e avenidas da cidade, é atingida pelas grandes engrenagens fumacentas, em movimento desengonçado e ordenado.

Em minha cabeça, as confusões foram perdidas naquele momento em que ultrapassei o acidente. Todas as dificuldades pareciam facilidades ridículas a serem resolvidas diante de algo profundo, que é a morte. Aquilo que chegará e levará consigo as importâncias cotidianas dos cérebros ansiosos, abandonando tudo aquilo que ficará inacabado.

O aluguel para pagar, o médico do dia quinze, a compra pelo site, de repente nada disso tem mais importância. O tênis azul e branco comprado em parcelas na loja é agora um objeto amassado pelos carros no meio da avenida.

Não é preciso saber que morrerei hoje para pensar em aproveitar aquele momento de felicidade e simplicidade. Comer uma comida boa, respirar, sentir a brisa do mar, a chuva e viver neste mundo, mesmo com seus conflitos, tornou-se subitamente tão essencial e bonito diante da finitude da vida a qualquer momento, na fragilidade da condição humana.



# O Ovo de Páscoa Envenenado

*Ciúme e vingança levaram mulher a envenenar ovo de Páscoa*

(CNN - 18/04/2025)

**A**NA acorda bem cedo. É véspera do feriado de Páscoa, momento em que ganha mais dinheiro com a venda de ovos de chocolate caseiros há alguns anos. Porém, de dois anos para cá, não tem obtido o mesmo sucesso. Na mesma rua em que mora, sua nova vizinha produz ovos *gourmet*. A novidade atraiu metade da vizinhança, levando seus clientes.

Ana prepara a bancada. Vai produzir seu primeiro trio de ovos de colher. Aprendeu a técnica com a nova vizinha... “se não pode com eles, junte-se a eles!”, já dizia o dito popular. Coloca metodicamente todos os apetrechos e ingredientes à mão, para que tudo saia perfeito. Sua primeira produção precisa do aval da vizinha para ser bem-sucedida. Decidiu que, nesta Páscoa, vai viajar com a família para esquecer os problemas. Vai para a casa da mãe, em Aparecida, aproveitar e visitar a Basílica.

Ana liga a TV para assistir o noticiário. Tempos estranhos... tantos crimes bizarros e sem explicação. A humanidade anda mesmo sem amor no coração.

Enquanto recheia os ovos, o apresentador anuncia: suspeita de envenenar ovo de Páscoa, Jordélia foi presa quando voltava pra casa. Segundo as investigações, a câmera gravou o momento em que ela compra o ovo que mandou entregar na casa da namorada do ex-marido em Imperatriz, Maranhão. Filho da vítima, de 7 anos, morreu após comer o chocolate. Mãe e irmã do garoto ainda estão internadas.

Ana congela diante da TV e, sem perceber, enfia na boca uma colher de recheio de pistache que preparou, pensando na vizinha.

Duas horas depois, seu filho mais novo chega da escola. Ana está inerte caída no chão... a seu lado, a colher vazia.



# “Era só mais uma noite...”

*Chacina da Candelária, 30 anos: menores ainda estão vulneráveis no Brasil, segundo pessoas próximas das vítimas*

(G1 - 23/07/2023)

**E**RA só mais uma noite no Rio de Janeiro. daquelas em que a cidade dorme ao som dos motores, das buzinas e dos suspiros esquecidos dos que não têm onde pousar. Diante da Igreja da Candelária, algumas crianças – filhos do abandono, da fome e da desigualdade – dormiam sob o teto do mundo, mundo esse que deveria ser de todos, para todos. Mas não é de todos. Nunca foi, quiçá um dia será.

Naquela madrugada de julho de 1993, dois carros passaram, frios e decididos, como se carregassem uma sentença antiga, escrita com tinta invisível nas entrelinhas da nossa história. Uma sentença que dizia, nas palavras não ditas do racismo estrutural: “eles não importam”. E então os tiros, o sangue e o silêncio depois do estrondo. O Estado se ausenta, mas nunca totalmente. Às vezes, aparece armado.

O Brasil acordou com a notícia. Alguns choraram. Outros disseram que era “limpeza”. E essa talvez seja a ferida mais antiga do nosso país: o modo como parte da sociedade se acostumou a ver crianças pretas e pobres como estatística, como sujeira a ser varrida, como problema a ser eliminado. Não houve comoção unânime. Houve, sim, quem achasse justo. Foram oito mortos naquela noite, com nomes, histórias e pequenos sonhos interrompidos. Todos muito novos para morrer, mas velhos demais para serem vistos como crianças por uma sociedade que desumaniza o que não quer ver.

Os culpados? Aqueles que deveriam zelar pela segurança da população. O motivo? Pedra em viatura, dizem. Mas sabemos que era mais. Sempre é mais. Era a cor da pele, era a pobreza, era o lugar errado, que não deveria ser errado quando não se tem lar.

Wagner sobreviveu. Carrega no corpo e na alma os estilhaços da violência. Hoje vive longe, exilado da terra que o feriu e nunca pediu desculpas. Já Sandro, outro sobrevivente, virou manchete de novo anos depois – como sequestrador, como ameaça, como “bandido bom”. Morreu como viveu: sufocado pelo sistema. E o Brasil? Continuou.

Continuou produzindo meninos como Wagner, como Sandro. Continuou lavando as mãos diante das crianças nos sinais, nos becos, nas calçadas. Continuou culpando mães ausentes, escolas ruins, escolhas malfeitas. Continuou tratando a morte desses jovens como destino, e não como falha do Estado. Trinta anos se passaram e o retrato ainda é o mesmo: a política pública é a bala. O acolhimento é a ausência. O futuro, um alvo fácil. Enquanto isso, a Candelária permanece ali. De portas abertas. Mas nenhuma porta é suficientemente sagrada para impedir a entrada do preconceito armado até os dentes.

E toda vez que mais um corpo negro cai, mais um menino se perde, mais uma história é enterrada, mais uma criança desaparece nas estatísticas, o Brasil renova sua velha promessa: de que o sol é pra todos, mas a sombra e a água fresca, não.



# Meu Novo Companheiro

*Canto de galo rende ameaça de prisão  
em condomínio de Brasília*

(G1 - 12/09/2013)

**I**MAGINE eu, aos 50 anos de idade, contando os dias para chegar à minha aposentadoria e poder viajar, conhecer o mundo — prestes a ir para a prisão, por amar demais. Pelo menos foi isso que me informou o Sr. Síndico: eu poderia pegar até três meses de prisão se não resolvesse a minha situação. Não sabia que perturbação do silêncio podia chegar a esse ponto. Moro sozinha há mais de dez anos. Escolhi não ter filhos, não ter marido. Nunca quis ter nenhuma responsabilidade além de mim mesma. Nada de cachorros, gatos, nada. Só eu, sozinha — e sempre fui feliz assim. Até o dia em que ele chegou.

Como quem não quer nada, no primeiro dia só me olhou. No segundo, me acompanhou até a porta. No terceiro, fez menção de entrar. Respondi com um “Sai daqui!”, mas os dias foram passando e, depois de tanta insistência, deixei ficar um pouco, esperando que fosse embora após algumas horas. Mas não. Ele se sentiu confortável — e, para minha surpresa, eu também.

De alguma maneira, a sua presença ali preenchia um vazio que eu nem sabia que existia. Eu estava confortável. E ele também.

Os primeiros dois meses foram tranquilos. Acho que eu ainda parecia ter alguma autoridade dentro de casa, e ele me respeitava. Mas, depois, as coisas começaram a se adaptar ao jeito dele. Até que surgiu a mania que virou minha vida de cabeça para baixo: ele começou a cantar. Todos os dias. Alto. Sempre às quatro da manhã.

Eu não me incomodava. Estava feliz com a presença dele. Nem precisava mais de despertador — às quatro horas, já esperava pela cantoria, que se repetia mais algumas vezes, depois de duas ou três horas. Tentei conversar, pedir para parar, pois poderia incomodar os vizinhos. Mas não adiantou.

Decidi então conversar com os outros moradores do condomínio, mas ninguém relatou ouvir nada que os incomodasse.

Aliás, acho que grande parte da minha indignação vem dessas conversas. Apesar de dizerem que não escutavam nada, dias depois recebi em casa uma carta do Sr. Síndico, informando que o barulho excessivo causado por ele estava sim, incomodando os moradores — e que eu poderia ter que pagar uma multa ou até ser presa por três meses, caso não resolvesse a situação.

Estou desesperada, me afeiçoei a ele. Não quero ficar sozinha de novo. E me mudar, por conta do trabalho e dos altos valores de aluguel da região, também não é uma opção viável. Porém, temo — mais por ele do que por mim — que, se algo não for feito, atirem nele.

Sendo assim, preciso ser forte. Vou arrumar um novo lar para ele, mesmo que isso me parta o coração. Mesmo que isso signifique lidar com a solidão todos os dias, me manter perdida em meus pensamentos ao chegar sozinha em casa.

Só espero que, quando o tempo passar, ele ainda se lembre dos momentos aqui comigo. Meu galinho...



# No Quarto de Despejo Tinha uma Poeta

*Quem foi Carolina Maria de Jesus, uma das mais importantes escritoras do Brasil*

(G1 - 18/08/2022)

**L**OGO ao acordar, Carolina já sente o peso do dia. Acorda de madrugada, nos quatinhos da favela. Antes mesmo de o sol se erguer, reflete sobre o início ou fim de sua jornada. “Hoje acordei com fome”. “Hoje o dia amanheceu”, em lágrimas, e os papéis já estavam molhados, sem valor. “Hoje não posso ir catar papel”. “Hoje eu não posso ir comprar comida para meus filhos”, poderia ter escrito. Entre a insistência do ir ou não trabalhar, da chuva batendo no telhado do barraco, do brilho do sol, somos arrastados por essa gradação de sentidos, do poderia ter vivido, de Carolina, do poderia ter sido, do poderia ter escrito. Poderia ter vivido com menos intensidade, poderia ter sido uma pessoa comum, poderia não ter inaugurado a escrita, mas ela foi. Ela é. Ela escreveu para gritar no silêncio, transformar a angústia em testemunho e presentificar o momento.

Carolina, mulher poeta, multiartista, preta, mãe solteira, moradora de um barraco rasgado pelo vento e pela chuva, catadora de papel, intelectual, encontrou na escrita seu abrigo “quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar, eu escrevia”... “eu escrevia o meu diário”. E assim foi, a vida dilacerada entre a urgência da escrita e a fome que não a abandonava. À noite, vela acesa e trêmula pela injustiça, caneta firme nas mãos, folha de papel amassado erguendo o “pretoguês”: a própria voz, direta, sincera, crua como a vida lhe ensinou, sem rodeios, sem ornamentos, sem ilusões. Carolina costurava palavras, costurava sua resistência.

Dentro daquela estrutura frágil e torta, Carolina assistia ao drama de vizinhos e filhos que choravam a fome - a “fome amarela”, turva, cruel, uma fome que nos arrebatava e nos joga ao chão sem dó. A fome que nos tira do centro da razão, que nos causa dores imensas no estômago. Dores vividas, sentidas e, por vezes, ilimitadas. A fome descrita em sua crueza precisa, “Comecei a sentir a boca amarga... Pensei que precisava comprar pão”, onde cada lágrima versada no prato, cada panela vazia, cada sonho apagado foi denunciado no quarto de despejo.

A cidade grande, “a sala de visitas”, abraça com braços curtos e frios - o desprezo. Nas ruas, “o jardim”, coberto de asfalto quente e sujo de papéis espalhados e esquecidos, à espera da catadora de papéis que os acolhe, vende e transforma em comida. No “quintal”, na favela reside o quarto de despejo da cidade. “Nós, os pobres, somos os trastes velhos” subdivididos em famílias que convivem lotadas de dor, cobertas pelos muros da indiferença, num quarto de despejo desumano.

E ali, no quarto de despejo, nossa dor é acionada, mas imediatamente aliviada pela solidariedade silenciosa que emerge quando lemos seu diário, porque a escrita dela é simples e verdadeira, acende empatia até em corações endurecidos. E a empatia é a combustão para a transformação do eu e da sociedade. No quarto de despejo, o descompasso de revolta contra



o racismo, contra a política omissa dos políticos que aparecem na favela durante as eleições e depois desaparecem. Contra “a fome que nos faz tremer” e temer pela continuidade da vida. Contra a democracia fraca em uma sociedade que se cala. “Quem inventou a fome são os que comem” enquanto o povo frágil é esquecido.

O papel manchado retirado do chão e o pitoco lápis do lixão fazem magia em um ato de poesia, verdades, denúncias, consciência ativa, gritos, memórias da infância, lembranças do povo preto, as cicatrizes da pobreza que lhe atravessam o corpo como marcas de batalha estão no diário de Carolina. Ainda, o amor ressalta, pelos filhos, pelo ato de escrever, pelo ato de viver e por não querer suicidar-se, todas as palavras entrelaçadas pela esperança e receios, num retrato íntimo, realista e humano.

Carolina Maria de Jesus descansou, depois de perder o fôlego, e nos mostrou como transformar nosso cotidiano em escrita viva, sem perder a essência, sem embelezar a dor. Nela, a voz dos invisíveis brota potente, exigindo ser ouvida. E assim, do rascunho da favela, ela constrói uma literatura, um monumento de palavras que ecoa ainda hoje, tirando muitos do quarto de despejo para bater à porta da sala de visitas.



# Helenas

*Helena desbanca Miguel e é o nome mais registrado no país em 2024*

(Folha de S. Paulo - 20/05/2025)

**O**CASAL teve nove meses para tomar uma decisão. Nove meses com notas adesivas grudadas nas paredes do quarto, livros espalhados pelo chão com páginas marcadas, palavras destacadas em revistas pelo marca-texto fosforescente. Nove meses e nada mais!

Nove meses vendo os dias passarem com sóis e luas crescentes fomentando dúvidas e incertezas. Afinal, eram muitas as opções e, como legítimos pais librianos que gostam de fazer a coisa certa e justa, ambos se deixaram levar pela indecisão.

Como escolher apenas um nome no meio de tantas preferências recheadas de memórias, narrativas e sugestões?

Gente criativa falava que nomear era uma arte advinda da junção de dois nomes ou duas palavras, como Lindoarte - nome de meu pai que revelaria a sua linda jornada de poeta. Algumas almas boas diziam que o nome apareceria tal qual um aviso divino e encantaria quem o pronunciasse e encheria o universo de alegria; outros comentavam que a boca começaria a pronunciar a palavra de forma espontânea como num suspiro de amor; e uns poucos ainda cochichavam que a demora era coisa de gente moderna que não tinha tempo para nada, nem para nomear o próprio filho. Por um motivo ou outro, a questão pairava no ar igual à frágil borboleta sem coreografia para voar.

Se for menino, poderia repetir o mesmo nome do pai e acrescentar Júnior no final. Há também as denominações bíblicas: José, Miguel, Rafael e... Noah, que na tradução para o português é Noé! Gael é um show, cheirinho de novidade e gente nova no pedaço. Ravi é poético, curto, traz a força do sol que há de vir. Arthur e Davi são nomes de grandes reis. Heitor: rima com amor! Que beleza!

Se for menina, Ísis, deusa egípcia da fertilidade. Cecília lembra a poetisa autora, e Alice, a menina personagem. Maitê é flor emoldurada em buquê. Aurora é o cumprimento do primeiro raio solar. Ah! Laura, da música do Roberto! E a bela italiana Antonella.

Há também os nomes compostos na lista das múltiplas escolhas. Como não se lembrar de Maria de mãos dadas com tantos outros nomes e João de tantos Paulos e Pedros espalhados pelo mundo? Porque, às vezes, não basta ser chamado apenas por um nome na realização de todos os desejos e no acender constante da chama que abrilhanta a vida.

E aqueles nomes de flor? Flor de Lis, Rosa, Dália, Margarida, Camélia, Violeta e até Capitu... Tãmanha formosura de planta projetada no batismo de um novo ser... Quanta inspiração que reflete o cuidado e o carinho de mãos que cultivam a mais bonita flor!



Nomes de celebridades são um show à parte: Michael Jackson, Elis, Grace Kelly, Elvis, Britney, Vinícius, ... nomes que trazem tantos sons, atuações espetaculares e raros autógrafos!

No meio de várias nomenclaturas, é chegada a hora: é tudo ou nada! Nascer sem ser chamado, não dá! Afinal, ter um filho é uma arte, e nomeá-lo é trabalho amoroso de artista.

A enfermeira pede o nome da criança para colocar como enfeite na porta do quarto do hospital. Ainda não se sabe como chamar o novo ser, intitulado como fofinho, tesourinho, neném, bebê e outros mimos assim.

A mãe olha dentro dos olhos do recém-nascido e, emocionada, declama suavemente: HELENA!

E assim, 22.533 registros em certidões de nascimento se aliam àquela singularidade de ser que poderia ser chamada de muitos outros nomes, diferenciados entre si, mas que foi escolhida para ser Helena, preferência nacional e escolha particular da mãe no ano de 2024. Pequenina que carrega no nome muita trajetória para ser contada e recebe o convite de escrever a sua própria história.

Agora sim, a borboleta bailarina está prestes a voar!



# Crônica de um Empréstimo Post Mortem

*Morto levado ao banco: vídeo mostra idoso sendo retirado de carro e colocado em cadeira de rodas*

(CNN - 17/04/2024)

**T**RATA-SE de um problema fundamental do carioca moderno: encontrar um tempinho para ir ao banco resolver pendências inadiáveis. Contas terrivelmente atrasadas — por falta de recursos ou de memória —, cadastros desatualizados — o aluguel no Méier estava um absurdo e foi imprescindível mudar-se —, senhas há muito esquecidas — pois sempre esdrúxulas. Há, no entanto, na lírica cidade do Rio de Janeiro, uma infinidade de atividades mais atrativas do que este enfadonho inventário. Mas é preciso ir ao banco, mesmo na era da comodidade digital.

O empecilho bancário torna-se incontornável quando estamos falando de dinheiro emprestado. Empréstimos salgados devem invariavelmente conter a rubrica presencial. Dimensione, portanto, o tamanho do problema do carioca que, além de precisar das grandes cifras, encontra-se clinicamente morto. Esta não é uma crônica de horror. Tampouco estamos recuperando a carne fria de Brás Cubas da barriga daqueles vermes. É que, nesta terça-feira de outono, um defunto necessitou, com a urgência inerente apenas à morte, ir a uma agência bancária em Bangu.

Este morto, um morto-idoso, resistindo bravamente à putrefação no calor de Bangu, seguiu em sua cadeira de rodas — cortesia do shopping ao lado — pelas filas homéricas do banco. Mas acalmem-se, os mortos endividados ainda não desenvolveram a capacidade de andar sozinhos, mesmo no Rio de Janeiro. A cadeira estava sendo guiada por sua sobrinha, em um ato de desespero, ou de realismo mágico.

A bancária que atendeu a heroica dupla de mortos-vivos não acreditou estar presenciando os primeiros sinais do Juízo Final — era uma agnóstica inveterada por vinte anos de jornada dupla. Fingindo a lassidão da normalidade, dirigiu-se ao morto para dar andamento à solicitação do crédito de dezessete mil reais. Para a sorte dos vivos da Cidade Maravilhosa, o morto não respondeu. Desconcertada, a sobrinha acudiu ao cadáver, rogando-lhe um último pecuniário sopro de vida. As comissuras dos lábios, já tingidas pelo fúnebre violeta, não emitiram palavra alguma. Era o que bastava para a atendente.

As sirenes da ambulância e a repentina entrada de paramédicos alarmaram transeuntes e clientes. Mais um assalto na Zona Oeste? Alguém fora baleado? Gol no Fla-Flu? Nada disso: em território carioca, os mortos permanecem mortos e o dinheiro permanece nos abastados cofres dos bancos.



# O Baralho do Crime ou uma Sincera Carta de Desculpas

*‘Nove de Copas’ do Baralho do Crime da  
SSP-BA é preso durante operação em São Paulo*

(G1 - 05/11/2024)

ESSA história que relato começou de uma maneira inusitada: uma carta de baralho que chegou até a minha mesa. Não, não era qualquer carta, mas uma carta do Baralho do Crime. E sim, eu, assim como vocês, fiquei assustado com tal notícia. — Você precisa fazer alguma coisa, essa escola já foi boa. Agora estamos dando aula para um bando de criminosos. — bradou a professora que, sendo seu colega de trabalho, posso confirmar, não estava em seu estado normal de docência. E como estaria? Afinal, estava em suas mãos uma carta do Baralho do Crime. E isso, acreditem, não era uma coisa normal.

E olha que eu mesmo sempre colecionei jogos de tabuleiro e de cartas, mas jamais havia presenciado algo tão pavoroso: um Baralho do Crime! E ali, estampado em cores, um rosto nada amigável de um meliante, com palavras garrafais em vermelho sangue: Homicídio Qualificado. A carta era um Ás de Copas, mas, mesmo sendo um numeral qualquer, não importando a manilha, eu estaria me tremendo de medo com aquele sujeito me encarando.

“Meu Deus do céu, ao que estão sendo expostos nossos inocentes alunos?!” - me perguntava nos milésimos de segundos antes de agir.

Começo então meu trabalho investigativo. Sim, pois melhores do que muitos agentes do FBI ou CIA, nós que trabalhamos em escolas somos peritos em investigação, entrevista investigativa, encontrar links e conexões... só não usamos mais tortura. Isso deixamos nos anos 70, com nossos colegas militares — e que não se misturem quartéis com escolas.

Eu, com a ajuda de Shena e Hanna (nomes fictícios), duas grandiosas Agentes Táticas Estratégicas, ATEs — sim, para manter de maneira secreta nossa organização investigativa, vamos deixar todos continuarem acreditando que ATE significa Auxiliar Técnico de Educação — investigamos por duas ou três aulas a fio. Contávamos os minutos regressivos antes do intervalo. Nosso medo era de que o Baralho do Crime fosse espalhado por todo o corpo discente, causando pânico em massa entre alunos e familiares. Imagine a cena: alunos com medo de frequentar a escola, ficando em casa com aulas online; pais amedrontados com a situação — ou com o fato de terem que conviver com os próprios filhos... Seria um caos! Não, não queríamos isso. Não novamente.

Depois de muita investigação, encontramos o restante do baralho com nada mais, nada menos do que o melhor aluno da sala: representante de classe, notas altas, sempre muito educado...

— Mas por que você trouxe esse baralho para a escola?

— Queria ensinar meus amigos um jogo chamado Copas Fora. Aprendi nas férias, quando fui para a Bahia.

E era isso: um inofensivo baralho distribuído pela Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia — e o genuíno desejo de que nenhum colega ficasse de fora da brincadeira. Nada mais que um inofensivo baralho.

Converso, oriento e comunico a família sobre o ocorrido. Tudo isso faz parte do meu trabalho, além de nossa preocupação constante pelo melhor para nossos alunos — em especial para que o rosto de nossos pequenos jamais seja estampado nesse tipo de carta marcada.

No dia seguinte, recebi mais uma carta da minha colega professora. Uma sincera carta de desculpas por toda a confusão causada no dia anterior. Não carece, afinal, são ossos do ofício de nossa vocação. Ossos do ofício.



# As Garras da Natureza

*Homem morre atacado por onça  
em fazenda no Pantanal*

(G1 - 21/04/2025)

**E**DMUNDO era um homem do mato. Ele comia com voracidade a carne assada na brasa, cortava desenvolto os bambus com o facão afiado, colhia mel em meio às árvores da mata ciliar e cuidava orgulhoso do rancho do patrão com unhas e dentes. Vivia solitário em meio ao Pantanal à espera de conduzir turistas entusiasmados em capturar imagens surpreendentes. Porém, poucos que passavam por aquele lugar pensavam sobre o cuidado que o bioma exigia, visto que muitos jogavam iscas para os animais na tentativa de aproximação e não se atentavam ao risco que cada vez mais acercava os galinheiros, currais, casas e o próprio homem.

Mas Edmundo não tinha medo, era filho da natureza, conhecia as trilhas e os sons da região. Ele viu pegadas ao redor do pesqueiro, era um animal de porte grande que rondava a propriedade à procura de alimento, e isto o fez ficar mais alerta do que nunca. Sem titubear, Edmundo pegava a espingarda pendurada no prego atrás da porta de camarão e atirava nos troncos e latas enferrujadas espalhados no terreiro como se quisesse afugentar a fera ameaçadora dos peixes que tratava com tanto esmo, contudo só conseguia assustar o bando de tuiuiús que ficavam acomodados à margem do rio Miranda, que rapidamente fugiam atordoados formando uma revoada agitada que riscava o céu pantaneiro. Ele ria quando um colega advindo da fazenda vizinha aparecia e o alertava sobre o perigo.

— Para de mula! Não me pega, não! — Edmundo dizia enquanto enrolava o fumo no papel amarelado que servira de embrulho para as chipas amanhecidas.

Não é à toa que a Mãe-Natureza alerta com urgidos fortes sobre os atos e as consequências das ações humanas, o cuidado com a fauna e a flora é algo permanente e deve ser respeitado. Não é comum os animais silvestres atacarem as pessoas, todavia a prática da ceva é um dos fatores que contribui para um perigo iminente, pois tratá-los como animais domésticos é um erro, é um crime ambiental.

Naquele domingo, não viram Edmundo pelas redondezas do povoado. Era comum encontrá-lo na venda do Chico, ele costumava levar mel que colhia dos cumbarus, mas estranharam a falta do caseiro.

Não demorou muito para procurá-lo ou saber notícias dele, câmeras do rancho registraram um animal circulando pelo galinheiro na noite anterior, entretanto, o que encontraram foram os vestígios de Edmundo no terreiro da propriedade. A polícia ambiental logo foi acionada e começaram as buscas.

Em poucas horas, a onça-pintada foi capturada numa armadilha montada no próprio rancho onde Edmundo trabalhava e vários indícios a colocavam como causadora do crime. Ela rondava o rancho! E Sim, é o que pensaram, Edmundo foi atacado de forma inesperada e, provavelmente, devorado pelo animal silvestre. Encontraram os restos mortais próximos da toca do felino.

A onça estava abatida, machucada e sem forças para se defender. Ela se tornou alvo da perplexidade das comunidades ribeirinhas e, por conseguinte, da imprensa que expressava acusações e sentenças preocupantes.

Quem seriam os cúmplices do final trágico de Edmundo? Quem?

E a notícia espantosa repercutiu de tal forma que fez a Mãe-Natureza chorar mais uma vez pela desavença e destino de seus filhos.



# O Recreio

*Menina leva choque após vara de brinquedo  
atrair corrente elétrica*

(R7 - 27/03/2025)

**O** SINAL tocou e, como sempre, esperei meu amigo Roberto para irmos juntos tomar lanche e brincar. Eu era tímida e conhecia poucos colegas na escola, já o Beto conversava com todos e eu gostava daquela sensação de muitos amigos. Desta vez eu trouxe pão com ovo frito, suco de laranja e goiaba vermelha que peguei no fundo do quintal. Meu amigo trouxe bolo de cenoura com suco de melancia e resolvemos dividir tudo.

Lanchamos, colocamos as garrafinhas em nossas lancheiras de plástico e fomos escorregar na grama. Nossa escola tinha um gramado lindo e tinha um muro vazado que era feito com barras de cimento separadas. Quem andava na calçada via toda a escola, e quem estava dentro conseguia ver parte da rua. Às vezes, nossas mães entregavam o caderno que tínhamos esquecido em casa pelo vão entre as barras. Cachorros e gatos também passavam pelo espaço, e as professoras ficaram bravas porque nossos bichinhos de estimação queriam assistir às nossas aulas.

A turma toda resolveu escorregar na grama e brincar de pega-pega ao mesmo tempo. A manhã estava linda, com o céu bem azul e bastante calor. Várias crianças resolveram brincar e mudamos de pega-pega para ajuda-ajuda. Era camisa branca, saia azul marinho e *shorts* vermelho correndo para todos os lados. Risos e gritos enchiam o pátio. Os alunos maiores faziam o recreio em outro lugar e eles estavam quietos. Não corriam, nem brincavam. Andavam em pequenos grupos e só conversavam, parecia triste ser mais velho. O nosso recreio era pura felicidade!

Alguns adultos ficavam olhando a gente brincar. Nós não brigávamos e, por isso, não entendíamos o motivo de sempre ter alguém para nos vigiar. A grama estava bem viçosa e deslizávamos muito rápido, quando impulsionávamos o corpo para a frente. Toda vez que chegávamos ao fim do gramado, já nos preparávamos para escalar a pequena rampa. Alguns se seguravam na própria grama, e outros subiam dando impulso no corpo. Naquela manhã, notamos que havia um rolo de ferro novo bem grande colocado no alto do gramado e que estava dividindo nosso grande escorregador ao meio. Alguns colegas correram para depois do rolo para se protegerem do pegador e escorregarem. Eu estava correndo em disparada para fugir e vi um colega da minha classe escorregar e tentar voltar para o topo do gramado. Ele se segurou no rolo de ferro para subir e começou a gritar muito.

O grito dele era diferente do nosso, era de desespero. Todos ficamos paralisados e olhando assustadíssimos aquela cena. Meu colega não conseguia soltar as mãos daquele cabo e seu pequeno corpo tremia muito. Não sabíamos o que fazer! Nosso amiguinho ali grudado naquele fio de ferro tão grosso e todos nós com medo de nos aproximar. Quanto tempo ele ficou ali gritando, não sei. Um dos tios que cuidava da gente correu em sua direção. No caminho, ele rapidamente pegou emprestada



uma blusa de lã que uma menina da outra turma estava carregando. Com a blusa de lã envolvendo as mãos, o tio se aproximou do meu colega e conseguiu arrancá-lo daquele sofrimento.

Minha professora veio em disparada e conseguiu pegar meu coleguinha no colo, antes que ele caísse todo mole no chão. Todos estávamos em choque. A manhã, apesar de ensolarada e quente, não estava mais bonita. O som alto de uma sirene se aproximou, e o portão grande da escola foi aberto. Uma ambulância entrou e meu amiguinho foi levado lá para dentro. Todos nós estávamos mudos e acuados. Não nos movíamos, e alguns, inclusive eu, chorávamos em silêncio.

Ficamos ali parados observando cada movimento, quando as outras professoras vieram chamar suas turmas. Somente a minha sala ficou esperando imóvel ao lado do gramado. Nossa professora desceu da ambulância e nos chamou. A sirene voltou a funcionar e o carro saiu levando nosso coleguinha. Percebendo nossos olhares cheio de perguntas, nossa professora nos acalmou dizendo que nosso amiguinho ficaria bem. Que ele havia levado um choque no cabo de alta tensão que a empresa de luz tinha deixado ligado dentro do terreno da escola. Também falou que não era para brincarmos por enquanto no gramado. Nessa hora, peguei a mão do Beto e falei baixinho que nós só tomaríamos lanche sentados, que conversaríamos como os alunos grandes até o sinal bater.



# Diálogos (im)possíveis

*Morre Evanildo Bechara, um dos maiores gramáticos do Brasil e membro da ABL*

(G1 - 22/05/2025)

**E**VANILDO Bechara encontra Machado de Assis na Academia Celestial de Letras, lugar onde todos os amantes da língua portuguesa brasileira vão depois da morte. Como patrono das duas academias, é fundador defunto e defunto fundador. Algumas coisas não mudam.

Machado, ao receber Bechara, logo o convida para conhecer o Bairro do Cosme Novo, onde vive a morte. Ao caminhar pelas ruas, Bechara repara nos olhos de ressaca de uma jovem, consegue ver o mar através daquele olhar oblíquo e dissimulado a meditar no alpendre de uma casa muito parecida com as do bairro da Glória. Olha para o outro lado e vê, pela janela de um suntuoso sobrado do século XIX, um jovem testando uma espécie de emplastro; na encruzilhada entre o sobrado e o casarão, vê dois irmãos gêmeos cobiçando a mulher que passa pelo outro lado da rua com uma sombrinha a se proteger do sol. O gramático, perplexo, para e pondera: ora, as personagens de Machado vivem. Na morte elas ganham outra vida!

Fica exultante com aquela descoberta, o que mais a morte teria para desvendar sobre as palavras; as instâncias narrativas, que são as personagens, ganham vida? Pergunta, então, a Machado se a vida das personagens só acontece na morte do autor. Ao que Machado responde:

“Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes.”

Bechara mira aqueles olhos irônicos, aquele sorriso debochado e finalmente entende a alcunha de bruxo do Cosme Velho. Machado então completa: “Não existe edição absoluta nem definitiva”.



# Notificação

*Passageiros na estação Jardim São Paulo do Metrô se seguram para não serem levados pelas águas*

(CBN - 24/01/2025)

“UNDER my umbrellaaaa”, canto como se estivesse em um Karaokê quando o despertador atinge o refrão, sorrio ao encarar meu gato debaixo da cama que se esconde para não ser meu parceiro de dança e faço o check list da agenda do dia.

Tropeço de novo enquanto caminho até o Terminal Campo Limpo, confirmando novamente no meu smartphone que a prova é no dia 24 de janeiro de 2025, às 8 horas.

Viajo por uma hora até o Butantã, em pé, fazendo pedidos em silêncio para o Cosmos pela aprovação na prova oral da pós-graduação.

Essa fase final me faz ter uma retrospectiva da minha vida e o quanto sempre sonhei com a universidade pública. Tento utilizar todo o malabarismo semântico possível para assegurar que consigo morar na zona Sul, trabalhar na Norte e estudar na Oeste. Que me comprometo com prazos e que conheço profundamente a metodologia a que me proponho.

Agradeço mentalmente por ter pulado o café da manhã quando o gosto da bile sobe na minha garganta com a devolutiva da banca que a preferência é por um candidato com dedicação exclusiva. Espero que meu sentimento de indignação não seja óbvio na minha expressão.

O cansaço e a sensação de “poderia ter feito melhor” começam a pesar quando chego à Estação da Luz. Centenas de celulares vibram, alertando “ameaça de chuva severa”, e são erguidos para filmar a multidão que não consegue avançar. Deixo-me conduzir, quase carregada pelos outros, em direção ao Tucuruvi.

Ao chegar na estação Jardim São Paulo, os celulares emitem mais uma mensagem: “Permaneça em local seguro”. Escolho ficar ali mesmo, esperando.

De repente, uma água turva e suja começa a descer pelas escadas. Encharca minha roupa, desestabiliza meu passo, arrasta a mochila e bate gelada acima dos meus joelhos.

Agarro-me a uma grade vermelha. Gritos ecoam. Machuco os lábios enquanto suplico, em meio a lágrimas, água e frio. Chuto as pessoas na luta para não cair e sinto as pontadas nas costas que mostram a luta dos outros. Vejo um casal se despedir...

Nos dias seguintes, as pessoas continuaram a me perguntar como consegui me salvar. A verdade é que não sei. Mas respondendo o que as notícias disseram para só manter o diálogo.

A única decisão que lembro foi que, na manhã seguinte, ao acordar com “Don't Stop the Music”, abracei meu gato... E descansei no feriado.



# Futuro do Pretérito

*Americano acha mensagem em garrafa lançada  
ao mar 50 anos atrás por marinheiro russo*

(G1 - 19/08/2019)

**F**ALARAM que o homem encontrou uma mensagem dentro de uma garrafa. Viera trazida pelas ondas, no litoral do Alasca. Ou nas Bahamas. Ou na Austrália. A diferença estaria nas testemunhas: o urso polar, o ornitorrinco, o turista endinheirado. Impossibilitados os três de tomarem um café por questões geográficas, pela ausência de asas ou pelas preferências gastronômicas.

Disseram que o homem achou uma garrafa. Vagava pelas ondas. Teria uma mensagem, escrita há mais de cinquenta anos. Um texto preservado em um papel, ali, largado e lacrado. Um bilhete lançado ao largo. O homem que mandara a mensagem, basicamente disse “oi”.

Mas que coisas se poderia dizer numa carta assim, sem remetente?

Poderia eu detalhar o crime perfeito, pomenorizando cada ação e subterfúgio, mostrando todas as falhas da investigação que concorreram em favor de minha escapatória? Teria esse crime prescrito ou, logo eu, não daria a sorte de que minha mensagem caísse, meio século depois, nas mãos de crianças a cavar a areia, inocentemente, para construir um castelo?

Anotaria uma piada ruim que mãos desavisadas e olhos curiosos tentariam, sem sucesso, decifrar seu sentido? Esse frágil pedaço de papel circularia de mão em mão até encontrar um sorriso cúmplice no rosto de alguém sentado no fundo de um bar?

Escreveria um poema de amor, ridículo como todas as cartas desse tipo? Ou arriscaria versos eróticos, expondo fantasias, segredos e musas guardados num coração tropical, querendo partir o gelo e se entender com outro corpo, visto que as almas não se entendem?

Ou deixaria o testemunho do tempo em que o mundo assistiu, sob o signo da atmosfera constrangedora e silenciosa de um elevador, à aniquilação de um povo que habita uma faixa de terra às margens do Mediterrâneo?

Onde encontrariam essa diáfana máquina do tempo? No litoral do Alasca, da Austrália, de Nova Granada ou de Piracicaba?

Quando demoliram, na Nova Zelândia, o memorial em homenagem aos combatentes na Primeira Guerra Mundial, encontraram, nas entranhas do concreto, um bilhete com a lista dos nomes de cinco pedreiros que trabalharam na obra. A lista, sobrevivente dos escombros, virou artigo de museu. Nenhum daqueles trabalhadores se chamava Pedro, mas, certamente, esperavam algo, talvez mais lindo que o mundo, talvez maior do que o mar. De que cor é a esperança, tantos anos depois?

Quem receberia esse telegrama vítreo, meio século adiante de hoje? Que mundo se destamparia diante dessas linhas? Haveria ursos polares ou ornitorrincos a testemunharem esse feito? Teria sobrevivido alguém sob as ruínas daquela estreita faixa de terra, às margens do Mediterrâneo? Como, às vezes, parece mais crível o apocalipse que o fim do capitalismo, é provável, haveria turistas ricos.

Cem anos antes dos meus olhos apavorados e míopes se deslumbrarem com o mundo, dois trabalhadores guardaram sua mensagem dentro de uma garrafa vazia de uísque. Disseram que aquele a encontrá-la poderia imaginar que a poeira deles estaria “soprando ao longo da estrada”. No fundo, somos, tudo e todos, poeira das estrelas, uma espécie de garrafa lançada no mar-universo. Aqueles dois homens não beberam o uísque, mas eram poetas.



## O Que Seria?

*Esta dança apaixonada de Ataca e  
La Alemana deixou as pessoas maravilhadas*

(Regional notícia - 28/10/2025)

**T**ENHO andado a passos rápidos, em tempo lento. Confesso que seguir adiante tem sido mais um nadar contra a maré, onde as braçadas alcançam muita água e os obstáculos ganham o meu cansar. Pensei num tempo em que meu sofá brigava comigo por eu estar muito tempo sobre ele e não aproveitar o verde do mato lá fora ou o movimento do corpo.

Ah meu corpo, se meu sofá soubesse o quanto sente falta de encaixar-se em cada vão de sua espuma macia.

Saí de casa num dia de vento, me deparei com as árvores que dançavam ao som uivante de suas folhas balançando, buscando sombra e sol, foi quando me atrevi a jogar-me ao som do mundo e sorrir para o dia que viria.

O sol, o mundo, a dança e eu, que mais seria de mim, se em mim eu não me achasse?



# O Tempo de Juliana

*6 perguntas ainda sem resposta sobre morte de  
Juliana Marins no monte Rinjani*

(BBC Brasil - 30/06/2025)

**J**ULIANA, que tem o mesmo nome que o meu e um pouco mais da metade da minha idade, faleceu ao cair dentro de um vulcão. Juliana, uma jovem aventureira de 26 anos, que tinha, como todos os jovens acham que têm, todo tempo do mundo, faleceu porque o resgate não chegou a tempo de salvá-la.

Ao saber da fatídica notícia do falecimento dela, me entristeci, e esse sentimento me levou a pensar sobre o tempo. Quanto tempo temos entre o princípio e o fim, já que ao nascermos só temos a certeza que um dia morreremos? Quanto tempo o tempo tem? Dizem os mais experientes que o tempo é igual para todos; que todos os dias têm as mesmas vinte e quatro horas, sem exceções ou privilégios e mais: que ele é implacável. Esse Kronos que tudo consome e tudo leva é, de fato, igual para todos ou será que Kairós que é aquele tempo oportuno e qualitativo também existe? Quando é que o tempo de Juliana deixou de ser Kairós para se tornar Kronos? Quando foi o momento em que o tempo dela parou? E o tempo da família, dos amigos, o tempo de esperança em resgatá-la com vida? Quanto tempo o tempo tem?

Não deu tempo para Juliana. Não foi o tempo de perder o ônibus ou o metrô em um dia qualquer, nem o tempo de ouvir uma música desde o começo, foi a perda do tempo de esperar novas aventuras, novos dias, novos tempos. Não deu tempo também para sua família e seus amigos. Não deu tempo nem para se despedir com tempo. É chegado o tempo do vazio, da saudade sem fim e da sensação de que, para os que creem, ela está em outro tempo de sua jornada.

Quanto tempo o tempo tem? Quanto tempo temos? Quanto tempo Juliana esperou pelo resgate acreditando que daria tempo? Quando percebeu que não havia mais tempo para ela?

O tempo é o maior dos desejos humanos. Juliana não teve mais tempo. Nós ainda temos, sem garantia. Tempo para plantar e para colher; para realizar e aproveitar enquanto o temos: o tempo. O tempo do agora.



# As Flores de Dona Norma

*Idosa pinta flores pelas ruas de São Paulo*

(Record News - 10/06/2024)

**N**A Mooca, entre buzinas, calçadas apressadas e muros desbotados, uma senhora de 85 anos decidiu que o cinza não era suficiente. Um dia, ao chegar em casa, deu de cara com um poste pintado de branco. E como quem se recusa a aceitar a monotonia como vizinha, Dona Norma pegou seus pincéis e pintou flores.

Assim, singelamente, nasceu uma revolução delicada.

No começo, era só um poste tímido, transformado em jardim vertical por mãos firmes e olhos que ainda veem beleza onde todos passam correndo. Depois, veio outro e mais outro. Até que a Mooca, sem pedir licença, foi invadida por mais de 300 postes floridos, todos com a assinatura invisível de uma mulher que não queria esperar o mundo melhorar, resolveu pintar ela mesma.

E que gesto bonito é esse, de se negar ao concreto do concreto. Porque há algo de profundamente corajoso em colorir o que foi feito para ser funcional, feio e ignorado. Dona Norma não pediu autorização, edital ou verba. Também não fez protesto. Apenas usou o que tinha: tinta, tempo e ternura.

Na cidade onde tudo é cinza por padrão, onde as coisas são erguidas para suportar e não para encantar, ela foi lá e plantou beleza. Não no chão, que já está ocupado por pressa e cimento, mas nos troncos urbanos dos postes, como se fossem árvores tristes esperando por primavera.

Tem gente que diz que arte não muda o mundo, talvez. Mas também tem quem acredite que, se ao menos mudar a esquina, já valeu a pena. E isso Dona Norma fez com louvor. Fez de cada poste uma mensagem silenciosa de que a idade não apaga o ímpeto de criar, de cuidar, de resistir com cor.

Agora, quem passa pela Mooca talvez nem saiba o nome da artista. Talvez nem note que ali, onde antes havia apenas ferro e função, há agora crisântemos, girassóis e ipês imaginários. Mas, mesmo sem saber, carregam um pouco daquilo que toda cidade precisa: afeto. Pincelado ali, no meio do asfalto.

Dona Norma não pintou postes. Pintou esperanças.

E que sorte a nossa.



# Conversa de Corredor

*Os atentados de 11 de setembro*

(Memória Globo - 12/01/2022)

O CLIMA estava diferente naquela tarde. Céu acinzentado, nuvens escuras, pouco vento, até as crianças da escola estavam meio silenciadas. O corredor estreito, um lugar propício para uma boa prosa.

Os três se encontraram ali e, embora exercessem funções diferentes no mesmo local de trabalho, um assunto os conectava naquele estreito corredor, seus semblantes assustados indicavam o teor dos fatos.

O primeiro, servente e morador antigo do bairro, exalava certa tristeza e preocupação; a segunda, professora mais antiga da escola, transparecia sua segurança e firmeza; e o terceiro, o mais jovem, recém-formado e ingressante na carreira, deixava nítido o medo e o desespero.

A atualização dos acontecimentos não era tão rápida, somente o encontro com pessoas que haviam assistido os informes dos noticiários da TV ou dos programas de rádio antes de chegar ao trabalho os deixaria um pouco mais informados sobre a vida além dos muros escolares. De certa forma, o assunto que os uniu também os paralisou no corredor estreito.

A vassoura parou de ser guiada pelo servente, o jaleco da professora guardou os gizos que por suas mãos escreviam na lousa, e o professor substituto guardava sua caneta e fechava seu caderno de registros diante daquela bomba.

Sem causar destroços físicos na paisagem local, sem ensurdecer com explosões o ambiente, mas causando um estranhamento e uma sensação de impotência, a conversa os tirou da realidade escolar e os direcionou à realidade mundial.

O mundo não seria mais o mesmo a partir de então, tamanho o impacto que a notícia aquele dia causava em todos os lugares, sem uma xícara de café ou uma deliciosa fatia de bolo de fubá, tudo teve que ser engolido e digerido a seco e com um sabor não tão agradável.

“Seremos todos convocados, eu já fui enfermeira no exército e com certeza serei chamada.” – a professora disse alertando e esclarecendo o grupo.

“A guerra é algo muito triste.” – o servente anunciava sua frustração.

“Sou reservista, espero que o exército esqueça-me em minha casa” – confuso e aflito o professor novato arrependeu-se por estar ali.

Não se tinha mais o que fazer e tampouco para onde ir, por alguma razão o corredor estreito aproximou os três na tarde fatídica de 11 de setembro, aquele diálogo a partir de então estava marcando suas vidas e, com certeza, a vida de muitas outras pessoas em várias partes do mundo, estendendo-se por diversos corredores, estreitos ou não. Tanto a dizer ou fazer, mas precisavam voltar ao trabalho, se é que conseguiriam, sensações de medo, curiosidade, insegurança, um mix de sentimentos lhes trazia única certeza de que aquela conversa não seria finalizada ali naquele corredor estreito, sinalizando um novo encontro marcado.



# A Luz Nossa de Cada Dia

*Neta usa câmera de segurança para conversar e registrar as novidades da avó que mora longe*

(Diário do Nordeste -26/07/2024)

**E**NTRE a fresta de luz que passava pela janela e o som do alarme: “Tudo de novo outra vez”. Certo dia, ouvi de um amigo “Essa é uma das certezas que temos, de que o sol vai voltar amanhã, desde que o mundo é mundo, os nossos antepassados mais distantes se guiavam por essa luz, do alvorecer ao entardecer. Ah, a luz, a bendita luz que nos indica é hora de levantar e cuidar da vida”. Abrir o olho, esticar o braço, na palma da mão a nova luz que guia e acompanha aonde quer que vá, no banheiro, na cama, na mesa, na sala, no mercado, no encontro com amigos, no show, no teatro, etc... etc... etc...

Qualquer lado que se olhe há um pescoço curvado perante a luz resolvendo a vida ou a desperdiçando. Olhos vidrados em cada movimento, ouvidos que ouvem, mas parecem não escutar quem os chama.

Experimentamos a ditadura da luz, você é “obrigado” a tê-la nas mãos, mas se não quiser não precisa, mas fazem de tudo para você precisar e se você não tem, você é excluído da civilização. “O que vai fazer no mundo sem essa luz? Como aprender a esperar sem essa luz? Como se alimentar sem essa luz? Como se locomover sem essa luz? A luz criou a necessidade e agora a necessidade é necessária.

Em tempos de tecnologia digital desenfreada, estamos mais perto “nas” telas e fisicamente mais distantes, contra fatos não há argumentos. As sensações, os cheiros, o toque nos escapam do estado de presença do aqui e agora, fustigados pelo touch. “Ah, as crianças não brincam mais como antes”, “Esses jovens não querem saber mais de nada”. São frases corriqueiras emanadas com frequência em qualquer conversa entre adultos, dependentes dessa luz até o leito de morte, como quem segura a vela para continuar no caminho da iluminação.

Mas o fato é que, quando nos tornamos conscientes daquilo que usamos e para que usamos, daquilo que fazemos e para que fazemos, o prenúncio da catástrofe pode ser, na verdade, nossa salvação. Pode ser que até esteja acontecendo uma catástrofe e nós nem estejamos nos dando conta, estamos ocupados vendo vídeos influenciáveis.

Bem, mas na vida nada passa sem que nos ensine a ver os prós e os contras. Conscientes ou não, as telas passaram a minimizar distâncias emocionais, compartilhamos prazeres e/ou desprazeres com aqueles que amamos e estão longe de nós. Os quilômetros de distância que nos separam, nos aproximam pelos bites de conexão, de um modo misterioso, que ninguém está interessado. Encontro a um, a dois, a três, a muitos, a nova ou velha calçada sob a luz, que antes era da lua e das estrelas. Um salve a memória, as lembranças hão de continuar, as fotos dos álbuns que antes olhávamos quando juntamos a família, hoje estão nas nuvens, com um clique chegamos lá e vivenciamos talvez a mesma sensação. O que sabemos é que tudo não permanecerá do jeito que já foi um dia, por enquanto seguimos o caminho da luz.



# Amor Incondicional

*Rapaz admite ter matado avô e neto, mas deixa delegacia pela porta da frente*

(Campo Grande News - 26/05/2025)

**V**OVÓ Carla, de uns cinquenta e poucos anos, de estatura baixa, estava prestes a receber uma notícia que mudaria tudo, dias, meses se passaram, seu filho mais velho anunciou-lhe que seria pai. E, logicamente, Carla seria vovó, quantas emoções naquele momento.

Tantos preparativos para a chegada daquela bebê, fraldas, roupinhas de tricô, roupinhas elegantes, tudo para o novo amor. Tudo pronto, enfim chegara finalmente o dia tão esperado, aquele pequeno ser seria amado com amor incondicional.

Tudo girava em torno daquela pequena criaturinha, todos a amavam, o mundo parecia estar cheio de amor, não havia lugar para raiva, somente Amor.

Anos se passaram, aquela pequena criança crescia cercada de amor!!!

O tempo passava rapidamente, a pequena neta envolta por tanto amor, nada mudaria, amor de neta e avó tem laços fortes, jamais se romperia, nada poderia destruir este amor incondicional!!!

Aquela vovó fazia tudo para ver a felicidade da pequena neta. Artigos afirmam que amor entre netos e avós tem profundo elo emocional ressaltando o amor incondicional, leu a vovó em uma revista e logo concordou com a cabeça, mas uma dúvida abrupta lhe encheu de dúvidas, será? Não, não, o amor de uma avó por seus netos realmente é incondicional.

Muitas vezes, vemos notícias absurdas na TV, um neto tão amado, por que deixa o amor de sua avó e, muitas vezes, chega a feri-la? Seja de forma física ou causando-lhe feridas em seu coração, o amor entre netos e avós não é incondicional? Aquela avó interrogava seus pensamentos, o elo entre uma avó e seus netos é realmente puro, nenhuma avó deveria ser machucada por seus netos!

Aquela avó chegou à conclusão de que realmente o elo entre avó e netos é profundo, e o amor entre ambos incondicional. Nada pode romper um amor tão profundo e sincero, este amor independe das circunstâncias, este amor tem um elo forte e jamais será rompido.

Amor de vó é incondicional!!!



# Mundo Visto Pela Lente Pentax

*O planeta se despede do brasileiro  
que melhor o retratou*

(CNN Brasil - 23/05/2025)

**C**AIXA quadrada, com uma lente e o amor de uma companheira, pode transformar a vida simples de um homem, que tinha optado por uma carreira vista como sólida para sua época. Essa caixa quadrada é a câmera Pentax, adquirida para auxiliar sua parceira de alma e vida, a fotografar arquitetura francesa; mal sabia que ali nascia Tião, com uma nova profissão!

O fotógrafo da humanidade, com uma missão de capturar o mundo, brincando com a luz, preto e branco, em suas fotos. Não era só potência da máquina, mas seu olhar apurado e sensível em capturar o homem e seu meio, indo da beleza à destruição, do inexplorável ao explorado, da alegria à dor, tudo traduzido pelo olhar mágico e talentoso na arte de fotografar.

Suas fotos viram grandes exposições, que vão além das imagens e desafiam seu público a olhar, a refletir e a repensar: no Planeta, na Guerra, no Poder e nos Povos Originários, nascendo linda amizade sincera, buscando garantir direitos que a história os negaram.

A Amazônia era sua segunda casa; estava tão familiarizado com seu habitat que sabia até a hora que iria chover e os tipos de chuvas (fraca, forte, torrencial ou passageira), além de ter estreita relação com as árvores e animais pertencentes àquele lugar.

Nesse caminho percorrido, fez inúmeras parcerias: com UNICEF, virou documentário, idealizado pelo seu filho, sendo premiado pela linguagem da sétima arte com “Sal da Terra”; suas viagens e fotos são transformadas em grandes obras: Gênese, Êxodo, Amazônia, Série Trabalhadores, tudo com olhar e cumplicidade de sua companheira e amor da vida inteira, recebendo grandes prêmios; o maior deles foi a recuperação do desmatamento de suas terras em Aimorés (MG) – daí, nasce o Instituto Terra, o ressurgindo da biodiversidade.

Pelo olhar da sua câmera, revelo o filme em preto em branco, o fotógrafo, indigenista, o pai, o amor, ativista, ambientalista ... Sebastião Salgado... “eu vivi tanto e vi tantas coisas”.



# O Jogo é Aparecer

*Entre peregrinos e poderosos, 400 mil se despedem do papa*

(Jornal O São Paulo - 30/04/2025)

**É** INCRÍVEL como a morte aproxima as pessoas de diferentes classes sociais, “poderosos e peregrinos”, quero dizer, a morte de alguns. Quantas pessoas LGBTQIA+ são mortas por dia no mundo todo? Quantas pessoas morrem em enchentes ou por calor excessivo no mundo todo? Quantas pessoas morrem em conflitos entre nações no mundo todo? E tantas outras mortes que nem consigo nomear; mas poderosos não aparecem para prestar condolências a esses mortos, muito pelo contrário: muitas vezes, os causadores desses óbitos são os que querem fazer uma nação “grande novamente”.

Pois é, ninguém ou quase ninguém aparece no enterro dessas pessoas, mas muitas delas estiveram ali para se despedirem do Papa Francisco no último sábado, na Itália; merecido reconhecimento, diga-se de passagem, por ser um líder religioso que acolhia os peregrinos, que incessantemente levantava sua voz por todos sem distinção de classe, etnia, gênero, religião...

Mas o que não posso deixar de comentar é o fato de os poderosos também estarem lá. Para quê? Protocolo? Visibilidade? Negócios? Acordos? Fé? É... eu continuo me perguntando, para quê?

Essa morte é uma oportunidade para os líderes de superpotências do mundo refletirem sobre o que estão fazendo com o restante da população global, impedindo migrações por sobrevivência, impedindo que medicamentos cheguem aos mais necessitados, impedindo o desenvolvimento de pesquisas de remédios que podem ser a cura para doenças terminais, expulsando uma população inteira de seu território para transformá-lo em resort, aumentando a extensão de seu poderio... Mas acho que nem essa morte tão representativa abalará a sede de dominação desses poderosos.

Parece que a ponte tão sonhada pelo Papa Francisco está longe de existir.



# Tentativa de Assalto

*Mulher sofre tentativa de assalto em SP: 'no farol, aproveitei para terminar de me maquiar'*

(Terra - 24/09/2024)

**L**AURA, uma mulher com idade de 50 anos, voltando da sua aula de dança do ventre por volta das 22h, em um dia de semana qualquer, pensativa e tranquila por sua aula ter sido maravilhosa, conseguiu dançar como nunca havia dançado, tudo estava perfeito até o retorno para sua casa.

Ela como sempre retornando sozinha para casa, distraída em seu carro popular, mas era zero, pois havia comprado a pouco tempo, pensando nas coisas que teria que fazer no dia seguinte, parou em um farol e com apenas uma brecha pequenina na porta dianteira do lado do condutor. De repente, viu a porta se abrir e um homem de pele branca adentrar e sentar-se em seu colo, mais que depressa quis se livrar da situação e logo saiu do veículo. Numa fração de segundos, ficou então ali no meio da avenida escura, paralisada, sem bolsa e documentos pessoais, sorte que estava perto de casa. O carro que estava atrás com duas pessoas disse que a intenção era assaltá-las, mas ao perceber que a senhora estava sozinha resolveu mudar de vítima, assim as duas mulheres que estavam no carro lhe ofereceu carona até sua residência!

Chamou a polícia que perguntou se o carro tinha seguro e aconselhou-a ir para casa descansar e no dia seguinte fazer boletim de ocorrência.

Pensando em tudo isso, chego à conclusão que ser assaltado nos dias atuais se tornou comum, ou seja, está tudo bem, vida que segue, é assim mesmo, as coisas acontecem, só foi mais um, não será o primeiro e nem o último. Aceita que dói menos...



# Os que Plantam Letras no Entardecer

*‘Mãe, eu formei!’: Idoso viraliza ao ir até mãe, de 97 anos, usando beca e com diploma em MG*

(G1 - 03/03/2023)

**N**A sala 4 da escola, quando o sol começa a bocejar atrás dos telhados e o dia veste seu pijama de luz dourada, chegam os semeadores tardios. Eles vêm com passos que conhecem os tropeços da vida, mas também com olhos que brilham como manhãs recém-nascidas.

Dona Celeste, flor de outono, sempre chega primeiro, trazendo no colo um caderno onde as linhas são canteiros prontos para receber sementes. Seus lápis, afiados como esperanças, desenham letras como quem borda memórias na seda do tempo. Ao seu lado, seu José cultiva versos em silêncio, colhendo saudade e transformando-a em poesia para a companheira que agora habita o céu.

Cada estudante daquela sala é um livro em carne e osso, com páginas gastas de luta, mas com capítulos ainda por escrever. Estão ali para ler o mundo com os próprios olhos, para assinar a vida com a sua mão — às vezes trêmula, mas sempre firme na vontade.

E ali, entre eles, está a professora. Guardiã de palavras, jardineira de sonhos. Seu ofício não é apenas ensinar letras, mas soprar vento nas velas dos barcos que ousam navegar, mesmo quando o mar da idade é revoltoso. Ela rega pacientemente cada dúvida, ilumina cada acerto como um farol na beira da travessia. É ponte, abrigo, bússola e chão.

Naquele chão de azulejos frios, brotam flores. Aprender, ali, é como colher estrelas à noite: pode parecer difícil, mas quem acredita sempre alcança o brilho.

Quando o sino sussurra o fim da aula, ninguém corre. Eles se levantam como quem agradece a terra após uma boa colheita. Saem devagar, mas com o peito leve, porque sabem que ali, entre palavras e escuta, estão redesenhando a própria história — não com tinta, mas com coragem.

E a escola, testemunha dessa dança entre o ontem e o agora, sorri em silêncio. Porque aprender, mesmo quando o corpo se curva com o tempo, é um dos mais belos gestos de quem ainda acredita na primavera.

E, às vezes, essa primavera chega vestida de beca, segurando um diploma, dizendo com orgulho:

**“Mãe, eu consegui.”**



# O Cão e a Estátua

*Cristo Redentor ganha projeção segurando vira-lata caramelo para promover adoção responsável de animais*

(G1 - 04/04/2025)

**E**RA uma manhã com neblina no Rio de Janeiro. As pessoas começaram a sair de casa para o trabalho. Entre os becos, com as patas sujas e o corpo cansado, caminhava um vira-lata caramelo. Ele estava acostumado a pegar os restos que os turistas deixavam para trás, mas o dia anterior não tinha sido muito compensador. Sua barriga roncava. Ele ouvira falar que tinha um homem de pedra no alto do morro, mas era muito difícil chegar lá. Mas ele era insistente. Com esse pensamento no cérebro canino, começou a se mover na trilha.

Como mágica, uma mão enorme, ou uma pedra, o elevou no ar.

O cãozinho levou um susto quando viu quem o segurava:

— Você é o Francisco? O homem de Assis que acalmou o lobo e chamava os animais de irmãos? Eu pensei que você não existia. Por favor, me leve com você. Eu sou um cão bonzinho. Eu não mordo, nem quando me batem na rua. Eu prometo ser sempre leal. Nunca vou morder as suas sandálias, nem estragar nada. Só preciso de um pouquinho de ração e um cantinho para dormir.

— Paz e bem, meu irmãozinho de quatro patas. Sou o Cristo. Mas, aqui em cima, me chamam de Redentor. Estou sempre com os braços abertos para acolher a todos. Hoje, visto a túnica de Francisco, que existiu sim e pregou o amor por todas as criaturas. Faço isso porque quero lembrar aos homens que a santidade também anda de patas sujas e olhos humildes. Descansa. Você também é parte da criação que merece cuidado. Francisco está junto do pai. Mas saiba... mesmo quando ninguém te chama, Eu te vejo.

Caramelo sentiu uma paz tão grande ali. O cansaço e a fome desapareceram. Não sentia mais frio. Teve a sensação de que aquela energia magnetizadora o alimentava, no corpo e na alma. Sorriu, do jeito dos cãesinhos... abanando a cauda. Começou a falar:

— Sabe, são muitos como eu, só aqui no Rio de Janeiro. Tem umas tias que vêm aqui na rua e colocam comida. Elas falam que trabalham nas ONGs. Não sei bem o que é. Mas falam que são muitos cães e gatos abandonados. No Brasil, mais de 30 milhões. Dizem que não conseguem levar todos embora.

Então ficamos por aí. Lá na instituição tem adoção de animais, mas, quando são de raça, são adotados rápido. Os caramelinhos como eu, e os pretinhos também, vão ficando para trás. No meu caso, nem pra ONG eu consegui ir.

O Cristo sorriu com ternura e acariciou o pelo do cãozinho. Em seguida, disse num tom suave e acolhedor:

— Eu sei, pequeno amigo. O mundo às vezes é duro, e o amor parece raro. Mas, no coração do Brasil, há muitos braços que se estendem silenciosos. São pessoas e comunidades que escolheram não esperar pelo mundo, mas agir, cuidar e



transformar. Muitas vezes, pessoas se organizam em entidades. Acolhem os esquecidos, lutam pelos que não têm voz, cuidam da natureza e educam com esperança. Entretanto, são tantos os abandonados, que elas não conseguem atender a todos. As pessoas precisam entender que toda a vida é preciosa, e a sociedade precisa acolher a todos os irmãos, sejam humanos ou não. Não é preciso ter pedigree para ser amado. E não é preciso ser rico para fazer caridade. A caridade pode acontecer sem envolver dinheiro.

Disse o Caramelo:

— Eu ando todos os dias pelas ruas, as portas se fecham. Quando não tem comida da tia da ONG, nem de algum benfeitor esporádico, eu fico com fome. Não tenho uma cama quentinha, nem um afago no meu pelinho. Sabe, moço, teve um tempo que falaram que iam colocar minha fotinho na nota de dinheiro. Daí eu pensei que minha vida ia melhorar, porque estavam amando tanto os caramelinhos que seria como se eu fosse um animalzinho mais valorizado, sabe? Mas daí disseram que era mais importante colocar a foto do meu primo, o lobo-guará, no dinheiro e eu acho que me esqueceram novamente. Dizem que este lobo está ameaçado de extinção, e os vira-latas não. Eu fiquei muito triste, mas sei que ele também precisa de ajuda.

Ao que Cristo respondeu:

— Sim, infelizmente, há no Brasil esse e outros animais silvestres ameaçados de extinção. Mas não desista, Caramelo. Lembre-se que você nunca estará sozinho. Mesmo quando o céu parece fechado, a luz que você carrega no olhar nunca se apaga. Eu estou aqui. Não como estátua, mas como presença. Nos passos que você dá, no vento que acaricia seu pelo, na bondade que você inspira em quem cruza seu caminho.

Caramelo fechou os olhos, sentindo o amor do Cristo preencher todas as suas fibras.

Naquele instante, o cachorro soube que podia seguir — com o corpo cansado, mas com o coração mais leve.

Cristo ainda disse:

— Você é muito querido, meu amigo. As pessoas não devem se esquecer: “Adotar é nutrir amor.”

Cada adoção é uma semente de esperança plantada num mundo que precisa aprender a amar mais e julgar menos.

E, naquele instante, sob o sol que já começava a brilhar tímido sobre a cidade, o vira-lata caramelo sentiu que, onde quer que fosse, levaria consigo esse abraço, essa verdade e essa esperança.



# Cadê Minha Asa?

*Homem processa empresa de energético por não ganhar asas e recebe 13 milhões de dólares*

(G1 - 09/10/2014)

**P**ASMEM! Descobri recentemente que a humanidade chegou ao topo da criatividade jurídica. Sim, amigos: alguém processou uma marca de energéticos porque — acreditem — não criou asas.

O sujeito abriu a latinha, tomou um gole, esperou uns minutos, subiu na laje, abriu os braços e... nada. Nenhum sinal de penas, plumas, nem mesmo uma leve sensação de flutuar. Caiu na real, literalmente de cara no chão e no Código Civil.

É o tipo de notícia que faz a gente pensar: onde estávamos quando essa ideia milionária surgiu? Quantas propagandas enganosas já engolimos sem questionar? Comi um tal iogurte a infância inteira e nunca cresci! Ninguém me ressarcir por isso. E aquele shampoo que prometia “brilho de diamante”? No máximo me deixou com frizz e autoestima abalada.

A propaganda do energético dizia que “ele te dá asas”. Ora, qualquer pessoa razoável entenderia que isso era uma metáfora, certo? Errado. Porque onde há um publicitário exagerado, há sempre um advogado esperto e um consumidor decepcionado.

O processo gerou um acordo. A empresa teve que desembolsar milhões de dólares. Isso mesmo. Milhões. Por não vender uma experiência aerodinâmica.

Fico pensando agora no potencial disso. Vou processar algumas marcas também; a pasta de dente que promete um sorriso “branco e radiante”, aquela tal esponja de aço que diz ter “1001 utilidades”, sem falar do hipermercado que diz: “mais barato, mais barato...” É isso, vou direto ao Procon.

Mas confesso: respeito o autor do processo. Ele olhou para uma latinha e viu uma oportunidade de voar — se não fisicamente, pelo menos financeiramente. No fim, o energético pode não dar asas, mas pelo jeito deu grana.



# Uma Perna e uma Pata

*Voluntário se emociona ao encontrar o próprio cão ilhado em Novo Hamburgo: 'Meu cachorro tá ali'*

(G1 - 13/05/2024)

O CÃO havia nascido num quintal baldio. Dentre uma ninhada de cinco filhotes, era o único bicolor e com uma deficiência física: faltava-lhe uma pata!

A mãe, cadela habituada a uma vida independente, logo concedeu autonomia aos seus cãezinhos. Na busca inexperiente por sustento e com uma dificuldade a mais que os irmãos, a tarefa de sobreviver era mais árdua para o pequeno animal claudicante. Mas o motivo da adversidade seria também a causa de uma grande alegria...

O homem vinha de família humilde. Na infância, enquanto os pais ganhavam a vida no trabalho, ele conquistava as ruas, seu espaço de brincadeiras. Um dia, correndo atrás da bola serelepe, quis o destino que o menino encontrasse um carro e, nesse encontro, perdesse uma das pernas. Entre a reabilitação e próteses diversas, ele seguiu seu caminho.

Em certa ocasião, nessa estrada, avistou vagando numa calçada um cachorro que lhe atraiu a atenção. A sintonia foi imediata e não houve dúvidas de que seguiriam juntos a partir dali.

O cachorro e o homem tornaram-se dupla. Companheiros de refeições, passeios, diversão... O encontro proporcionou a ambos uma vida com mais alegrias e cenas mais bonitas.

Um dia, o cenário se coloriu de chuva. A chuva virou dilúvio; o dilúvio tomou a cidade; as ruas viraram rios onde só telhados eram vistos. Os amigos perderam o contato. O tempo passava, mas a água permanecia.

Dada a situação, o homem começou um novo trabalho: percorria os caminhos inundados no resgate de bichos perdidos nas cumeeiras, sem saída, famintos. A coisa tomou tal proporção que ganhou os noticiários!

No barco, ele até recebeu, certa vez, um grupo de jornalistas. Mostrava-lhes sua atual rotina quando, de repente, surpreso, avista um velho conhecido e comunica a reportagem: "Aquele é meu cachorro!". E, ato contínuo, ele grita:

— POUCA-PATA! POUCA PATA!!!

O que se seguiu comoveu a todos os presentes: um abraço apertado, cheio de saudade e alegria dos dois amigos que se reconhecem e se identificam não pelo que têm, mas, sim, pelo que lhes falta: uma perna e uma pata.



# Iluminar o que For Possível

*Lina Meruane e Jorge Carrión tentam  
atravessar fronteiras em mundo cada  
vez mais fechado*

(Quatro Cinco Um - 20/06/2025)

**E**NCERRANDO o sexto dia de conversas da edição mais recente da Feira do Livro, em São Paulo, a mesa “Membranas e nervos”, mediada pelo jornalista Rodrigo Casarin, reuniu Lina Meruane e Jorge Carrión para debater violência e escrita. Nessa ocasião, entre uma fala aqui e outra ali sobre os desafios dos escritores em tempos de inteligência artificial generativa, o espanhol Carrión, autor de *Membrana* (2021), obra ambientada em 2100 e narrada por uma IA, achou oportuno lançar uma provocação a Paulo Coelho, ao dizer: “Se o que você disser puder ser feito pelo ChatGPT, não faz sentido. O que Paulo Coelho faz, em minha humilde opinião, não faz sentido em 2025”.

Muito se fala sobre o “complexo de vira-lata” dos brasileiros, termo cunhado por Nelson Rodrigues para se referir ao sentimento de inferioridade que teríamos em relação a outros países, como se fôssemos cães sem raça definida diante de países desenvolvidos, estes sim, supostamente pertencentes a raças superiores. Mas se, por um lado, essa subalternização se revela toda vez que recebemos alguma migalha de reconhecimento estrangeiro, por outro, todo o orgulho nacionalista vem à tona quando alguém diz algo contra os nossos – ainda que daqui mesmo saiam falas piores do que a dos forasteiros.

Paulo Coelho é um perfeito exemplo disso, pois, embora tenha sido defendido por seus compatriotas contra as falas de Carrión, sempre foi bastante criticado por aqui. O “mago” é um fenômeno comercial, angariou uma legião de leitores aficionados mundo afora, mas nunca foi bem aceito pela crítica intelectual, sobretudo a do Brasil. Nem o vasto repertório musical produzido em parceria com Raul Seixas, o cultuado “maluco beleza”, ou o status de imortal na Academia Brasileira de Letras foram capazes de elevar a reputação de Paulo Coelho, em cujos textos críticos apontam falhas estéticas, excesso de chavões, falta de apuro no vocabulário, referências genéricas sobre fé e cultura oriental, um quê de autoajuda, entre outros aspectos com os quais é possível concordar mais ou menos.

Eu concordo com muitos deles, diga-se de passagem, embora goste muito de *O alquimista*. Li quando jovem, por influência de uma irmã apaixonada pela obra, e, naquele momento, achei o livro encantador, uma leitura bonita e agradável que deu um toque de espiritualidade a uma fase sombria que eu enfrentava. Ao ingressar na faculdade, no entanto, aprendi que não se podia gostar do autor – para confortar meu coração de estudante de Letras, li *O diário de um mago* e achei deplorável, o que me garantiu um passaporte para as rodas intelectuais.

Um pouco mais velha, sem o ego detestável e cansativo da juventude, reafirmei meu gosto por *O alquimista* e, mais do que isso, percebi e aprendi que os fenômenos comerciais assustam, ainda que sejam dignos de celebração em um país que, ano após ano, vê despencar o número de leitores.



Mas a ideia aqui não é defender Paulo Coelho, pois ele não precisa disso – apesar das críticas, o autor já vendeu mais de 350 milhões de livros ao redor do mundo, marca que raríssimos mortais conquistarão ao longo da vida. Defesa mesmo merecem os tantos artistas que não conseguem fazer o próprio trabalho ultrapassar a barreira dos sonhos. A intenção é pensar em diferentes camadas de classismo a partir desse episódio. Por que um europeu escolhe criticar Paulo Coelho em vez de um *best-seller* questionável do próprio país/continente? E por que Paulo Coelho incomodou tanto a elite intelectual brasileira? A crítica é mesmo a Paulo Coelho ou é um manifesto de desagravo à existência de seus leitores?

Indo ao ponto: a quem é permitido ler? Tem o direito a ler apenas quem acessa qual tipo de literatura?

Essa ilegitimidade em que Paulo Coelho muitas vezes é posto parece expressar uma ideia de que apenas o público dito letrado, no sentido mais elitista da expressão, pode consumir arte. Numa sociedade justa, valeriam as palavras de Antonio Cândido, de que “a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. Ou as palavras de Marisa Lajolo, ao dizer que “a literatura é uma porta para vários mundos”. E as palavras de Conceição Evaristo, ao afirmar, em seu projeto literário, que literatura é também reconhecimento e construção de identidade.

Nas minhas palavras, digo que toda leitura é de valor inestimável – e essa constatação renderia outro texto sobre o papel da literatura na elaboração de uma história social e crítica das civilizações – sobretudo num país desigual, subdesenvolvido, com altas taxas de analfabetismo, real ou funcional, e imerso em realidade virtual, absolutamente rendido à efemeridade – olá, brain rot!. Que se debruce sobre a literatura quem quiser e puder, e compartilhe os próprios aprendizados com generosidade e abertura, sem subjugar o outro a partir disso, sem perder de vista nossa origem e nossos desafios como nação.

A intelectualidade elitista vê a literatura como um incêndio para poucos, quando, na verdade, ela é apenas fagulha, qualquer que seja seu teor e seu público. Aqui, um tanto displicente, me aproprio de Faulkner dizendo que “o que a literatura faz é o mesmo que acender um fósforo no campo no meio da noite. Um fósforo não ilumina quase nada, mas nos permite ver quanta escuridão existe ao redor”.

Aqui em nossas terras, ao nosso redor, a escuridão é imensa. Então, que se ilumine o que for possível, para, quem sabe um dia, se iluminar muito.



# O Som da Vida: Notas de Esperança e Acordes de Amor

*Músicas nos hospitais: Projeto foi criado para dar mais conforto a pacientes internados no Hospital das Clínicas em São Paulo*

(Folha de S. Paulo - 02/08/2025)

**A**MINHA, uma menina de 4 anos, estava no leito de um hospital em São Paulo acompanhada por sua mãe. Ela aguardava ansiosa pelo momento de sua cirurgia.

A mãe, preocupada, olhava no relógio de forma aflita e constante. Aninha, sem saber o que iria de fato acontecer, se perguntava quem eram aqueles tios de roupa branca que passavam e sorriam para ela. Mas por que sorriam? Aninha não tinha a resposta para essa pergunta, apenas retribuía com olhar inocente e sorriso doce.

Por um momento, pegou sua boneca para matar a saudade de casa e da caixa de brinquedos. Já cansada de brincar e de esperar, adormeceu no colo de sua mãe.

Aninha acordou ao ouvir um som que vinha lá de fora, ela até queria olhar para saber de onde vinha aquela linda música, por um momento quis deixar seu lado infantil gritar e correr pelo corredor ou brincar de pega-pega com a mamãe para esquecer o medo, mas aquela música fez mudar de ideia e aumentar sua curiosidade.

Logo o som ficou mais forte, entrou pela portinha do ouvido e chegou no coração, um som suave, que acalma e que acolhe.

Uma música que parecia mágica, desta vez, não era o coelho que saía da cartola, mas as notas musicais que saíam de cada instrumento em forma de amor. Era o som da Orquestra Limiar, e o maestro médico que regia a orquestra com sua batuta na mão, que parecia a varinha mágica da fada do livro de histórias que a mamãe contava para Aninha na hora de dormir. Aninha se acalmou. O médico foi seu cirurgião, conduziu a cirurgia como conduziu a orquestra em perfeita sintonia.

Após a cirurgia, Aninha acordou ainda anestesiada pelos remédios e pelo som da música, que cada nota lhe trouxe esperança, e cada acorde superdoses de amor, foi um amor em conta-gotas como um remedinho que curava.

Aninha recebeu a vida de volta e, no dia de voltar para casa, ganhou de presente da enfermeira, sua tia de branco preferida, um instrumento musical de brinquedo, para ela tocar uma linda canção.

Já em casa, Aninha tocou para suas bonecas, para sua família, para as amiguinhas, para os vizinhos e para a professora.

Seu sorriso e sua música espalhavam amor e vida por onde passava.

Anos depois... Aninha, já adulta, passou a fazer parte dos músicos da Orquestra do Hospital. O instrumento de brinquedo foi substituído por um de verdade. Ela sabia bem o quanto era importante aquela música e apresentação.

E a história ou música continua... E a música invadiu novamente o corredor do hospital e o coração de alguém que também precisava.

Ei, você aí! Sim, você que está lendo esse texto! Já tocou no coração de alguém hoje?

Um sorriso, um abraço, um elogio, uma palavra de apoio podem ser seu instrumento. Agora toque! Tem alguém precisando ouvir o som da sua música, das notas de esperança e acordes de amor.



# Onde o Coração Canta

*O hospital das despedidas, onde os pacientes  
vão para morrer com dignidade*

(BBC Brasil - 30/06/2025)

**E**RA 1º de julho, um frio amargo circulava pela cidade de São Paulo e se instalava nas entranhas do Grajaú. Quinze graus, sensação térmica de dez, mas, dentro de mim, algo queimava devagar. Começou no dedo mindinho do pé, percorreu meu corpo, subindo pela pele e chegando até as mãos. As mesmas mãos que há tempos conhecem o incômodo da síndrome do túnel do carpo. Mas, naquele instante, mesmo elas pareceram relaxar, e o calor das palavras atravessava a rigidez dos nervos. E, no centro do peito, abriu-se espaço. Tudo por causa de uma frase lida numa reportagem sobre um hospital onde se vai, não para lutar, mas para sentir, um lugar onde as despedidas têm alma e os dias finais, estranhamente, ganham cor.

Fechei os olhos, me veio uma imagem, uma tarde em que o frio não incomodava. Dias em que não nos medimos pelo tempo, mas pelo que sentimos. Entendi que o calor da vida não vem do sol, mas do afeto, do que nos une sem pressa, do que canta quando o medo silencia.

O paliativo é menos fim e mais revelação. É o instante em que a vida suspende as urgências e nos convida, enfim, à presença. No caminho do adeus, está o que mais procuramos, a palavra sem dúvida, o gesto sem defesa e as horas passam a valer mais. Os olhares, mais longos, os abraços, menos protocolares. E o medo some porque já não há espaço. O que resta é gratidão. E canto.

“Um minuto de silêncio. Preciso ouvir meu coração cantar”; a frase de Ana Cláudia Quintana Arantes chegou como um redemoinho.

Ficamos tanto tempo ensaiando viver... E é só quando a morte se aproxima, como quem pede licença, que escutamos a canção inteira. Aquela que deixamos abafada nas letras nunca escritas, nos amores não ditos, nas tardes em que preferimos olhar para o celular em vez de observar os pássaros, correr em vez de permanecer, ter em vez de ser.

Falo disso porque vi de perto. Meu pai, Carlos Antônio, o Sr. Carlos, que por décadas trabalhou na EMEF Manoel de Abreu, o tiozinho, o tio legal, o tio engraçado, o tio que colecionava canetas e versos, foi convidado a um lugar que muitos evitam, uma casa de cuidados paliativos.

Meu pai me ensinou a rimar e a amar a natureza que está em nós. Era um grande poeta, daqueles que não precisam de palco para encantar. Me ensinou a contar histórias e, mais do que isso, me ensinou que viver é narrar com o coração.

Cada encontro com ele era como ouvir uma canção e nossos corações cantavam juntos. Entendi que histórias não acabam, elas mudam de forma, viram lembrança, viram parte de quem somos. E talvez seja isso que ele queria me dizer quando me entregou seu caderno de escritos. Ali, pela última vez, escutei seu coração cantar. E o meu também. Viver é lembrar com amor e contar com a verdade.



# Senhor X

*Centralia: a cidade que está em chamas há 60 anos, seguirá queimando por décadas e inspirou filme de terror*

(G1 - 08/06/2025)

**S**ABE aquele dia em que você não tem nada para fazer e começa a buscar assunto para uma nova publicação no jornal? Bom, foi em um dia desses que acabei encontrando uma foto do meu pai quando era criança ao lado do meu avô Thomaz. Lembrei-me que o velho sempre dizia que só restou essa foto, não havia mais nada naquele lugar.

Meu avô costumava dizer que era algo para esquecer, e claro que essa frase sempre me atormentava. O que havia naquela foto que o entristecia tanto? Decidi procurar mais. Era um daqueles dias em que o meu espírito jornalístico falava mais alto.

Peguei o carro e saí pela estrada, a Rota 61 é ainda o melhor caminho, mesmo tendo parte do acesso restrito, mas posso ir pelas vicinais. Enquanto dirijo relembro a fala de meu avô:

“Nada foi intencional, o que é pior.”

“Vale lembrar ou melhor dizendo não esquecer, que a natureza é sábia e que nós, meros seres humanos, somos apenas uma ínfima parcela de sua existência complexa e milenar”.

Parece um discurso filosófico, mas sua pouca experiência com as teorias lhe custou muitos arrependimentos na prática. Por isso acredito que, com o tempo, dedicou-se mais às palavras do que às ações.

Nas minhas pesquisas sobre o lugar da foto, a cidade fantasma, descobri que tudo começou com alguns funcionários querendo resolver de maneira rápida e prática o problema do mau cheiro de um lixão em uma cidade pacata, com nada mais que mil e duzentos habitantes. Eram meados do mês de maio e se aproximava um dia de tradição para os cidadãos do país. O prefeito organizando tudo. Até consigo imaginar a cena:

“– Senhor X, reúna seus homens e acabem com o mau cheiro que cerca a região do cemitério. Toda a cidade visitará os túmulos dos combatentes no próximo “Dia da Memória”. Como prefeito, não quero incômodos para um dia de muita emoção para toda a população, é um dia para saudarmos nossos heróis!”

Lá se foi o senhor X, com o intuito de deixar tudo perfeito, com sua boa intenção patriótica em salvar a cidade do mau cheiro e botar fogo no depósito de lixo, que os seres humanos produziram e deixaram acumular para a mãe natureza dar um jeito.

O senhor X e seus encarregados esqueceram o que mais deveriam lembrar. A cidade surgiu por causa de suas minas de carvão, tudo o que o solo mais tinha de riqueza adorava um foguinho. Sim, o início foi bem ingênuo, mas a mãe natureza não perdoou tudo o que lhe tiraram e o quanto a ignoraram.

Ao colocar fogo no lixo acumulado perto do cemitério, os resíduos subterrâneos das minas de carvão da cidade começaram



a queimar de dentro para fora, de maneira incontrolável. A resposta foi um incêndio incessante, como se fosse uma gastrite nervosa do planeta, que queima a mais de sessenta anos. Centralia se tornou uma cidade fantasma, abandonada, cinzenta e esfumaçada.

Ao chegar às redondezas da cidade já notava as rachaduras no chão, com gases saindo por elas, os odores sulfúricos, o calor e a fumaça davam o tom da tristeza do lugar e me lembravam os olhos do meu avô. Para mim, ele sempre será meu avô Thomaz, mas para Centralia ele foi o senhor X.

O “Dia da Memória” tornou-se um dia que meu avô queria esquecer, apagar da história de 1962. Agora vejo o sentido de toda a tristeza nos olhos do Senhor X, ou melhor do Senhor Thomaz. Entro no carro, faço o retorno e levo comigo as perguntas que talvez meu avô fizesse todos os dias desde aquele ano.

Valeria a pena esquecer? Mas como? A cidade continua a queimar de dentro para fora, seu calor é tão intenso que nada ali sobreviveu. Nem mesmo o cemitério ou os túmulos dos heróis de combate, nem os moradores...

O que restou de Centralia? O que fizemos?

O que ficou de fato foi um olhar triste e uma memória cinzenta, onde a natureza deu a última palavra para ninguém esquecer.



# Na Onda do Bebê Reborn

*Bebês reborn: ‘Apego por boneca pode vir da vontade de controle absoluto das relações’*

(BBC Brasil - 24/05/2025)

**E**NGASGUEI-ME outro dia em que li uma notícia: O mercado de bebês reborn está mais aquecido do que fralda em maternidade. Sério, bonequinhas de silicone hiper-realistas, com peso, cheiro e até cabelo de verdade. Acreditem é cabelo mesmo! Cabelo de verdade, colado fio por fio como quem faz uma promessa! Elas não falam, não andam, não fazem birra quando querem algo. E isso, reconheçamos ou não, parece ser o grande fascínio.

Uns dizem: “Ah! Mas é só um hobby!”. Outros dizem: “É arte!”. E há os que sussurram no cantinho da internet: “É melhor amar alguém que nunca vai te deixar no vácuo do WhatsApp.”

Admito que fui averiguar por pura abelhudice, claro, sem nenhum desejo oculto de adotar um bebê que nunca vai crescer e me pedir um celular de última geração. Descobri que há pessoas que tratam essas bonequinhas como filhos legítimos: dão nome, berço, carrinho, roupas de marca, levam ao médico, levam ao shopping para passear, querem até matricular na escola! Fazem festa de aniversário com bolo e tudo! A única diferença é que o aniversariante não come o bolo. Nem reclama que queria de chocolate com morango.

E aí me bateu a dúvida existencial: será que por trás dessa atração, desse amor todo por um boneco que não responde, não está uma vontadezinha, ainda que inconsciente, de ter controle absoluto sobre o outro? Afinal, o bebê reborn não tem opinião, não diz “não quero chuchu”, não muda de ideia, não cresce e vira adolescente, daqueles bem rebelde!

É o relacionamento perfeito: unilateral, previsível, e imune a crises conjugais, TPM, fogachos da menopausa e domingos de eleição. Se formos a fundo, com cuidado para não quebrar a cara, talvez esses laços revelem uma nostalgia ou uma fantasia de um amor ideal, seguro, sem riscos. Um amor onde o outro não erra, não te critica, não decepciona e, principalmente, não tem vontade própria.

Mas, vejamos bem, será que isso é realmente amor? Ou é mais uma apresentação de slide emocional: tudo bonitinho, animado, mas que ninguém interage de verdade.

Claro, cada um lida com a solidão e os afetos como pode. Tem gente que adota um cachorrinho, um gatinho, uma cobrinha, tem gente até que fala com plantas. Tem gente que está na fila de adoção esperando chegar a sua vez para ter o filho tão esperado. Tem muitas crianças de verdade em instituições sonhando em ter uma família que dê amor a elas. E tem quem escolha um bebê que nunca vai gritar, nunca vai ser respondão, nunca vai sair da fase fofa. É um direito. Afinal, todos temos direitos de escolher o que nos faz bem. Mas talvez seja hora de perguntar: será que estamos buscando laços ... ou colecionando certezas?



Porque acredito que todos concordamos, o amor de verdade, o de carne, osso e teimosia, tem briga, reconciliação, debate, TPM e risada fora de hora. A criança de verdade tem vontade própria, é questionadora, é crítica, ama quem lhe demonstra amor, confia em quem lhe passa confiança, diz: hoje quero só arroz ou só feijão, escolhe o que quer e exige atenção...E talvez o mais bonito de tudo isso: o outro ser ...o outro. E ainda assim, escolhemos ficar com ela.

Mas olha... que fique bem claro, se um dia você me aparecer com um bebê de silicone debaixo do braço, não te julgarei, não! Só perguntarei se ele dorme a noite inteira. Porque aí, pelo menos nisso, entenderei que está precisando se aposentar. Porque eu, particularmente, amo crianças curiosas, criativas, questionadoras, amo quando me abraçam, mesmo depois daquela maravilhosa aula de Educação Física! Converso com elas com seriedade quando fazem aquelas perguntas, mas por dentro dou gargalhadas em ver o quão maravilhosas são e quanta energia boa elas nos passam. Pense nisso!...



# A Lei e o Desejo de Proteção através da Distância

*Entra em vigor lei que amplia para até 40 anos a pena para casos de feminicídio*

(Agência Câmara de Notícias - 10/10/2024)

**O** DECRETO que institui o Pacto Nacional Brasil contra o Feminicídio foi assinado pelo presidente no dia 4 de fevereiro de 2026.

No começo, achei que fosse só mais uma notícia dessas que a gente lê enquanto o café esfria. Entre um gole e outro, lá estava: agora, em certos casos, o agressor terá que usar uma tornozeleira eletrônica, um detalhe a mais no corpo de quem já ultrapassou todos os limites invisíveis.

Fechei a tela, mas a ideia não fechou comigo. Fiquei pensando na distância, não essa que a gente mede em quilômetros, nem a que o aplicativo calcula com precisão quase arrogante. Pensei na outra, mais difícil: a distância que precisa existir entre duas pessoas quando uma delas já deixou de reconhecer a outra como alguém livre.

Porque é curioso, sempre foi possível ir embora, sempre foi possível dizer “não”, sempre existiram portas, ruas, esquinas e, ainda assim, para muitas mulheres, a saída nunca foi exatamente uma saída, era mais um desvio, uma tentativa, um respiro curto.

Agora, tentam desenhar essa distância do lado de fora e torná-la concreta, dão a ela um contorno, um sinal, um aviso que pode tocar antes que o perigo se torne presença. É pouco? Talvez...

Mas lembro de tantas histórias em que não havia nem esse pouco. Em que a distância era um pedido e não uma garantia. Um papel assinado, uma ordem escrita, que na prática dependia demais da vontade de quem já tinha demonstrado não respeitar vontade alguma.

Agora terá um fio invisível ligando dois destinos e um traço que não se vê no chão, mas que pulsa no ar como se o espaço, de repente, tivesse aprendido a vigiar.

No tornozelo dele, um pequeno peso, não chega a ser castigo, nem redenção, é só um lembrete constante de que há limites, embora limites sempre tenham existido, mesmo quando foram ignorados.

A tornozeleira então, aparece quase como um gesto tardio porque não resolve o que veio antes, não desfaz o medo que já aprendeu a morar nos gestos mais simples, sair de casa, atender o telefone, olhar para trás sem querer olhar.

Porém, ela insiste numa coisa importante: a ideia de que o limite não é mais apenas um combinado frágil, ele passa a existir fora da palavra.

Talvez o mais estranho nisso tudo seja perceber que foi preciso chegar até aqui, que para garantir o mínimo, o direito de seguir vivendo, foi necessário transformar o risco em algo monitorável, quase palpável.

Terminei meu café já frio, pensando que há distâncias que deveriam ser naturais, não impostas, não vigiadas, não medidas por aparelhos.

Distâncias que deveriam nascer do simples entendimento de que ninguém pertence a ninguém, porém, todavia enquanto esse entendimento não chega, alguém vigia os passos de alguém.

E, entre um passo e outro, todas as mulheres e especialmente os homens de bem, torcem para que essa distância, finalmente, seja respeitada, afinal já foi decretada



# A Cor da Pele Chega Primeiro

*Polícia confunde guarda-chuva com fuzil  
e atira e mata um jovem negro*

(Geledés - 19/09/2025)

**H**OJE estou recuperada e irei contar uma história para vocês, ela começa mais ou menos assim... Era uma vez... Opa, desculpa! Acredito que errei, me confundi com o gênero textual. Ah, mas confundir é normal, pode ser algo corriqueiro e sem importância. Esta correção consigo fazer, porém há enganos que não tem volta e podem mudar radicalmente vidas.

No ano de 2018, após muito tempo de espera e procura, meu marido finalmente arrumou um emprego. Isso significava um alívio, pois tínhamos 2 filhos, um com quatro e nosso caçula, de dez meses. Com apenas sete anos de casados, estávamos construindo nossa família. O dia a dia não era fácil, morar em comunidade era ponto de atenção, situação social agravada pela pele negra nos deixava em estado de alerta.

Após um dia de trabalho duro, combinamos que ele iria me esperar, pois estava com as crianças e o local onde iria descer da van não era muito iluminado. Ficamos receosos com assaltos, mas o perigo não veio das mãos contraventoras.

À noite, a chuva começou a cair e senti uma nuvem nebulosa sobre meus pensamentos. Algo no peito me dizia que aquela chuva era um aviso de mudança. Olhando para fora da van, consegui ver muito pouco pela janela embaçada por respirações alheias. Sentada com um filho no colo e o outro entre minhas pernas, suportando a lotação. A viagem parecia demorar mais que o habitual, o trânsito contribuía para o retardo da chegada.

As mãos cansadas seguravam o corpinho dos meus filhos que já demonstravam o incômodo da demora. Em meus pensamentos, agradei por estarem na creche, imaginava um futuro melhor do que o de seus pais, com cuidado, estudo e conhecimento. Contudo, vinha a apreensão, pois sabia que a cor da pele iria chegar primeiro sempre. Já conseguia ver o ponto final, era só subir uma pequena ladeira e virar uma, duas e na terceira viela, ele estaria lá.

Desci da van, ajeitei o bebê no colo, segurei a mão do mais velho, arrumei a bolsa e agradei por ter parado de chover. Iniciei a caminhada, senti um calafrio, as luzes vermelhas e azuis tomavam conta do beco. Segui com o olho bem aberto e o coração em oração, a fé reinava em meu ser. Apertei meu bebê contra o peito e puxei a mão do pequeno trazendo seu corpinho próximo ao meu. A bolsa foi ao chão, meus olhos estavam embaçados como não querendo aceitar a imagem que era projetada, meu peito parecia explodir de tanto ardor.

Quando o foco se fez presente, pude identificar atrás das botas militares uma mão negra que segurava um guarda-chuva. Senti alguém segurar meu braço e uma voz, que parecia distante: “Não passe por aí com essas crianças, acabaram de matar um homem”. Nesse momento o que havia dentro de mim parecia explodir pela minha garganta e chegar a meus olhos desaguando minhas águas internas.

Senti uma senhora segurar meus filhos e meu corpo foi projetado para frente com um enorme impulso. Ali entre luzes, botas e fuzis, vi o rosto de meu marido com respingos. Descendo o olhar não enxergava mais sua camisa. Estava coberta de sangue e, próximo ao corpo, sua carteira de trabalho que caiu do bolso sumindo em uma poça vermelha por onde sua vida esvaía.

Sonho, família, futuro e o amor baleado por uma confusão. O policial em sua declaração disse ter confundido o guarda-chuva com um fuzil e atirado. Por um bom tempo pensei em despreparo policial, mas será que o lugar onde moramos e nossa cor não chegaram primeiro?



# O Mistério na Casa da Família Low

*Gato é 'preso' suspeito de furto nos EUA*

(G1 - 04/09/2019)

**F**LÓRIDA, 1 de Janeiro de 2025, Gazeta do amanhã: bandido aterroriza bairro da Flórida. O jornalista joga essa notícia em nossa porta à noite. A vizinhança toda está assustada com o que aconteceu na casa dos Waldorf, até pegadas de sangue a polícia encontrou. Mas o que esse bandido queria? Joias? Dinheiro? A própria casa?

O relógio na casa da família Low bateu a 12° badalada quando, de repente, a mamãe, vulgo senhora Low, escutou um barulho vindo da cozinha. Mamãe achou que poderia ser Jeff, o filho mais velho, que sempre faz uma boquinha pela madrugada, mas não naquele dia! Ela escuta novamente um barulho, mas, neste momento, o barulho foi tão alto que o papai, senhor Low, também acordou. Os dois apavorados descem as escadas e cada um pega uma vassoura na mão e quando chegam na ponta da escada, que dá para a sala, eles escutam uma tigela quebrar e passos correndo. Desesperados entram no closet que fica próximo a porta.

Jeff, que sempre acordava pela madrugada, desperta com os gritos de mamãe e papai, vai ao meu quarto e me encontra deitado embaixo da cama com snuggles, meu urso. Descemos as escadas na ponta dos pés quando escutamos passos vindo correndo para a sala. Abrimos o closet da sala e entramos correndo.

Agora sim, Jessy, estamos salvos!

Eu ofegante e tentando me acalmar, levo mais um susto - Ahh!!!! Mamãe e Papai escondidos também no closet. Nesse momento apavorados, papai liga para a polícia e informa o ocorrido.

Aqueles 15 minutos, pareciam longas horas. Quando os policiais chegaram na casa, todos nós já estávamos dentro do closet, tremendo, pois escutamos barulhos de coisas se quebrando e passos pela casa toda. Os policiais entraram em casa e correram para cozinha: - PARADO AÍ!! Pegaram em flagrante o meliante. Bones, um grande, forte e audacioso gato preto que entrou sem ser convidado e foi flagrado. Mamãe, ao sair do closet, deu um grito horrível seguido de uma gargalhada quando chegou na cozinha atrás dos policiais, papai apenas sentou desacreditado na sua poltrona. Eu e meu irmão saímos correndo do closet e vimos Bones debruçado em minha tigela do homem aranha, tomando todo meu leitetinho. A cozinha? Naquela bagunça. Mas o pior ainda estava por vir, escondido atrás da porta, o motivo de toda aquela correria, bagunça e gritaria:

Grande, Horrendo e Amedrontador: Ratatouille! Ele passa correndo atravessando a cozinha de ponta a ponta, tenta se esconder na lavanderia, mas Bones, dessa vez, o encurrala no canto da máquina de lavar. E assim, o terror na casa da família Low se inicia novamente.



# Multa Por Lentidão

*Tartaruga 'leva advertência' por atrapalhar trânsito em estrada nos EUA*

(BBC Brasil - 24/05/2025)

**V**ÉSPERA de feriado, como todo bom trabalhador que espera ansiosamente por uma oportunidade de tirar uma folga, saí apressadamente do trabalho, já com as malas no carro, rumo aos meus merecidíssimos três dias do tão almejado descanso. Já era final de tarde e sentia que tudo corria bem na estrada, muito bem mesmo, todos nós estávamos correndo normalmente como de costume.

Estávamos... pois, de repente, não estávamos mais, assim como os outros motoristas ao redor, tive que desacelerar diante do engarrafamento que se formava bem ali diante mim, fazendo com que o meu objetivo do tão merecido descanso ficasse mais distante. Neste momento já não sentia que estava tudo correndo bem, nem correndo, nem tão pouco andando, a essa altura já me encontrava totalmente parado e inerte.

Depois de longos cinco minutos parado dentro do carro, já não era mais possível escutar a música que tocava no rádio. Uma onda de buzinas e xingamentos verbais tomou conta do cenário, transformando-o em um verdadeiro caos sonoro.

Num ímpeto de impaciência e curiosidade, resolvi sair do carro e verificar o que estava causando o adiamento dos meus planos. Alguns metros a frente, visualizei a seguinte cena: uma tartaruga atravessando a pista com toda a calma e paciência que faz jus a sua condição física, ao mesmo tempo em que é cuidadosamente “advertida” por um guarda, que tenta, com muita seriedade, aplicar as leis de trânsito a uma criatura que só pisca lentamente em resposta e às outras criaturas que berrem estrepitosamente em seus veículos por se verem pausadas contra a sua vontade ou bem querer.

Enquanto observo a tartaruga seguir seu caminho lentamente, indiferente ao caos humano ao seu redor, começo a refletir se a tartaruga não estaria certa. E se a lentidão for o verdadeiro caminho? Dizem que a pressa é a inimiga da perfeição, será que esta pausa no trânsito não é tão necessária quanto tantas outras pausas que negligenciamos por estarmos certos de que a correria desenfreada é curso natural de nossas vidas? Descobri-me filosófico neste momento e, em meio a estas reflexões, minha atenção é desviada para o som de aplausos, que tomou o lugar dos sons estridentes das buzinas e das gargantas inflamadas. Agora o público presente aplaudia o fim da pausa obrigatória, a tartaruga havia atravessado e, logo em seguida, desaparecido entre a mata do outro lado da estrada.

O guarda deixa registrado em seu bloquinho de multas: “Advertência verbal por lentidão indevida, réptil não identificado. Caso encerrado”. Mas, antes disso, ele registra o fato tirando uma selfie com a notável criatura em seu celular.

Depois do ocorrido, retorno ao meu carro com um leve sorriso, deixando de lado a buzina, a pressa e tantas outras coisas que me impedem de viver o momento presente.



# Feira do Livro

*No campo da imaginação, o Pacaembu sedia a maior partida literária*

(Quatro Cinco Um - 18/06/2025)

**O** DIA amanheceu com um sol tímido, sem pressa nenhuma de acordar. Com ele, surgia um novo capítulo a ser escrito. Não importava o que tinha ficado para trás, a vida oferecia agora uma nova página em branco. Na Praça Charles Miller, no Pacaembu, alguns visitantes começavam a chegar, com passos lentos e olhares cheios de curiosidade. Era o início de uma narrativa cheia de encontros e encantos.

Aquele sol tímido foi dando espaço para um raiar diferente. Com brilho nos olhos, eu via, naquele dia, a alegria da minha gente que, assim como eu, queria encontrar naquela feira sorrisos e almas verdadeiras.

A feira estava diferente. O barulho que costumávamos ouvir era feito por páginas viradas e pelas gargalhadas das crianças. Em vez de frutas e legumes, histórias ocupavam o lugar.

Em cada banca, um livro nos convidava a embarcar. E, a cada embarque, tínhamos a oportunidade de viajar.

Entre as andanças de uma banca a outra, muitas viagens eram feitas, viagens curtas, outras mais longas. Viagens com destinos diferentes, viagens a lugares surpreendentes.

Na Praça Charles Miller, a feira era viva. Os livros ganhavam vida. E os autores... Ah, os autores...

Todos tinham uma história, uma trajetória. E, a cada folhear de página, uma memória adormecida despertava.

Centenas de pessoas eram esperadas. Quem andava por ali sentia que a feira tinha sido construída com olhares singulares. Nela, partilhávamos o que tínhamos de mais precioso: as palavras.

Foi lá, na Praça Charles Miller, no Pacaembu, aquele velho campo de futebol que um time importante entrou em campo e venceu de goleada.

E vocês sabem qual foi o placar?

Livros vendidos, diversas viagens realizadas e muitos corações premiados. Porque, na verdade, a feira não era feita apenas de livros, mas de gente. Gente que lê, que escreve e que sonha. Gente que tem a oportunidade de fazer muitas viagens, mesmo tendo lido um único livro.



# Caetanear as Ruas do Leblon

*Com aviso, Caetano lembra meme: “Faz sete anos que estacionei no Leblon”*

(Mais Goiás - 10/03/2018)

A SENHORA que finalmente começava a atravessar a rua, após minutos de indecisão, parou no meio da faixa. O ciclista que quase causou um acidente, trombou no poste. O menino que tomava seu sorvete nem se deu conta quando a bola de chocolate caiu direto no pé direito. Os pedreiros que trabalhavam ficaram em total silêncio e nenhum tijolo foi fixado na parede. As crianças que saíam da escola pararam de brincar e permaneceram em silêncio, com os olhos vibrantes e encantados. Os cachorros que passeavam com seus cuidadores pelas ruas do Leblon, imóveis, não latiram. Os pássaros pousaram nos primeiros galhos que avistaram, em total hipnose. Ninguém mencionou uma palavra, ninguém conseguia desviar o olhar. E um som quase oco ressoava no ar “O tempo é um dos deuses mais lindos...”.

Ele. Caetano. O homem que cantou que “alguma coisa acontece no meu coração quando cruza a Ipiranga com a São João...” agora atravessava o Leblon após realizar um dos atos mais artísticos e admiráveis já observados naquela rua. Estacionou seu carro.

Caetano estaciona como uma composição, manobrando com um brilho definido, do seu próprio tempo. Ele. Caetano.

Talvez o encanto esteja em sua mística tropicalista ao tocar o volante, no tom de voz ao pedir licença, no dedilhar talentoso ao tocar a buzina. Seu cabelo branco em espiral, sua aura de quem conquistou o Brasil inteiro — agora, ali, parava no Leblon.

Observar, ao vivo, Caetano Veloso procurando e estacionando numa vaga é como presenciar uma obra de arte sendo esculpida da pedra.

A notícia poderia ser sobre o calor do asfalto, o barulho do trânsito, a paciência dos motoristas, o acidente na esquina, ou o fato de “Gente é pra brilhar, não pra morrer de fome”.

Mas não, a notícia era sobre ele. Ele. Caetano. Que estacionava no Leblon.

E o breve milagre de ser ele. A cena admirável é interrompida por um sussurro: “Respeito muito minhas lágrimas/ Mas ainda mais minha risada...”, ao confrontar o guardinha de trânsito, que estava prestes a aplicar uma multa por estacionar em local proibido.

O guarda só balançou a cabeça e ordenou: “E quero que você venha comigo!”.

Caetano respondeu: “Alguma coisa está fora da ordem. Fora da nova ordem mundial”.



# Block

*Restrição ao uso do celular  
nas escolas já está valendo*

(GOVBR - 03/02/2025)

**D**E um dia pro outro aconteceu a lei da restrição ao uso do celular nas escolas. No ano passado, nossos estudantes nem imaginavam o cenário sonhado por nós, educadores. Prova esta de que não partilhamos as mesmas ideias. Uma sala de aula atenta, sem interferências externas, com olhos e cabeças voltados para uma explicação, disposta a curtir e demonstrar engajamento em uma aula de leitura, por exemplo.

É o tipo de imagem que se sonha junto em uma reunião pedagógica, quando se tenta encontrar a razão mais fácil para a derrota que é dar aula para as paredes. Pois bem, ano letivo novo e os velhos problemas da docência.

Acontece que, do nada, do nada mesmo, estamos diante do sonho e em seguida do cumpra-se. Você piscou e o pesadelo surgiu no planejamento: duelar com os mais resistentes e confiscar, vitorioso, alguns aparelhos.

Mas se pensar que até anteontem havia argumentos para o uso das tecnologias a serviço da aprendizagem. E ainda que se pensasse “mas não compensa”, porque você está resolvendo mais e mais conflitos do *direct*, e lidando com alunos reais e a multiplicação dos fakes, e o *bullying* de todos os dias, o *cyber* que diz-que-me-diz mas quem foi?, filtros, ameaças, exposição, curtidas e comentários, num carrossel infinito de desgostos.

Mesmo com a batalha ganha pelos algoritmos, você não desiste e, quando desiste, não te deixam em paz. Então, enquanto você palestrava sobre as redes, lia um livro sobre a cultura digital no cotidiano do adolescente, ilustrava com um trecho de série, o celular onipresente e onipotente estava lá.

Ele ilustra bem a situação com ares de verossimilhança, porque está ali ao alcance de mãos que nada podem fazer e na cara de quem quer que o tempo passe rápido. E passou como um feed; esse mal necessário foi se esparramando ao longo dos bimestres e eis que agora assume uma conotação de crime, quando um estudante é flagrado em conduta ilícita.

O jogo muda rápido, não? Agora é *block*. Até no recreio. Em nome da concentração, da interação, da saúde mental, física e psíquica de todos e de um ambiente escolar menos hostil e mais equilibrado. Afinal, não é você que insiste em dizer que não prestou concurso de influenciador?



# Racismo e Futebol - uma Jogada Trincada

*O desafio contínuo do racismo no futebol*

(Politize! - 16/08/2023)

**O**RACISMO no futebol mundial é um problema persistente que atinge jogadores, torcedores e profissionais do esporte. Manifesta-se em ofensas raciais, cânticos discriminatórios e atitudes preconceituosas, tanto nos estádios quanto nas redes sociais. Apesar de campanhas e punições, muitos casos continuam impunes ou são tratados com negligência. O combate ao racismo no futebol exige ações mais firmes por parte de clubes, federações e torcedores, promovendo respeito, igualdade e inclusão dentro e fora de campo.

Já cantava brilhantemente Elza Soares, entoando a frase: “A carne mais barata do mercado é a carne negra...”. E mesmo diante das quatro linhas do campo de futebol, onde os maiores astros têm em sua pele a marca de Cã, eles não passam ilesos.

Luighi, jovem jogador em ascensão de um grande clube paulista, entendeu isso da pior maneira. Talvez somente a Conmebol ainda não tenha compreendido. Diante de uma ofensa racista realizada por torcedores do Cerro Porteño, durante a Taça Libertadores Sub-20, a entidade parece não ter dado a este caso “isolado” a importância devida.

O presidente da Conmebol, Alejandro Domínguez, trouxe uma fala impactante durante o sorteio da fase de grupos da competição: “O racismo é um flagelo que não tem origem no futebol, tem origem na sociedade, mas influencia o futebol”.

E ele tem razão! O racismo está nas estruturas da nossa sociedade, nas nossas entranhas... Mas a quem caberá olhar, questionar, apontar, denunciar e punir esses atos, senão a essa mesma sociedade? Não podemos negligenciar nossa capacidade de influenciar, tampouco deixar de agir quando esse poder de ação se encontra em nossas mãos. O poder de reprimir, com a força devida, um ato que vem se tornando cada vez mais corriqueiro nos gramados do mundo.

Mas a entidade não agiu com o rigor esperado. A multa aplicada foi de US\$50.000 — inferior, por exemplo, à multa pelo uso de sinalizadores nos estádios, que pode chegar a US\$80.000.

Então fica o questionamento:

Quando um atleta sinaliza sua dor — uma dor geracional, histórica e estrutural — e essa dor vale menos que a multa de um sinalizador, o que estamos, de fato, sinalizando?



# Solidão

*Mulher que matou homem a facada quis vingar estupro de irmã de 10 anos*

(Metropoles - 05/02/2025)

*“Às vezes uma pessoa se sente tão sozinha que a solidão fica com pena, a olha de volta e diz ‘oi!’”*

Jamiro nasceu o sétimo filho de nove irmãos.

Quando nasceu, seu irmão mais velho, Romildo, já estava preso por matar um cabra, filho de um fazendeiro qualquer. O talzinho havia pego uma das irmãs de Jamiro no final de uma festa de santo, fez o que quis e o que não quis da menina moça, a polícia soube do “causo”, a vizinhança soube do “causo”, os irmãos souberam do “causo”, mas nada foi feito com o meliante, e Romildo, ah Romildo, dia após dia, via sua irmã passar de uma alegria só para o definhamento lento, solitário, vazio, irracional; dia após dia, ele a viu caindo, caindo e... caindo... no poço sem volta da morte.

Pegou a arma velha do pai, que a essa altura já não tinha forças para a empunhar e saiu de madrugada, pela caatinga, pelas casas mal-acabadas, pela fazenda, pelo escuro; ...uma bala... perfeita, um furo... no peito!

Romildo correu, mas não se escondeu. Queria que soubessem que ele era o dono da bala. Dias depois, a polícia bateu na porta, entre ela e a cadeia uma surra de criar bicho, todos acharam que ele morreria antes do julgamento, mas era tihoso o tal do Romildo, e com sangue no branco do olho, que mais tarde perdeu, encarou a todos no julgamento: trinta anos lhe deram, não viu o enterro da irmã nem o nascimento de Jamiro. Mas via o sol por entre um buraco ou outro, coisa que o talzinho já não.

Jamiro ouvia tudo isso do seu pai, que todas as noites daquele calor que não esquenta a alma, que não trazia alento nem nada, contava a tal façanha que deixou a santinha da Josefina descansar em paz, que deu força a seu braço cansado e sossego a seus olhos já quase cegos.

Assim, dia após dia, ouvindo os contos sobre o irmão, Jamiro foi criando por Romildo uma romaria quase de santo. Tudo o que fazia, fazia inspirado na arma velha, na bala que não errou, na tihosa vingança do irmão que não conhecia, mas que sentia ser a outra metade de si.

Aos dez, Jamiro herdou a arma velha do pai e, nas brumas da terra seca, abriu, a bala, o primeiro pacote de bolacha e meia dúzia de chocolates da venda do seu Jesuíno. Aos doze, dançou com uma menina pela primeira vez, mas não gostou muito não, gostou mais quando descobriu que Basílio sabia dançar também e, assim, naquele ano, Jamiro, dançou com quem, na sua frente, se mexia bem, homem, mulher, mulher, homem.



Mas mesmo entre as idas nas vendas, das danças nas noites de estrela, Jamiro sentava-se à noite com seu velho pai para ouvir de Romildo, de sua noite pelas casas velhas, da bala que acertara no peito branquelo, da dor nos olhos quando ouviu que enterraram Josefina no meio cerrado sem vida, em um canto escuro daquele cemitério que nem Deus visita.

No seu peito Jamiro sonhava o dia que conheceria Romildo porque sentia que apenas ele seria capaz de entender o que ele fazia, o que ele era.

Mas foi aos 15, que, certo dia, o sol sorriu triste para Jamiro. Num dia quente, como todos os outros, sem vento, sem chuva, sem vida, sem nada. Apenas Jamiro, a terra, uma faca e o chão quente do comecinho da tarde.

Dias antes, correu pela poeira da boca pequena a morte em vida de Mariazinha da Luz, filha da filha da Dona das Dores, menina de tudo, nem 11 anos ainda. Mas como já tinha corpo de quase mulher feita, teve os olhos de um magricela qualquer crescido sobre ela.

E assim como o sol se repete sobre a seca da gente como a gente, Maria Luz, Josefina, Josefina, Maria Luz, uma não conheceu a outra nem a outra conheceu a uma, mas o destino conheceu as duas e a dor brilhou no olhar de ambas.

Jamiro, ouviu, se contorceu, ouviu de novo, pegou raiva da vida, ouviu o choro de das Dores quando ia entrando na venda, e ele..., ele não entrou, voltou, pegou raiva da raiva e juntou a fome com o ódio.

Ouviu o pai contar, triste, sentado, cabisbaixo, sobre Romildo diferente dessa vez, porque entre uma palavra e outra, pela primeira vez lamentou o filho preso, porque sua mente de olhos brancos dizia de si para si mesmo que isso não aconteceria se Romildo estivesse livre.

Então, naquele dia, quando andava sob a sombra do sol, trombou com o magricela torto de intenção e de pensamento, mas não tinha a arma velha do pai, apenas a raiva da raiva e a quentura na cabeça e o sangue nos olhos.

Mãos, pés, socos, ossos vermelhos, poeira, traiçagem de um lado, traiçagem do outro, a faca do magricela, a barriga do Jamiro, a pedrada na cabeça, a secura em um vermelho vivo. No chão, a faca, a pedra, o arfar, Jamiro, os miolos esparramados, o defunto.

Naquele silêncio de arder a alma, uma mão menor que a vida, mas forte como a morte, Cosima – nona filha de nove irmãos – que se arrastava pela lida feito sombra de Jamiro, feito carrapicho de chinelo, respirou poeira e vento e o levou até a noite de contos de seu pai, até as agulhas fervidas e as folhas de mato de sua mãe, até as histórias de Romildo.

Enquanto Jamiro se convalescia, não se ouvia mais o pai contar Romildo, o tihoso; ou Jamiro, o cabra, mas em uma noite de lua branca, se ouvia o pai contar Cosima, a brisa que salva a vida.



# Enfim, Sem Pó!

*Vídeo viraliza com noiva no altar pedindo a noivo que assine contrato para lavar louça todos os dias em Morro Agudo, SP*

(G1 - 16/04/2022)

**C**ONTRATO de casamento com cláusulas estipulando os afazeres domésticos do homem? O Machismo deve estar se revirando no túmulo, pois seus negócios nesta área definitivamente estão minguando.

Casamentos com cenas hilárias sempre fizeram parte do repertório cultural da raça humana. Já na primeira cerimônia de que se tem registro, Ophídia, uma madrinha muito das enroladas, causou um rebuliço tão grande na área de alimentação que o noivo foi expulso do lugar e a mulher teve que acompanhá-lo.

Outras más línguas dizem que as famosas dores de cabeça femininas são herança das cajadadas recebidas dos homens das cavernas. Será que foi assim que Fred Flintstone conquistou a Wilma? Os vizinhos Bete e Barney Ruble discordariam dessa teoria.

O certo é que desde os primórdios houve arranjos familiares em que a mulher era uma propriedade masculina, primeiro do pai, depois do marido, unidos pelo decreto “até que a morte os separe”. Um trajeto milenar em que as mulheres mantiveram seu papel de doméstica dedicada, mãe zelosa, educadora, cuidadora do lar e dependente financeira. Lavar, passar, cozinhar, cuidar eram exclusividades das donas de casa.

No entanto, essa visão tem evoluído. Há séculos, Tyche inspira relacionamentos igualitariamente prósperos; e assim surgem mulheres que vão de Albertina de Mota Barreto a Jaqueline Miranda, pavimentando uma outra rota ao fazer história. Não é tão fácil derrubar as barreiras de valores transmitidos de geração em geração. Há que se usar de sutileza, até um certo quê de humor.

E, por isso, na busca frenética de interações equilibradas, a utopia dos felizes para sempre se protege de combinados e contratos em que os encargos de família mostram sua importância e são traçados antes das trocas de alianças. Símbolo de tal paradigma, ao lado das tradicionais joalherias se estabeleceram as lojas de utilidades domésticas, sem que o mais desavisado transeunte perceba que com novos passos caminha a humanidade.



# Quantas Marias Vivem Encarceradas?

*“Quase da família”: o caso  
Sônia Maria de Jesus*

(Agência Pública - 06/06/2025)

MARIA José da Silva nasceu em Bragança Paulista, interior de São Paulo. Descende de gerações de trabalhadores da Fazenda Boa Esperança, escravizados e mão de obra braçal no cafezal.

Aos 9 anos virou mucama da sinhá Adélia na casa grande. Os pais nada puderam fazer. Era a sina de nascer naqueles confins, onde os ventos da Lei Áurea não chegaram.

Seus dias eram vazios, cuidando da sinhá, dormindo no surrado tapete aos pés da cama de dossel. Enquanto Maria José crescia e desabrochava, a velha senhora definhava. Até o dia em que deu seu último suspiro e fechou os olhos.

Maria José tinha 20 anos. Agora, enfim, voltaria para casa.

Contudo, a filha mais velha da sinhá, Helena, tinha outros planos. Seguiu trabalhando na sua mansão no Morumbi, em São Paulo.

Como sempre ouvira, ela era da família. Cozinhas, lavava, passava, limpava casa e ainda cuidava das crianças, que foram crescendo e seguindo seus caminhos.

Maria José se resignara a essa vida, a única que conhecia. Tinha roupa que ganhava da patroa, comida, um quartinho só seu. Afinal, era da família.

Nunca mais voltou à sua casa no interior, não via seus pais e nem os irmãos.

Estudar? Não tinha tempo. Trabalhava 24 horas. Não sabia ler, nem escrever.

Férias? Sim, tinha férias. Viajava com a família, para cuidar de tudo. Descanso, só mesmo à noite, para começar outro dia, não muito diferente da vida que levava em São Paulo.

Salário? O que é isso? Ganhava uns trocados para comprar algumas coisas para si, não muito. O dinheiro nunca dava tanto.

Assim passaram 63 anos. Seu corpo já começava a protestar tantos anos de sofrimento.

Então sua vida dá uma guinada, quando procura o filho da sobrinha de sua patroa, Verônica, a neta preferida da falecida sinhá. O menino tinha um coração de ouro, tão diferente das outras crianças. Luisinho sempre fora atencioso e carinhoso.

Numa noite fria, Maria José sai de fininho, carregando numa velha bolsa todo seu pertence. E bate à porta do apartamento de Luisinho.

— Tia Zezé? O que faz aqui? Entra, está frio aí fora.

— Parabéns pelo nascimento de seu filho, diz sem jeito. Vim ajudar, durmo em qualquer cantinho no chão. — responde Maria José.

— Ih, tia, a gente não tem dinheiro para pagar uma babá. — responde Luisinho.

— Não precisa pagar não. Tendo onde dormir e comer, tá de bom tamanho, viu? Nunca ganhei nada mesmo. E eu gosto muito de vocês. — replica Maria José.

O casal ouviu horrorizado as condições de trabalho da tia Zezé. O assunto virou rebu, envolvendo os pais de Luisinho, que procuraram a tia Helena e o caso parou na justiça: TRABALHO ANÁLOGO À ESCRAVIDÃO.



# Crônica de uma Jovem Senhora

*Velhinha de 42 anos viraliza na internet*

(Jornal do Comércio - 18/08/2018)

**D**ESCULPE, pode parecer exagero, mas preciso te falar, minha vida daria uma crônica! Pensando bem, tantas histórias nonsense, que daria quase uma novela, rs. Vamos para uma delas somente, afinal, não tem só minhas histórias por aqui não é mesmo?

Pode me achar chata (e tudo bem, afinal nem nos conhecemos direito), mas começo com minha estranha aversão desde menina por fazer aniversário. E nem vem você com falas do tipo autoajuda de celebrar novos ciclos para atrair coisas boas, que o ano começa no nosso aniversário, da importância de soprar a vela e do parabéns, blablabla...acho um saco!

Minha família, para ajudar, é do tipo que ama “trollar”, acha graça em T.U.D.O., principalmente em fazer festas exageradas, tipo os micos de hoje na internet...penso, às vezes, que foi a família Souza que inventou.

Trauma de infância? Não é pra tanto, mas uma certa ajuda pro meu bode “do parabéns a você” em família, isso sim!

Acontece que, aos 40 anos, esse meu sinal latente de rabugice pegou mais que qualquer outro das minhas histórias de “niver” pra contar. Solteira, com emprego mediano para pagar as contas, esquecida dos sonhos, sintomas de menopausa precoce, me deram aquela sensação de fracasso que me deixou ainda mais, a partir dali, uma jovem senhora chata, tudo me irritava, tudo eu irritava.

Fui tendo aquela sensação de que só fazia parte dos cumprimentos formais nos espaços de convivência e dos grupos oficiais; dos improvisos e palavras soltas de descuido, ninguém me queria, e eu me orgulhava em dizer que não queria também.

Até que num frio que fazia tempo que não se via, em 2025, eu iria completar meus 42 anos.

Já acordei naquele dia de bode e na defensiva, não querendo muito papo com os outros seres a não ser meu gato, fiel nos assuntos de se reservar a simpatia ao modo “soft”, às vezes nem de mim ele gostava.

Minha mãe andava com muita tosse, e quando acordei com o café já pronto na mesa, imaginei que ela devia ter voltado a deitar depois que meu pai saiu. Gostei do silêncio da manhã de aniversário, mas estranhamente não amei, saí atrasada e bagunçada com os pensamentos, mais do que de costume, para pegar o metrô lotado em minha solidão diária, ali ninguém iria me dar parabéns, talvez uma cara feia se eu demorasse para entrar no vagão que parecia não caber mais ninguém e fazíamos caber.

O dia foi morno, poucos foram os parabéns ou mensagens feitas como de costume.



Gostei e desgostei, e já fui pra casa na reserva de achar uma festa surpresa na minha cabeça planejada, imaginando minhas falas, de que tinham passado os limites, que ia falar até engasgar minha bronca.

Abrindo devagar a porta com o rosto quente de raiva, me deparei com minha mãe no sofá, TV ligada no alto e brigando consigo mesma para entender uma mensagem no celular, o ronco costumeiro de meu pai, e meu irmão fora, provavelmente na baladinha da sexta.

Entrei rápido, me tranquei no banheiro e fiquei parada, com um buraco no estômago que me fez ir pra cama sem nem comer e perguntar se minha mãe tinha me visto entrar.

Acordei com falas da casa, e dolorida por dormir com calça jeans e jaqueta.

Ao chegar na sala, lá estavam os meus de casa, meus tios, e com um bolo na mesa.

Na boca de cena, meu irmão rindo e minha mãe, brava, veio a mim dizendo sem parar:

— Pedi um bolo pro seu irmão comprar ontem, e esse sem juízo me avisou por mensagem de celular, que sabe que nem sei ver direito, que traria só hoje porque tinha uma surpresa; seu pai, que não me ajuda, pra variar, foi dormir; seus tios vinham hoje e aproveitaram; minha filha, olha eu também não gos....

Quando olhei pro bolo, com uma foto de uma notícia antiga, feita de papel de arroz comestível assim: “Ônibus entrou na casa humilde e foi apanhar a velhinha de 42 anos”.

Quando olhei para aquilo, me deu uma sensação que pouco existia em mim, olhei para eles, que olhavam para aquele momento de suspense, e estranhamente comecei a dar risadas, e ri muito com barulho, e gargalhei de chorar e só parei com o abraço de urso do meu irmão, juntos, vivendo aquele momento juntos.

Depois da postagem que fiz desse dia, não é que me tornei influencer e nem a mais animada do trabalho, calma aí, mas deixei a vida e as relações mais leves, as aproximações mais fluidas e corriqueiras.

Ah, nem te contei, entrei no curso de bordado e estou tirando uma graninha fazendo bolsas e acessórios de lã, tenho até uma loja virtual, chique. Sei que estão pensando: “coisa de velha kkkkk”, não dá pra mudar tudo na gente assim também, não é mesmo?

Meu gato? (ai desculpe novamente a sem graça, meu gato se chama gato mesmo) Continua bem chato, acho que até mais depois que completou 8 anos, ou está me achando uma traidora quando saio com minhas amigas de vez em quando.



# O Homem que Sabia Juridiquês

*Em 95, juiz que usava nome falso disse ser descendente de nobres britânicos*

(CNN - 05/04/2025)

**O** BRASILEIRO é um artista nato. De cabo a rabo. Da cidade ao mato. Do tipo que fala “qualquer dia a gente marca” quando não tem interesse em marcar mais nada, ou quando proclama com ímpeto o renomado “já estou indo” ou “estou a caminho” quando deliberadamente sequer saiu de casa, muitas vezes tampouco se trocou.

Um caso curioso foi do seu José, que deixou de ser seu ou nosso para ser Vossa Excelência ou Meritíssimo. Foi além: de cafezinho “preto” passou para o chá inglês da tarde, coisa fina. Foi batizado sem batizar como Edward Albert Lancelot Dodd Canterbury Caterham Wickfield, não como alcunha, não como nome artístico, e sim nome de registro, por direito. E por falar em direito...

Reencarnado sem passar por vidas passadas, o agora Mr Wickfield estudou, passou no vestibular, se formou e virou até juiz, com ares de realeza. De cavaleiro da Távola Redonda ao Salão Real. Do banco do Poupatempo à bancada da justiça. Em vez de ensinar javanês, emitia juridiquês.

Nunca houve desconfiança. Sua atuação foi impecável, seu palco — o tribunal. Entre as máscaras faciais do teatro, com comédias e tragédias “shakespearianas”, uma pista de sua verdadeira natureza, porém, foi deixada. Infelizmente, Mr. Wickfield era um Dom Quixote sem o Sancho Pança, um Sherlock Holmes sem Dr. Watson. Acabou deixando rastro. E justo onde? No Poupatempo da Sé. Justo a Praça da Sé, ponto central da cidade de São Paulo, local marcado pelas Diretas Já, pedia identidade já.

Sabe quando dizemos “nunca julgue um livro pela capa”? Pois bem, mais marcante ainda que a primeira impressão são as impressões digitais. O banco de dados da polícia fofocou mais alto que os jogadores que jogam dados na praça. José perdeu não somente sua realeza, como também sua realidade. Como o famoso ditado diz, “de gênio e louco todo mundo tem um pouco”, podemos acrescentar que de juiz, júri e réu também. De julgador passou a ser julgado, acusado de falsidade ideológica e documento falso.

Também de louco passou para mais do que um pouco, uma vez que a defesa de José alega condições psiquiátricas, com características que dialogam com o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Esquizoide (TPE), solicitando “a instauração do incidente de insanidade mental”, de modo a torná-lo inimputável.

Agora temos de concordar: quem nunca se passou por outra pessoa? Que fingiu ser alguém cujas características batem com as de outrem? Antes de criticar o brasileiro, temos de criticar o inglês, que é facilmente estereotipado, reproduzível, caso contrário o pseudônimo não duraria tanto ao ponto de orgulhar Fernando Pessoa e intrigar Arthur Conan Doyle.

Mais que enaltecer ou criticar, fica a questão de quantas figuras de linguagem — passando por metáforas, eufemismos, paradoxos e personificação — o brasileiro usa, apropria-se, finge costume, no intuito de sobreviver à nua e crua realidade, travestida de oportunidades, mas que, na verdade, sufoca com atrocidades.

Seja herói ou anti-herói, uma coisa não podemos negar: a criatividade do brasileiro não tem limites, pois aqui a luz dorme acesa, esperamos o sol esfriar, tem coisa que acaba de começar, o barato sai caro, além dos famigerados dizeres como “me inclui fora dessa, escuta só para você ver, não vi nem o cheiro, tem, mas acabou, o movimento tá meio parado hoje”, entre tantas demais formas de transbordar a imaginação do povo mais criativo existente. Sem tirar nem pôr. O brasileiro-mais-inglês-do-mundo, seu José, colocou todos os pingos nos “is”, somente esqueceu que alguns têm acento, e para lá de agudos!



# A Sorte de Luís Caxeiro

*Homem paga R\$ 20 a adolescentes para salvar  
vida de porco-espinho*

(G1 - 28/02/2012)

**N**AQUELE dia não havia nenhuma intenção. Nem boa, nem má. Os envolvidos na história toda sequer pensavam que terminariam o dia como protagonistas de algo inusitado.

Ninguém pensara.

Estava assim o seu Salvador, cujo sugestivo e bem justificado nome era requisitado enquanto passava pelas ruas do Jardim Campo Verde.

E virou a cabeça à procura da origem do som que supôs ter ouvido sussurrar o teu nome. Mas nenhum clamor naquele campo sem verde foi ouvido, senão um urro abafado e distante, permeado por algumas risadas ao longe e roncões de motores.

E Salvador avistou uns garotos arrastando um pobre coitado amedrontado, conhecido como Luís Caxeiro.

Nas margens do bairro, havia um pouco de mata que sobrou do último desmatamento, enquanto na faixa central se concentrava a pista expressa que cortava a cidade. No lado oposto, já era tudo ocupação, de toda gente, e de muita gente desocupada ocupando os barracões.

E era por esta via ao lado da pista que caminhava Salvador, que aqueles garotos foram avistados. E o homem apertou o passo tentando alcançá-los.

—Esperem, esperem aí!

Um dos garotos que segurava o Caixeiro assustado pelo pescoço parou ao avistar um homem suado correndo em sua direção.

— O que foi senhor? Eu te conheço?

—Não. Esperem! O que vocês vão fazer com este pobre coitado? Eu pago para vocês o libertarem!

Os rapazes se entreolharam meio desconfiados e, para ter certeza que estavam entendendo a situação, decidiram perguntar:

— O que o senhor disse? Pode repetir? A gente não entendeu o que o senhor quis dizer.

—Soltem este infeliz! Ele já perdeu sua casa, provavelmente a família também. A sorte dele já foi lançada. Não o façam sofrer mais!.

Os jovens que permaneciam se encarando, baixaram a cabeça e olharam para o pequeno Caxeiro, todo encolhido, tremendo de medo e respiraram fundo.

—Não, meu senhor. Nós vamos comer. Precisamos de alimento e por estas bandas, quando encontramos algo dando sopa assim, a gente faz mais é aproveitar mesmo.

— Vocês não têm coração!

— A gente tem mais fome que coração. Só nota a barriga roncando mesmo. Isso de coração é pra quem não passa fome. Quando a gente tá de barriga cheia até que fica de boa, e o senhor podia até dizer que eu tenho um coração enorme e eu ia sorrir pra você.



O esbaforido senhor respirou fundo e levou a mão ao bolso da calça, retirando dali uma única nota de 20 reais toda amassada.

— Peguem. Peguem pra vocês este único dinheiro que carrego comigo aqui. Só desejo que soltem este infeliz, eu pago este valor para vocês libertá-lo. Eu suplico a vocês que o liberem e que comprem algo para comer com este valor.

Os olhos dos três garotos logo brilharam se ampliando junto ao largo sorriso aberto tão logo tocaram o papel.

— É dinheiro mesmo!

Um dos jovens tateou a nota e passou ao colega do lado, e este, do mesmo modo, um tanto incrédulo, repassou para o último garoto que, ao tocar no dinheiro, exclamou: — Legal!.

Esticando o braço, o garoto mais velho entregou a corda que amarrara no pescoço do Caxeiro assustado, entregando à sua sorte agora para aquele Salvador.

Os meninos disseram que era comum pegar para comer estes pobres despercebidos que com o desmatamento surgiam perdidos por ali junto com jibóias, sucuris, tamanduás...

O cansado senhor não quis muito saber de tantos outros sem floresta que poderiam surgir sem que ele os pudesse salvar. Naquele momento, ele só conseguia pensar naquele pequeno milagre. Naquele pequena vida que pôde salvar.

Por sua vez, Luís Caxeiro, desinflando o peito, pôde respirar mais aliviado, mas ainda parecia estar temeroso de sua sorte.

O bondoso senhor se abaixou e o pegou pelos braços, pensando em como o levaria até um local seguro, pois estava sem automóvel e não poderia pegar um transporte público com o sujeito naquele estado ou poderiam maldar suas intenções.

Notou os pés do pequeno todo arranhado e pensando que ele também estivesse faminto, ofereceu um pouco de folhagem com uns frutos que conseguiu alcançar do outro lado da pista. Mas o pequeno não aceitava nada. Tremia, talvez de medo, talvez de dor.

Todo sujo e a salvo, seguiu sem sussurrar nenhum som a mais, nos braços daquele Salvador, o porco-do-mato que não foi morto, nem jantado, que teve sua sorte lançada e seguiria dentro de uma caixa com furos, o Luis Caxeiro, o protagonista ariteiro do Campo Verde outrora mais verde, que foi salvo por mais uns dias, cuja sorte ninguém mais sabia o que haveria de ser.



# O Capô do Amor

*“Eu te amo”: filho escreve declaração de amor ao pai no capô do carro*

(SBT News - 06/07/2020)

ELISEU sempre gostou de surpresas, mas, naquela manhã, ao sair de casa com uma xícara de café na mão, percebeu que nem todo presente chega embrulhado em laços.

Ele deu um gole preguiçoso no café e destravou o carro à distância. Mas, assim que desceu os degraus da varanda, algo fez seus olhos se arregalarem. O veículo parecia... diferente.

Ele piscou.

Piscou de novo.

Talvez fosse só o reflexo do sol.

Talvez fosse um sonho estranho causado pelo cansaço.

Talvez...

O café quase caiu de sua mão.

O carro estava coberto de rabiscos. Sorrisos, corações, estrelinhas tremidas e, no centro de tudo, um “EU TE AMO” escrito em letras garrafais. Eliseu ficou imóvel. O cérebro tentava encontrar uma explicação racional para aquilo, mas falhava miseravelmente.

Foi um vandalismo? Algum adolescente entediado?

Ou... pior.

Ele se aproximou lentamente, com a respiração presa no peito. Os dedos tremiam quando tocou a lataria. Ao passar a mão sobre um dos corações, percebeu que a tinta não saía.

A tinta não saía.

Seu coração acelerou.

— Não... não, não, não...

Aquilo... aquilo era...

CANETA PERMANENTE?!

O cérebro de Eliseu entrou em curto-circuito.

As imagens do futuro passaram diante de seus olhos como um filme de terror: ele sendo demitido. O chefe gritando ao telefone. Seu carro sendo rejeitado até pelo lava-rápido mais avançado do mundo.

A respiração ficou entrecortada. Ele calculava freneticamente: “será que isso sai com álcool? Com sabão? Com oração?”

Foi quando ouviu uma voz animada.

— Bom dia, papai! Gostou da surpresa?

Eliseu virou-se devagar. Como quem tem medo de encontrar um fantasma.

E lá estava Lorenzo.

O pequeno, de oito anos, sorria como se tivesse acabado de entregar a Mona Lisa à humanidade. Seus olhinhos brilhavam de orgulho.

— Eu passei a noite toda fazendo! Usei aquele canetão que você guarda na gaveta. Ele é incrível, né? A tinta é MUITO forte!

A força nas pernas de Eliseu quase se esvaiu. Ele precisou se segurar no capô recém-”decorado”. Ele abriu a boca para falar. Nada saiu.



Abriu de novo. Ainda nada.

Só um leve engasgo.

Depois de uma eternidade, conseguiu balbuciar:

— Lo... Lorenzo... você... você sabe o que quer dizer PERMANENTE, né?

Lorenzo pensou por um segundo, depois bateu palmas.

— Que vai durar PARA SEMPRE! Igual meu amor por você!

Eliseu fechou os olhos.

Respirou fundo.

Contou até dez. Depois até vinte. Depois até mil.

Pensou em todas as maneiras de reagir. Ele poderia gritar? Não. Poderia chorar? Talvez. Poderia fingir que nada aconteceu? Impossível.

O pequeno Lorenzo continuava olhando para ele, esperando ansiosamente sua reação. Seu orgulho começava a se transformar em preocupação.

— Pai... você não gostou?

E foi nesse instante que Eliseu entendeu tudo.

O que estava diante dele não era só um carro rabiscado.

Era uma declaração de amor.

Uma mensagem de um filho que queria ter certeza de que seu pai nunca esqueceria o quanto era amado.

Ele engoliu a raiva, limpou a testa suada e tentou sorrir.

— Lorenzo... eu adorei. Mas... você sabe que esse carro é do trabalho, né?

O pequeno abaixou a cabeça.

— Mas eu só queria que você lembrasse de mim quando estivesse longe...

A frase atingiu Eliseu como um soco no peito.

Ele olhou para os rabiscos de novo. E, pela primeira vez, viu algo além de tinta permanente.

Viu um presente.

Um lembrete do que realmente importava.

Então, pegou o telefone e ligou para o chefe, já esperando uma bronca monumental. Do outro lado da linha, ouviu uma risada.

— Eliseu, se tem algo que aprendi na vida, é que certos amores não se apagam.

E foi assim que, por muitos meses, Eliseu dirigiu pela cidade com um “EU TE AMO” estampado no capô, sorrisos no vidro e corações espalhados pela lataria.

E, toda vez que alguém perguntava sobre aquilo, ele apenas sorria e dizia:

— Meu filho quis ter certeza de que eu nunca esqueceria.

Porque o amor, às vezes, vem em formas inesperadas.

E, algumas vezes, ele é escrito com caneta permanente.



# Entre Ideais, Tempo e Escolhas

*Crônica: um gênero atual ou  
que respira por aparelhos?*

(Portal Terra - 16/10/2025)

**M**EU ideal seria escrever uma crônica inspirada em uma notícia que atendesse os objetivos de conclusão de um curso, mas que ela também tocasse as pessoas que a lessem. Que quem a lesse dissesse: “Puxa, valeu a pena mesmo dedicar meu tempo em ler essa crônica!”. Mas não consigo me decidir se quereria que quem a lesse risse, como desejou Rubem Braga, à moça da casa cinzenta do bairro onde mora. Ou se quem a lesse chorasse, lamentasse ou talvez concordasse comigo que temos tido, mesmo cotidianamente, notícias tristes.

A dúvida me atormentou, tal como escolher qual roupa ir trabalhar. E quando se vê, já são oito horas e você vê que de nada adiantou acordar uma hora mais cedo para ter tempo de se arrumar, pois havia se perdido na dúvida sobre o que vestir, para, no fim, o tempo, ou melhor, a falta dele, determinar o que usar. Na pressa, você acaba pegando qualquer uma e vai, sem se importar se a peça combinou com o sapato e coisa e tal. Importa chegar no horário, não se atrasar, nosso ideal cotidiano.

E agora, José? E agora mulher? Escrever sobre notícia triste, feliz ou engraçada? E enquanto pensava, lembrei da notícia daquele sujeito, um caçador que se perdeu por 7 dias na mata e relatou ter tido a ajuda dos seres encantados do folclore. Senti-me uma caçadora de notícias, porém sem tempo e sem a ajuda de uma fada madrinha para não me perder no meu ideal que seria escrever essa crônica.

Como nada, nenhuma ideia surgia, achei por bem ir dar uma volta, para espairar a cabeça e ter contato com a natureza. Quem sabe ela me inspirasse com uma história como o caso da abelha Mamangava que perdeu sua casa, uma Chichá no largo do Arouche, devido às fortes chuvas?

Mas aí, o medo tomou conta de mim após ter acompanhado a notícia de que, numa sexta, que deveria ser santa, houve 6 feminicídios, em 24 horas, numa mesma cidade. Pensei: sou mulher. Achei por bem ficar em casa, talvez tomar um café.

E se eu tomasse um café e despertasse? Acabou o pó! Eu teria que ir ao mercado. E se eu escrevesse sobre a falta de funcionários nos supermercados? Que segundo a notícia, as pessoas não queriam trabalhar por terem benefícios governamentais demais. Essa era a desculpa! Não sei se minha, para não ter que ir mesmo ao mercado, pela falta de funcionários e prováveis filas, ou se da empresa. Decidi então tomar um chá.

Enquanto o preparava, outra ideia me veio à mente, falar do preço do café, sim, aí está! Uma crônica inspirada nessa notícia, com toda a certeza, comoveria os leitores, afinal, o café está cotidianamente na mesa de todo brasileiro. E logo meus pensamentos foram interrompidos por Gullar dizendo: o preço do café não cabe no poema e tive de concordar, também não há de caber nessa crônica.

Feito o chá. Puxei a cadeira. Assoprei para esfriar. Tentei dar uma forte golada, e quem sabe viria junto a ela uma ideia tão forte quanto para atingir meu ideal de crônica. Foi quando senti algo roçar os meus pés. Olhei para eles e vi o Platão, fiquei



a pensar como seria bom se pudéssemos filosofar. Mas apesar de ser um filósofo canino, me levou a pensar naquela notícia sobre os brasileiros que estão colocando nomes de cachorros em seus filhos. Não tenho filhos, mas se tivesse que nome de cachorro daria a eles? Fiquei assim, imaginando diversos e possíveis nomes e me lembrei daquele homem que, de acordo com a notícia, escolheu se chamar Edward Albert Lancelot Dodd-Canterbury Caterham Wickfield.

Quando dei por mim, havia sido engolida pelo tempo, como aquele rapaz da notícia tinha sido engolido por uma baleia. Fui despertada por um barulho, assim como aqueles gansos faziam barulhos numa penitenciária para anunciar tentativas de fuga, segundo a notícia. Era o celular despertando-me.

Não tive como fugir. Tive que deixar o meu ideal de lado. Precisava ir trabalhar. Mas, antes de ir, decidi, por fim, que meu ideal ficaria similar aos produtos vendidos atualmente nos supermercados: tipo leite condensado, mas não é leite condensado. Isso é, tipo uma crônica ultraprocessada.



# Ela se Foi, mas Ficou

*Há 40 anos perdíamos a escritora, contista e  
doceira goiana Cora Coralina*

(O Grande ABC - 10/04/2025)

**E**RA quarta-feira, 10 de abril de 1985, um dia que, no seu silêncio sereno, se fez imenso na história de Goiás. O ar ameno da Cidade de Goiás, com seu cheiro peculiar de terra molhada e folhas secas, parecia guardar em cada canto o presságio de algo irreparável. Eu ainda não existia nesse plano, pois minha chegada só seria no futuro distante de agosto de 1988. Mas, para aqueles que respiraram as ruas estreitas e antigas da cidade naquele dia, o impacto da notícia foi imediato: Cora Coralina, a musa goiana, a mulher de tantos papéis, a escritora, a contista, a doceira, a florista, havia partido deste mundo.

Os jornais da época, com suas manchetes robustas e cores sóbrias, estampavam uma única e triste informação: Cora Coralina falecera. A comoção tomou conta de Goiás como um vendaval, espalhando-se pelo planeta, atravessando as fronteiras da literatura e alcançando até os corações dos mais simples. Mas se a tristeza era geral, ela estava especialmente concentrada naquela cidade que viu nascer e crescer a menina feia da Ponte da Lapa. Aquelas ruas estreitas e antigas, os becos e vielas da Cidade de Goiás, tão familiarizados com seu rosto e suas mãos de escritora e doceira, agora choravam a ausência da grande musa goiana.

Naquele 10 de abril, o rio Vermelho, que tantas vezes servira de testemunha silenciosa à vida de Cora, transbordava de lágrimas. Seus ecos reverberavam pelas pedras e pelos muros, ressoando em uma despedida que parecia ser mais do que justa, mais do que necessária. E ali, nas suas águas, parecia se desenhar a morte não só da escritora, mas de todas as suas memórias, de todas as suas facetas. A casa velha da ponte, que sempre guardou as lembranças e os segredos da mulher simples e profunda, mais uma vez ficava órfã. Era como se ela soubesse que Cora não mais retornaria aos seus corredores de madeira escura e cheiro de jasmim.

A casa, de tanto sofrer, parecia ter suas roseiras murchadas, com suas flores não mais desabrochando naquele dia. O jardim, antes repleto de cores e perfumes que refletiam a própria alma da moradora, agora estava imerso em uma tristeza incomensurável. As pombinhas fogo apagou, que voavam ao redor da casa, pareciam sussurrar à cidade: “Ela se foi, ela se foi”.

Mas, para além do lamento, o que realmente ecoava na cidade eram as múltiplas formas que Cora Coralina representava. Não era apenas a escritora que partia, mas também Aninha, a menina feia da ponte da Lapa, que tantas vezes se sentiu deslocada nas sombras de uma vida difícil, mas que encontrou nas palavras e na poesia um refúgio, uma maneira de olhar o mundo de forma diferente. E, nesse lugar, ela se tornou mais do que uma menina comum. Ela se fez mulher, mãe, avó e bisavó, sempre com a leveza que as palavras podiam dar a uma vida tão marcada pela luta e pela simplicidade.

Morria, naquele dia, a doceira que fazia doces com a mesma paixão que escrevia seus versos. A mulher que, entre panelas e receitas antigas do século XIX, transformava o amargo da vida em algo doce, algo de sabor inconfundível. E o mais



fascinante em Cora era como ela conseguia juntar esses mundos: a doçura de seus doces e a doçura de suas palavras, que se entrelaçavam e se completavam de maneira única, como um poema que escorrega pela garganta e se faz eterno.

O que me surpreende é como, embora eu não tenha vivido esse momento, é possível quase tocá-lo através das palavras de quem viveu e de quem soube perceber sua grandeza. A Cidade de Goiás, com seus becos estreitos e pontes, se despediu de Cora Coralina não só como escritora, mas como um ícone da resistência feminina, da luta pela escrita, pela vida e pela memória. Ela foi, sem dúvida, mais do que uma figura literária. Ela era a representação de todas as mulheres invisíveis que, como ela, escreveram suas histórias sem jamais deixar de ser quem eram, em toda sua profundidade e complexidade.

Hoje, 40 anos depois de sua morte, não apenas a Cidade de Goiás ainda respira Cora Coralina, mas todos aqueles que, assim como eu, sabem que “Não morre aquele que deixou na terra a melodia de seu cântico na música de seus versos” (Cora Coralina). Suas palavras continuam a reverberar nos livros, nas ruas, nas flores que teimam em desabrochar nas roseiras da casa da ponte. Ela se foi, mas, como um rio que transborda, sua memória não se apaga. Ela se torna eterna. O legado de Cora Coralina segue vivo, e cada vez que alguém de Goiás ou de qualquer parte do mundo se senta para ler suas histórias, ela volta a existir. E, em algum lugar, no fundo de algum beco estreito da cidade, as pombinhas ainda sussurram: “Ela se foi, mas ficou”.



# O Crime não Compensa

*Guaxinim 'assaltante' fica preso em máquina de venda de lanches nos EUA*

(G1 - 15/08/2019)

**E**M quase toda cidade pequena existe uma história sem explicação que todos sabem de cor! E como diz a lenda: quem conta um conto aumenta um ponto. Pois em uma dessas cidades pacatas, onde o maior evento do mês eram as fofocas compartilhadas nas sorveterias de fim de semana, a sensação do momento era o furto ocorrido em uma escola local. Tudo ocorreu durante um dia de semana qualquer, enquanto todos dormiam, ele agia sorrateiramente. Com porte robusto e olhos atentos, este profissional da vida noturna adentrou a escola sem causar alardes. Mais tarde, quando os seguranças o viram nas câmeras de segurança, juraram estarem vendo cenas dignas de filmes de ação.

Ele entrou pelo telhado, se apoiou nas prateleiras para chegar até o local do furto com uma precisão milimétrica, parecia ter treinado com os mais experientes equilibristas. O plano era simples: entrar, pegar tudo o que pudesse e sair sem ser descoberto. Tudo caminhava conforme o previsto até que ele se deparou com uma máquina de lanches. Uma verdadeira tentação! Então pensou: “Já que estou aqui, por que não?”.

Num ato impensado forçou a portinha por onde os lanches, salgadinhos e refrigerantes saíam, apesar de ter encontrado resistência da máquina, não desistiu. Com mais um pouco de esforço e ousadia, enfiou um de seus braços pela portinhola, mas isso ainda não era suficiente para alcançar as tão desejosas guloseimas, com extrema falta de noção, mas com muita destreza, enfiou o outro braço e, quando percebeu, estava dentro da máquina.

Enfim, alcançava a glória, esquecera-se do seu objetivo inicial, mas fartava-se de doces e salgadinhos, o que em sua visão era bem melhor, no entanto, esqueceu-se de um pequeno detalhe: como iria sair da máquina? Ele havia comido tanto que não conseguia fazer o caminho de volta.

No dia seguinte, quem encontrou o famigerado ladrão foi o zelador, que percebeu uma movimentação estranha vinda da máquina de lanches que ficava na cantina e deparou-se com dois olhinhos arregalados entre um pacote de salgadinho e uma lata de refrigerante.

Chamaram os bombeiros, a direção da escola fez uma live no Instagram, a imprensa local quis cobrir o assunto. A cidade parou para ver o resgate do “assaltante de salgadinho”. Foi uma operação delicada já que o meliante era um bichinho peludo de quatro patas. Um estudante do 2º ano tentou trocá-lo por uma lata de refrigerante, o botão travou no B3.

O ponto alto da história, o momento em que virou lenda na cidade, foi o que aconteceu depois. Ao ser retirado da máquina todo sujo e com a dignidade esfarelada, o guaxinim ofereceu ao bombeiro uma bolacha mordida, alguns juram que foi uma forma de agradecimento, outros dizem que foi uma tentativa de suborno.

O bombeiro achou graça, o guaxinim bufou, revirou os olhos e foi levado dali com cara de poucos amigos. Desde então, a máquina ganhou um aviso: “Favor não alimentar o guaxinim”. Até hoje, há quem jure que em noites como aquela é possível ouvir um sussurro vindo da cantina. B3... B3...



# O Metrô de Cada Dia

*Passageiros andam por trilhos do metrô após falha na Linha 3-Vermelha; problema causou efeito cascata e afetou também a Linha 4*

(G1 - 25/02/2025)

**L**OGO pela manhã, o povo paulistano já está acostumado com aglomerações no metrô. Na Linha Vermelha, então, o caos é diário.

Naquela 5ª feira, véspera de feriado, não foi diferente.

Geraldo, o popular Geraldão, acordou atravessado. Nada tirava da cabeça a sua fúria: Dona Conceição, sua sogra, queria a casa de volta. “A moradia era da filha dela também. Eles viviam lá há 12 anos, apenas.” Mas a senhora queria porque queria, para obter renda por meio de aluguel. “Ô velha maldosa!”

Com a cabeça fervilhando, arrumou-se prontamente para ir trabalhar. Pegou o ônibus em direção à estação de metrô Itaquera. Chegando lá, as escadas estavam apinhadas de gente. “Como paulistano sofre!”

Enquanto sobe apressadamente as escadas rolantes, Geraldão pensa: “Bem que na volta o trem poderia parar. Não suportaria mais ver a cara daquela mulher.” Detalhe: a esposa era o clone da mãe dela. Não deu outra: o retorno foi mais difícil. Todo mundo, tal qual Tiradentes, estava enforcado. Estação Santa Cecília travou.

Empurra daqui, empurra dali. Entra, não entra, entrou. Geraldão se vê no vagão, ou melhor, fica pressionado na parede-limite (entre vagões). Mesmo cheio, entende que chegará bem no horário da novelinha favorita da sogra. Terá que passar pela sala, encontrá-la e depois seguir para “sua casa”, que fica nos fundos. Só de pensar, já fica vermelho de cólera. “Atrasar o retorno, só um pouquinho, não seria de todo mal, não é?” Afinal, chegaria – provavelmente – no momento em que a senhora estivesse dormindo.

De repente, seus olhos se depararam com o botão vermelho de emergência. “Se levemente tocasse...” Antes mesmo que pudesse concluir o pensamento maléfico, uma jovem abruptamente tocou no temível botão. O trem deu uma brusca freada. Todos foram pra frente, se é que poderíamos dizer que houve deslocamento de alguém naquela lata de sardinha. “Mundo cão!!!” Gritos de alguns, cotoveladas de outros, a confusão se instalou.

Os passageiros não conseguiam entender o que acontecera, muitos menos compreender a voz automatizada, anunciando pane no sistema. Logo, Geraldão pensou: “Será que vão saber o que realmente aconteceu? Essa doida salvou (ops, ferrou) a minha noite”.

“Senhores passageiros, estamos com problemas técnicos. Em alguns segundos a linha será normalizada.”

Derretendo dentro do vagão, visto que passaram vários minutos sem nenhuma normalização, os passageiros foram obrigados a descer na linha e andar nos trilhos em plena noite chuvosa.



Corpos colados, suados e cansados arrastavam-se em fila indiana, sentido zona leste, na linha vermelha. “A coisa está feia!” Horas caminhando. O homem arrependera-se do pedido insólito. As pernas fraquejavam, as costas doíam e estava morrendo de fome. Os demais passageiros pareciam o quadro “A obra”, do artista Candido Portinari.

Chegando na estação Itaquera, praticamente o ponto de partida desta história, o metrô começou a funcionar. “Agora, já não precisamos dessa porcaria!”, alguns gritavam. “Que revolta! Trabalhador não tem sossego!”, ouvia-se ao longe.

O pobre do Geraldo, já não tão Geraldão nesta altura do campeonato, ainda teve que pegar o 2766 (Jd. Camargo Velho), rumo à “sua casa”. Quebrado, praguejando, chateado, encolerizado, o homem pensou: “Pelo menos, vou encontrar a sogra dormindo para o meu eterno sossego”.

Ruas do entorno no breu. Luzes de casa: apagadas. “Ufa!!!”

Geraldão entra na sala e encontra uma TV ligada. Isso mesmo! Logo, um corpo se movimenta: “Homem, vagabundeando até agora?! Por isso, quero a minha casa de volta!” Era a sogra. “Meus Deus!”, suspira o homem.

A telenovela tinha acabado de iniciar. Graças às plataformas de streaming a vida de uma idosa foi salva. “Como!?”, Geraldão se questiona.

Dona Conceição ralha: “Ficamos sem energia até agora. Aguardei voltar para assistir minha novelinha.” O pobre homem cai pra trás. Até o momento não há notícias de como está.



# Ele

*Com mínima de 10°C, frio deve  
continuar São Paulo no fim de semana  
e na próxima semana*

(G1 - 03/07/2025)

**E**M meio a um mundo cotidianamente acelerado, tendo o estresse como imperador das mentes humanas, a grande preocupação é a evolução espiritual. Mas não se engane, achando que esse fato trouxe melhoria às pessoas. Pelo contrário, a sociedade tornou-se ainda mais egoísta, porém, usando o autocuidado como desculpa.

Neste caos, eu vivo ou sobrevivo. Esquecido. Abandonado à própria sorte.

Sem ter ou ser.

A luz do dia já não me causava euforia, pois eu não a via. A minha visão era uma fresta, onde nem ao menos me passava a esperança.

Meus dias eram contados através da espera, uma espera sem fim, sem data para terminar. A única coisa que eu desejava era viver dias melhores, livres... eu sonhava em sentir o vento balançar as minhas mangas e sacudir os meus bolsos. Queria abraçar, sentir, aguçar todos os meus sentidos. Queria proteger, aquecer, melhorar a qualidade de vida, fazer a diferença na vida de alguém.

Minha solidão era fruto da vaidade, da escolha, do consumismo desenfreado, da falta de consciência com o cuidado, de valorizar aquilo que temos.

A cada conquista, a cada promoção, eu era mais desprezado, jogado de lado. Sentia-me desprezado.

Fico cada vez mais incrédulo com o imediatismo humano, a preocupação com o aqui e o agora. É como se não houvesse amanhã. É como se houvesse o ontem, anteontem e o passado. É literalmente, o que passou, passou.

O que me acalenta a alma são as boas lembranças: nossos momentos únicos, juntos, aquecendo seu corpo juntinho ao meu, nossos passeios, nossas viagens, nossas descobertas. A lembrança é tão viva em minhas memórias que não esqueço da nossa primeira vez, aquele jantar no *Magnu's*, em que você derramou uma taça inteira de vinho em mim! Foi um desespero! Um corre-corre! Mas, no final, saímos ilesos, e toda vez que você me tocava, lembrava-me dessa história que virou um marco de boas risadas entre nós.

Bons momentos, histórias bem vividas.

Eu queria um *replay*. Apenas queria...

Hoje, não entendo o que aconteceu entre nós... como vim parar aqui... No fundo do poço! Esquecido, dentro de um armário.

Desejo e clamo por mudanças! Se não me quer mais, deixe-me ao menos seguir a minha vida e cumprir a missão a qual um dia fui inspirado e criado: aquecer.

As mais singelas palavras.

Assinado: Casaco.

E não se esqueça: doe agasalhos e compartilhe o amor!



# Guerra, tão Presente e tão Abstrata

*A aposta arriscada ao colocar os EUA no centro do conflito Irã-Israel*

(BBC News – 22/06/2025)

ESTADOS Unidos? Bom, sem citar diretamente nenhuma invasão, poderíamos dizer que há muito tempo temos aceitado passivamente quase todo tipo de influência vinda deles: seja na política, na arte, no jeito de se vestir e até na forma de estragar a saúde e engordar com aqueles malditos — e deliciosos — lanches imperialistas. Lembro que, certa vez, um amigo me emprestou um livro chamado *A História dos Estados Unidos* e, nele, aprendi que grande parte daquilo que eu conhecia sobre a cultura americana até então era verdade. Descobri que cowboys, ouro de tolo, cidades fantasmas, as bruxas de Salém, Touro Sentado e tantos outros elementos existiram de fato — o que muito me surpreendeu. Essa influência americana exercida sobre nós aparece até nas coisas mais inocentes como em um simples desenho animado do Pica-Pau, onde podemos encontrar muito do que foi mencionado até aqui. Mas e o Irã? Embora seja uma realidade mais distante de nós, o que sabemos no Ocidente sobre o país não se resume ao maravilhoso livro *As Mil e Uma Noites* nem ao jogo *Prince of Persia*, que marcou a minha infância e a de muitas outras pessoas. Assim como os fenícios, judeus e outros povos antigos, os persas são amplamente conhecidos — e profundamente complexos. Atualmente, o Irã é uma teocracia islâmica, e, é sempre bom lembrar, que o Islã, assim como o Catolicismo, o Judaísmo, o Budismo e tantas outras religiões, prega a paz. Também é sempre bom deixar claro que a liberdade de manifestação religiosa deve ser sempre respeitada. Dito isso, é fundamental ressaltar que a manifestação religiosa deve emanar do indivíduo, jamais ser imposta pelo Estado, e que os direitos humanos constituem um princípio inegociável e universal — seja no Irã, nos Estados Unidos, no Brasil, na Palestina ou em Israel. Mas, como li certa vez em algum lugar: “Antes de criticar um país, é necessário sentir o seu cheiro” — o que ainda não é o meu caso. Talvez o problema não seja o quanto sabemos sobre os Estados Unidos e o Irã, mas o quanto nós ainda não sabemos. E em tempos de guerra como os atuais, é fundamental saber discernir o que realmente importa e aproveitar enquanto ainda podemos nos dar a esse luxo. Afinal, como já dizia Mario Quintana: os “senhores da guerra” passarão, enquanto nós, passarinhos.



# Uma Despedida Digna

*O hospital das despedidas, onde os pacientes  
vão para morrer com dignidade*

(BBC Brasil - 30/06/2025)

**R**ARAMENTE escuto falar sobre cuidados paliativos, talvez me falte certo interesse para um assunto tão delicado. Em uma matéria na BBC News, em um hospital público de Salvador, pessoas em estados terminais - em grande parte idosos e idosas - recebem atenção especial enquanto vivem a graça dos dias.

Adailton, 90 anos, é um dos pacientes a ingressar nesta nova moradia. Nesse hospital, com foco exclusivo em cuidados paliativos, não há um tratamento intensivo para pessoas com diagnósticos irreversíveis. Adailton possui câncer de próstata e mantém uma boa lucidez ao recordar dos tempos gloriosos de corredor. Seu filho Junior guarda com carinho os troféus do pai enquanto era maratonista. Agora, a família busca “priorizar o conforto no momento presente”.

A unidade hospitalar é referência nesse assunto. Como informa a médica coordenadora Karine, “aqui, o foco não é a morte, e sim o cuidado enquanto estiver vivo”.

O ambiente acolhedor promove os bons cuidados ao paciente em estado terminal, trazendo para o seu entorno uma conexão onde mente, corpo e espírito se conectam com a passagem da vida. O objetivo desse trabalho, junto a equipe de profissionais da saúde, é aliviar todo sofrimento de uma doença incurável. Em alguns casos, a busca por recordações ou simplesmente uma conversa pode arrancar um sorriso, provocando ao paciente um bem-estar de que precisa.

Vivenciar as lembranças é como repousar na alma, é a permissão para, como diz nosso hino nacional, “deitar em berço esplêndido”, deixar-se mergulhar nas imagens da nossa mente, mantendo-as eternas.

Nas dependências do hospital, há duas particularidades que chamam a atenção. O necrotério, em vez de ficar numa parte isolada, encontra-se no centro, dividindo o mesmo espaço com a Sala da Saudade, local de inúmeros abraços e despedidas após falecer os entes queridos.

Em tempos difíceis, o luto é um preparo importante para nosso fortalecimento psicológico, a despedida muitas vezes nos pega de surpresa e nem ao menos conseguimos dizer as últimas palavras, como um muito obrigado ou um eu te amo e tantas outras as quais o coração deseja falar. Com isso, sem aviso, a dor da ausência é decretada pela morte injusta, e o amparo que necessitamos vem através de familiares e amigos, estes em muitos casos quase um integrante da família. A vida é breve e, num instante, passam-se dias, anos.

Quando menos esperamos, uma notícia pode nos abalar, chegando de uma maneira repentina.

Aqui, existe uma tranquilidade, tanto para os enfermos quanto para os parentes. O tratamento é conjunto, vai desde o pessoal da limpeza até os psicólogos. É um acolhimento diferenciado, e aí surge a oportunidade de ressignificar a vida, podendo melhorar, inclusive, o quadro atual, trazendo resultados positivos ao emocional. Neste lugar de paz, tristezas são atenuadas conforme o trabalho médico, e a empatia entra como um pilar nesse processo.

A história do senhor Adailton soma-se a outras que aguardam o tempo da partida. É possível celebrar cada momento e experiência, mesmo sabendo da falta que uma pessoa querida nos faz. Quando chegar a hora de partir, aceitarei guardar todo o amor e gratidão alcançada em vida, e jamais deixarei o rancor dominar minha alma. Que essas pessoas, ao receberem o diagnóstico de doenças não curáveis, tenham a chance de contemplar o nascer do sol, ouvir o canto dos pássaros quando o silêncio se anuncia e segurar a mão de quem esteve ao seu lado para uma última conversa. O adeus nunca é esperado, mas não desperdicemos o carinho verdadeiro de quem soube nos valorizar.



# Ainda Estou Aqui

*Ainda Estou Aqui* vence o Oscar de melhor  
filme internacional, o 1º do Brasil

(Folha de S. Paulo - 02/03/2025)

As notícias se espalharam, as especulações cresceram, o tapete vermelho foi estendido e os holofotes acesos. Estava eu, diante de um dos maiores momentos da história do cinema brasileiro: o filme “Ainda Estou Aqui” foi indicado ao Oscar 2025, nas categorias: Melhor atriz e Melhor Filme Internacional. Fernanda Torres e Walter Salles estavam prestes a segurar em suas mãos o globo de ouro e levar o nome do Cinema Brasileiro para o mundo.

Ao mesmo tempo que eu via esse movimento nacional e torcia pela vitória cinematográfica brasileira, minha mente revivia as cenas que rolavam na tela. O filme estava longe de terminar!

Saí da sala de cinema numa noite quente e tranquila, mas, em meu coração, havia uma sensação de escuridão fúnebre, onde, ali, a noite se alongava. Mesmo sem ventar eu sentia o arrepio frio em minha pele. Um silêncio profundo abraçava a cidade, mas a história do passado gritava em minha mente e ecoava por todos os cantos que eu passava.

Ainda estou aqui, vivendo os reflexos daqueles capítulos que, por muitos, já foram esquecidos, mas, por outros, ainda latente, sentido, vivido com choro inconsolável, principalmente para àqueles que ainda procuram respostas, sinais, motivos, corpos e almas que ficaram presas no passado.

Cenas de drama e diálogos emocionantes se tornaram destaque no filme, mas muito se dizia nos momentos de pausa; nos olhares perdidos no horizonte; olhares trocados entre os personagens e nos silêncios velados. Cada gesto, cada expressão dizia muito mais que palavras.

Na tela, vi mães, pais, filhos... famílias que foram esmagadas, destruídas pela dominação econômica, pelo poder político militar soberano que instaurou a violência e a desumanidade, identificando-se e justificando-se, com mão no peito: “Ó Pátria Amada, Idolatrada. Salve! Salve!”.

Salvar a quem? Amada ou Armada?...

Esses personagens não eram fictícios, e sim representantes de um povo que um dia viveu oprimido, com dores passadas de pai para filho e sentimentos reverberados a uma nação que, conseqüentemente, sofreu com os prejuízos trazidos por 21 anos de exílio. Esse povo, essa nação sou eu, é você ou aqueles esquecidos... filhos, netos e bisnetos, maridos e esposas... o amor de alguém que sentiu na pele ou nos olhos que assistiram a dor de um Brasil sendo destruído por uma ditadura que aprisionou, torturou e matou milhares de pessoas para “evitar” o tal comunismo.

Num misto de passado e presente, os burburinhos eram muitos. As pessoas, em seus grupos, comentavam sobre o filme, expressavam suas opiniões sobre as performances e atuações; da trilha sonora aos cenários das gravações, mas poucos paravam para refletir o impacto que essa história causou em nossas vidas. Enquanto eu, pensativo, imaginava cada



momento. Era como se eu revivesse as cenas e suas imagens tivessem encontrado um espaço para adentrar em meu corpo e me seguissem pelos caminhos que eu trilhava até o ponto de ônibus. A cada passo, em cada quarteirão, ao calar daquela noite, eu ouvia o passado ganhando vida e me assombrava. Os becos e vielas com luzes e penumbras gemiam como em dores de sofrimentos; sussurravam implorando: “não me mate, por favor”, agonizantes pediam “socorro”, até o momento em que os sussurros silenciaram e o total silêncio se instaurou. Só o chão daqueles becos e vielas poderiam testemunhar a crueldade, o ódio e a violência contra a vida, pois abrigou em si marcas dos sangues que escorreram em seu meio-fio, das últimas lágrimas que secaram os olhares daqueles que se foram e nunca mais voltaram; dos que esperavam justiça, igualdade e liberdade para todos.

Ainda estou aqui, pois a mensagem do filme não se dissipou de mim, e sim agarrou-se como num roteiro com seus meios do passado e do presente.

Ainda estou aqui, porque o passado jamais será ultrapassado, lembrar-nos-á constantemente das lutas e dos seus lutadores; dos que se colocaram à frente, na mira, que no âmago pela liberdade desafiaram e levaram no “peito a própria morte” e, assim, todos viram que pais, maridos e os “filhos teus não fogem à luta” para garantir o direito de ser, estar e existir em uma “Pátria amada, idolatrada”, um Brasil futuro, de amor eterno e que seja símbolo de igualdade e fraternidade para todos, não de violência e crueldade. Esse futuro é o presente. Será que estamos diferentes ou a ditadura mudou de patente?



# Doce Docência em Vivas Vozes

*Cora Coralina: a doceira que se tornou poeta popular após publicar primeiro livro aos 75*

(BBC Brasil - 10/04/2025)

**O** FAZER docente nunca foi doce. Concluí após um tempinho refletindo sobre o evento Leituraço!: março mulher, em minha escola - prática de promoção à leitura literária.

Com ela pretendíamos engajar e encantar os estudantes com vidas e obras de mulheres que deixaram sua contribuição para a mudança do pensamento contemporâneo.

Queríamos motivar a leitura literária. Queríamos semear a mudança do mundo!?

Planejamento, combinados, divulgação, motivação... tudo construído para desconstruir e reconstruir a esperança a partir de novas mentalidades e, quem sabe, *adiar o fim do mundo*, como escreveu aquele autor.

Ah! A esperança. Esse sonho de um amanhã melhor. Ter esperança no amanhã é sempre um amanhecer sem fim.

Mas já que o amanhã tarda, resolvi deslizar o dedo sobre a tela de 6 polegadas, sempre tão ávida, e bisbilhotar alguns feeds de notícias. Estímulos para pensamentos vagos e desconectados do real por meio de hodiernos relatos vazios. O paradoxo da atualidade.

O universo conspira ou a IA aprendeu a ler pensamentos – será? –, pois, logo de cara, o tópico: “Cora Coralina: a doceira que se tornou poeta popular após publicar primeiro livro aos 75.”

Com certo remorso, lembrei-me de que não apresentei Cora aos alunos. Curioso, avancei no texto torcendo o nariz para uma apresentação, no mínimo, suspeita: “mulher, viúva, marginal, doceira e de pouca instrução...”

Afinal, era para apresentar um talento maduro ou era para ter pena!? Algo como: “tadinha da senhorinha...”

Segui, mesmo com a pulga atrás da orelha. E a bendita mordeu-me muitas vezes.

Aquela notícia me falava de uma escrita simples, e eu me perguntava: o que exatamente é uma escrita poética simples?

O texto me dizia então que alguns acham mesmo que se trata de uma escrita *simplória*, como se acrescentasse à parte um “Não sou eu, veja bem, são os outros que dizem”. Profissionalizamos a fofoca.

Mas logo veio em socorro à querida Cora um especialista, que falou sobre o “lugar especial por ela ocupado”. “Seu lugar na literatura marginal e na oralidade” - aqui a pulga atacou-me a punhaladas. Assim, outras descrições foram surgindo na palavra terceirizada das citações: “textos que traduzem o simbólico interiorano”, “de resistência”, “poetizou a vida” e coisas que tais.

A notícia nem era das piores, pois, faz um tempo, ando cismado de que certos jornalistas tiram suas redações das tarefas escolares de seus filhos que, por sua vez, parecem estar mais preocupados com rolagens infinitas e jogos online. Acho que alguém chamou isso de *crise da narração*...



Depois de revisitar autoras que deixaram sua grande contribuição para a construção de um pensamento melhor – ao menos elas tentaram, e como tentaram... apesar de nós... - me vem uma notícia a espalhar, como folhas secas soltas ao vento, imagens estereotipadas do feminino na literatura.

Pensei em Carolina de Jesus, em Firmina dos Reis, em Francisca Júlia, em Emília Freitas, pensei nas poetisas e *slammers* da quebrada e tantas que passaram e que estão por aí abrindo caminhos – filhas de exu, alunas-prodígio de Ogun -, marcando presença e (re)existência.

Liguei a tela para desligar a mente e acabei levado pela corrente que me desaguou numa foz descontente.

Acho que ainda leva um tempo até descobrir o quanto ações escolares como o Leituraço podem surtir um bom efeito em mudança social. Mas é preciso sempre amanhecer-se, pois são momentos, e textos, como aquela notícia, que sempre me fazem voltar para uma frase de Poe: “Não te cabes terminar a obra, porém, não deves abandoná-la”.



# Sério, um Reality?

*Governo Trump avalia apoiar reality  
que dará green card como prêmio*

(UOL - 16/05/2025)

**S**EGUINDO sábios conselhos, início meu dia com um belo copo de água e uma olhadela nas principais notícias sobre o Brasil e o mundo. Meu susto e quase meu afogamento aconteceram ao deparar com algo que eu achava pertencer apenas àqueles livros de ficção ou aos romances distópicos. Mas não era. Eu não estava sonhando. Aquilo era real, e a notícia gritava à minha frente: “O reality show ‘The American’, avaliado pelo governo Trump, propõe que imigrantes compitam por cidadania americana através de desafios que refletem a cultura e história dos EUA”. Como assim, um reality para se conseguir um “green card”? Tá, já fizeram programas com os temas mais variados, mas um sobre o direito a ficar ou não em um país?

Não me parece algo correto, simples assim. Sei que sempre que uma guerra se desenvolve, ou crises econômicas dificultam a vida das pessoas comuns, muitos se arriscam pelo mundo em busca de um local melhor. Brasileiros já se aventuraram muito por aí nos últimos anos. Já teve a época dos “nissei” e “sansei” fazerem o caminho inverso dos seus ancestrais pra trabalhar mais de 12h na terra do sol nascente e ganhar o que no início era uma “bolada”, para retornar com seu “pé de meia” feito. Já teve a galera que foi para os EUA de forma ilegal, atravessava a fronteira do México com os tais coiotes e aceitava qualquer emprego que aqui no Brasil seria uma ofensa. Essa saga até inspirou Glória Peres a escrever a novela “América”. Mais recentemente teve também a turma do passaporte europeu, descendentes de italianos, espanhóis e portugueses, que, com seu documento de cidadão europeu, partiram para novas aventuras no velho mundo.

Uma amiga me disse que queria se arriscar nas terras do tio Sam. Ela domina o idioma, tem diploma e está topando fazer qualquer coisa. Mas ela não esperava por isso. As provas são tão específicas que duvido alguém chegar ao final com sucesso. Imagine só se os próprios “americanos” fossem reprovados? Que vergonha! A pessoa deve garimpar ouro em São Francisco, rolar troncos em Wisconsin, e montar o chassi de um carro em Detroit. Quem sabe fazer isso hoje em dia?

Até eu já me imaginei em uma aventura pelas terras do Tio Sam, ou até mesmo pelo velho mundo. Mas tio Trump, um reality? E se fizessemos o inverso? Queria ver gringo se virando pra fazer uma boa gambiarra. Ou conseguir sobreviver com salário mínimo e ainda se divertir no samba!

Isso parece mais uma forma de dizer, “eu dito as regras, ou brinca, ou cai fora.” O ser humano migra desde sempre. E isso ajudou em nosso desenvolvimento mundial. Se alguns locais não podem receber um grande contingente de pessoas sem prejudicar sua qualidade de vida, então vamos organizar essa recepção, ou mesmo auxiliar o país de origem para que muitos nem precisem sair. Mas por favor, tenhamos um pouco mais de respeito a todos que buscam melhorar suas vidas e que muito contribuem para o crescimento de muitas nações.



# Sob o Ponto de Vista do Balão

*Balão pega fogo no ar, cai e deixa mortos em  
Santa Catarina*

(G1 - 21/06/2025)

O meu nome é Sonho de Algodão e vou contar para vocês a minha curta e trágica história de vida.

Eu era muito jovem e tinha apenas seis meses de idade. Cheguei muito colorido, leve, cheio de gás hélio e promessas de que levaria os tripulantes aos céus, para que tivessem momentos inesquecíveis.

Na minha concepção, eu fui criado para satisfazer os desejos e os sonhos dos corações cansados.

Naquela manhã ensolarada, o céu estava bem limpo, uma brisa suave pairava sobre a minha pele de balão, e eu via, do local em que eu estava, os meus irmãos coloridos e alegres desfilando no céu, foi então que eu percebi os passos felizes dos tripulantes e os sorrisos amarelados daqueles que nunca haviam voado de balão. Subiram em meu cesto com muita confiança, e eu não queria, de maneira nenhuma, decepcioná-los. Eu estava deveras feliz e orgulhoso naquele dia.

Mas, de repente, escutei uma voz bem baixinha no meu ouvido de balão, que me disse com muita convicção:

— Não suba!

E eu fiquei pensando:

— Serão os sinais do céu?

Mas os instrutores ao meu redor insistiram e eu tive que subir mesmo contra a minha própria vontade. E lá em cima sentia que algo estava errado. Algo no meu interior estava ardendo e queimando.

Eu tentei resistir, mas não consegui ceder ao calor que estava me inflamando, e o fogo que me incendiava por dentro.

O homem que me comandava, era chamado de piloto, tentou de várias maneiras salvar a mim e aos tripulantes.

E quando eu desci ao solo, mas não totalmente, ele ordenou:

— Saltem.

Treze tripulantes arriscaram e saltaram, porém não sobreviveram.

E, diante dessa situação, eu fiquei mais leve.

E, por isso, tive que subir outra vez, de maneira mais abrupta, mas subir não tinha mais nenhum sentido agora. E levei oito tripulantes, que continuaram comigo. Quatro deles conseguiram se soltar do meu cesto, arriscaram, saltaram e infelizmente não sobreviveram.

Quatro deles ainda presos ao meu cesto permaneceram e desceram junto comigo, até que o meu coração de gás hélio não aguentou mais e parou de funcionar. Descemos rapidamente. Não era assim que eu queria terminar esse passeio, de maneira trágica.

Eu fui criado para desbravar os céus, fazer as pessoas felizes realizando os seus sonhos nas alturas e não para cair destruindo os desejos de ser feliz por um dia.

Eu só queria levá-los para ver a vista dos cânions de cima.



# As Vítimas que a Guerra Esquece

*Ao menos 91 crianças morreram em Gaza após ataques de Israel, diz entidade*

(UOL - 09/10/2023)

**E**RA noite, e tudo estava em silêncio. Uma luz acende o céu iluminando o horizonte, não, não era o sol nascendo. O brilho que clareia o céu é o mesmo que apaga vidas quando toca o chão.

Mais uma bomba. Mais uma casa em ruínas, histórias interrompidas. Era em algum lugar da Palestina ou de Israel. Não importa. O que importa é que, dentro daquela casa, dormia uma criança, com sonhos doces sobre o futuro, abraçada ao caderno onde havia desenhado uma pomba.

“A professora disse que a pomba representa a paz”, ela havia contado para sua mãe, orgulhosa de ter colorido com seu lápis azul — sua cor preferida, pois lembrava o céu. E foi do alto, onde mora o azul, que veio sua condenação.

Mas a guerra não se importa com cadernos, nem com sonhos. Não quer saber se há crianças dormindo. Não espera ninguém terminar o jantar, a conversa ou o desenho. Ela chega e leva tudo embora. Enquanto políticos discursam e aviões cruzam o céu, mães choram sozinhas, em agonia, com o peito sangrando procurando os filhos sob os escombros.

Em outro canto da cidade, ou de outro país, uma menina escrevia em seu diário:

“Hoje os aviões passaram bem perto. A vovó disse que é normal, mas vi seus olhos cheios de lágrimas. Eu estou com medo também, mas tenho que ser forte e corajosa. É o que a vovó sempre diz.”

Ninguém lerá esse diário. Ele se perdeu enterrado junto com a escola onde ela estudava. Disseram que era um “alvo estratégico”, e agora ela não escreverá sequer mais uma página.

Essas crianças não são soldados. Não carregam armas. Só têm pequenos desejos: brincar, sorrir e crescer em paz.

Mas são elas — e tantos outros inocentes — que acabam lutando em guerras que não começaram. Guerras travadas em nome de homens poderosos, que se odeiam mas não se matam, porém decidem de longe quem vai morrer e quem vai ser esquecido.

Na televisão, líderes falam em defesa, honra, justiça. Mas ninguém mostra os brinquedos cobertos de poeira e sangue. Ninguém fala da pomba azul no caderno. Nem das palavras que nunca serão terminadas em um diário soterrado.

Talvez essa guerra mude os mapas. Mostre quem tem mais poder. Mas também vai deixar cicatrizes que não aparecem nos jornais. E a paz? A paz continua esperando. Sozinha. Silenciosa. Como tantas vidas inocentes perdidas no meio da guerra.



# Sorriso Amarelo

*Sorriso celestial: Lua, Vênus e Saturno formam  
“rosto” no céu noturno*

(CNN - 24/04/2025)

**N**O jornal, nas redes sociais, só se falava nisso: o dia em que o céu presentearia a humanidade com um sorriso celeste, formado pela conjunção da Lua, de Vênus e Saturno. Os planetas seriam os olhos e a lua minguante desenharia o esplêndido sorriso.

Tá, sejamos honestos, os jornais falavam também sobre outros assuntos, porém nenhum deles convidava a sorrir de volta. Pelo contrário, dava vontade de chorar, considerando que o mundo não anda tão generoso ultimamente.

Bento gostava do céu e dos assuntos celestes, embora não entendesse lá grandes coisas. Observava a lua e as estrelas. Tinha até um aplicativo no celular que mostrava o nome das estrelas e dos planetas. Com isso, já se achava um quase especialista. Gabava-se de apontar para o céu, na época do namoro, e dizer “aquela estrela ali, na verdade, é Vênus”. Aurora, sua namorada, derretia-se com tamanha sapiência. Casaram-se. E os dois românticos viajaram algumas vezes para o Deserto do Atacama para ver as estrelas sem a concorrência insuportável das luzes das cidades.

Bem no fundo, Bento era só um apaixonado mesmo – por Aurora, pelo céu e pelos sonhos que não alcançou. Leu Carl Sagan, Stephen Hawking, O guia do mochileiro das galáxias... quando pequeno sonhava ser astronauta. Virou professor de arte com um quê de poeta descabelado e um tanto desajustado. O casamento degradingolou. Aurora foi morar no Chile. Ele ficou e virou professor na rede pública, mas o amor pelo que era astronômico continuou.

Voltemos. Bento soube que, em 25 de abril de 2025, haveria um sorriso no céu. E que outro desses aconteceria daqui algumas boas centenas de anos. Nem precisava ser tão bom em cálculos para entender que, na próxima vez, ele já teria ido para a terra dos pés juntos. O jeito era aproveitar o momento.

Claro, surgiram os problemas:

1. O evento aconteceria por volta das quatro da madrugada (sério, Universo? Não poderia ser às 22h?).
2. Havia previsão de chuva. Muita. Um aguaceiro.

Mesmo assim, nosso teimoso observador celestial estourou pipoca, pegou uma mantinha (baita frio nessa época!), se acomodou no sofá zapeando na televisão para enganar o sono. Cochilou. Acordou assustado, ainda eram duas horas (eita que passou perto!). Mas aí a tragédia aconteceu.

O céu que estava límpido se encheu de nuvens. Veio uma garoa fina e teimosa. E lá pelas duas e pouco veio o dilúvio apocalíptico. “Deve passar logo”, pensou, tentando ser otimista. Mas não passou. As gotas de chuva atacavam suas vidraças, o prédio parecia se segurar para não ir para as cucuias com a ventania. Olhando para as gotas na janela repassou mentalmente



seus pecados – os cometidos, os desejados e os que ainda não tinha tido tempo de cometer – para justificar tamanha falta de empatia do Universo.

Tentou se consolar pensando que, pelo menos, o fracasso foi geral. Mal de muitos, consolo de tolos. No meio desse consolo enviesado, pensou em Aurora, que agora vivia em Santiago. Guardava saudades dela, queria falar com ela, mas não encontrava um álibi.

Pegou o celular e escreveu “Oi, e aí... tudo certo? Quanto tempo... então... que pena que o sorriso celestial de hoje amarelou pra todo mundo, né? Aqui tá um dilúvio. Queria muito ver...”. Aurora respondeu na lata, com aquele jeito que ele conhecia tão bem: “oie... sério que vc não conseguiu ver? Aqui tá lindo de morrer, olha” e mandou uma selfie – ela com o sorriso radiante – e, no fundo, o céu sorrindo junto.

Bento nem soube o que sentiu na hora: se uma pontada de saudade maior de Aurora, se inveja do sorriso dela (porque a vida segue...) ou do céu, ou das três coisas. Ele olhou o reflexo da vidraça e a única coisa que conseguiu ver foi o próprio sorriso – bem amarelo.



# O Jovem e a Baleia

*Baleia engole e solta jovem que andava de caiaque no Chile: “Achei que fosse uma onda”*

(G1 - 13/02/2025)

**N**UM pequeno vilarejo do Chile, mais especificamente no sul do país, morava Adrian, um jovem de 23 anos, curioso demais para a paciência dos mais velhos e sonhador demais para a realidade do lugar. Ele, como jovem sonhador que era, sempre preferiu o silêncio e a imensidão do mar ao burburinho dos seus vizinhos.

Era uma manhã de céu cinzento, de um dia qualquer do mês de fevereiro, quando Adrian decidiu sair de seu caiaque. O mar estava mais agitado que o normal, o que combinava com o seu comportamento de jovem, com as emoções à flor da pele.

Ele dizia que era nessas horas que o oceano contava os seus melhores e mais misteriosos segredos. Ninguém o viu partir — era o que ele achava, pois, seu pai, o velho Dell, já homem feito, mas que também experimentou um dia da juventude, ficou só percebendo, de longe, o seu movimento.

No meio do mar, naquela imensidão de tamanho incalculável, ela apareceu: a baleia. Imensa, silenciosa, Adrian não teve medo. Pelo contrário, inclinou-se para olhar melhor, e pôde sentir a viscosidade de sua pele. Foi quando a boca da criatura se abriu como um abismo azul, e ele desapareceu. Assim, sem gritos, sem lutas, sem testemunhas, a não ser seu pai, o velho Dell, que viu de longe espantado e atônito aquela situação tão inusitada.

E foi então, meu querido leitor ou leitora, que o improvável aconteceu.

Lá dentro, no ventre da baleia, Adrian não encontrou escuridão, mas um grande universo. Ele se lembrou da história que ouvia quando pequeno: Pinóquio. E ali, dentro do gigantesco animal, conheceu as memórias do mar e ouviu histórias de marinheiros esquecidos. E mais importante: ouviu sua própria voz, tão limpa, como nunca ouvira antes.

Enquanto isso, seu pai correu na vila para buscar ajuda e logo surgiram os boatos: será que isso é mesmo verdade ou será mais uma história de pescador?

A baleia, talvez, apenas quis mostrar algo que os homens da superfície jamais compreenderiam.

Passaram-se alguns longos minutos. E então, a baleia emergiu diante daqueles que foram, junto a seu pai, prestar-lhe socorro, ergueu-se como uma gigantesca montanha de carne e sabedoria, e deixou Adrian sair e flutuar — vivo, com os olhos diferentes, como quem já viu o que não pode ser contado.

Dizem que ele não fala muito desde então. Mas, de vez em quando, o pegam olhando para o mar sorrindo, como quem escutou um segredo que jamais pudesse ser revelado.



**A**S coisas acontecem como devem acontecer, e aconteceu em um dia como tantos outros, entre uma aula e outra, vi aquele serzinho na frente da secretaria, olhando cada um que saía.

Uma gatinha tão magra que os olhinhos tremiam de tanta fraqueza e desnutrição. A novela começa mais uma vez para “dar comida a quem tem fome” e o primeiro pensamento foi pedir um pouquinho de carne para as cozinheiras, para depois organizar aquele revezamento de sachês e ração. Entraram na história os cuidadores de animais que toda escola tem.

É proibido ter animal na escola!

E foram dias de luta para arrumar um lar para sete filhotes que, um a um, a mãe Gaia – sim ela recebeu o nome de uma deusa primordial – desceu do telhado onde dera cria. Sobrou a mãezinha Gaia já castrada, vacinada e muito mimada nos três períodos, até armário próprio com foto e tudo ela tinha.

E foram tantos capítulos, brincadeiras de esconde-esconde, ser trancada em armário de professor sem querer e também ser trancada por querer em banheiro e carro, para a supervisora não a encontrar na sua cadeira favorita na sala dos professores durante as sonecas das manhãs e as tardes. As noites eram todas dela, para desfilhar sua beleza e graça pelos corredores e salas, muitas vezes ficava deitada assistindo às aulas.

Acabaram as pombas que tanto davam dor de cabeça, só achávamos as penas quando amanhecia.

Mas a supervisora a viu e começamos a campanha “A Gaia É Nossa”, com cartazes, histórias em quadrinhos e redações feitas pelos alunos, fizemos toda vacinação com declaração de veterinária parceira, fizemos projetos mil: castração, doenças transmitidas por animais (toxoplasmose, porque a supervisora tinha pego na infância), meio ambiente, cidadania e por aí vai.

Então a supervisora desistiu da luta dela, ufa!

Gaia, a melhor mãe gata do mundo, que procurou ajuda quando não deu mais conta sozinha, que soube certinho a quem pedir ajuda, que conquistou e inspirou, que morou na escola e passou vários finais de semana em guarda compartilhada, que foi o terror das pombas...

Gaia, um animalzinho com filhotinhos na barriguinha jogado na rua como tantos outros que chegaram na comunidade escolar, como aquele que encontramos no bueiro em frente da escola, como aqueles que resgatamos de dentro dos canos que escoam a água, como os que chegam no colo dos alunos e encontraram seus destinos em lares cuidadosos.

Hoje ela é Lady Gaia, mora em um lar todinho dela e de seus irmãos felinos com pais mais que amorosos. E os alunos? Os alunos tiveram um grande aprendizado: o de “serem humanos!”

# O Dia em que a Infância Virou Notícia

*Crianças aprendem fotografia no projeto Pontinho de Vista*

(TV Cultura - 09/09/2024)

**N**AQUELA manhã, algo no ar anunciava que o dia não seria como os outros. O céu parecia mais claro, os olhos mais atentos, os passos mais apressados. Ainda antes do portão da escola se abrir por completo, já havia burburinhos nos corredores, como se os sorrisos corresse na frente do sinal. As crianças cochichavam com brilho nos olhos:

— Será que eles vão filmar a gente mesmo?

— Vai passar na televisão? – dizia outra, entre pulos, tranças voando e ansiedade.

Era o dia da visita da equipe da TV Cultura. Um dia para falar sobre o Projeto “Pontinho de Vista – A Fotografia como Recurso para as Aprendizagens”, mas que acabou revelando muito mais do que imagens: revelou vozes, desejos, talentos.

Christopher, menino de seis anos, já acordara com o coração disparado. Encantado por câmeras e microfones desde sempre, carregava nos olhos a sede de quem quer contar histórias. É daqueles que transformam qualquer roda de conversa num palco, qualquer lápis em microfone, qualquer intervalo em estreia. E naquele dia, o sonho parecia ter ganhado forma: uma repórter, um cinegrafista, um microfone de verdade.

A equipe chegou com sorrisos, gravadores, lentes e delicadeza. Sentaram-se no chão, olharam nos olhos das crianças, ouviram com respeito. E então, como se o universo conspirasse a favor dos sonhos, Christopher foi chamado. Pegou o microfone com as duas mãos, como quem segura um tesouro. Falou com firmeza, improvisou com graça, respondeu com a alma. Encantou quem assistia – e quem entrevistava.

Na semana seguinte, a reportagem foi ao ar. E ali estavam eles: pequenos em estatura, imensos em presença. A escola virou manchete, virou orgulho, virou conversa entre vizinhos e motivo de aplausos nas famílias. Pela primeira vez, muitos se viram na tela. E sentiram: “Eu pertencço, eu sou importante, eu tenho o que dizer”.

Mas a história não terminou ali. Inspiradas pelo encontro, as crianças decidiram continuar. Nasceu, assim, o “Imprensa Kids” — um novo projeto em que elas filmam, entrevistam, registram e compartilham. Onde o brincar se mistura ao comunicar, e a infância vira pauta, produtora e repórter da própria história.

E como em toda boa história, teve reencontro. A repórter, tocada pelo carinho das crianças, voltou à escola tempos depois. Conversou com elas, falou da profissão, ouviu novos sonhos e colheu sorrisos. Christopher, agora ainda mais confiante, contou que sonha – com todas as letras – em ser repórter. E disse, com brilho nos olhos:

— Se um dia eu tiver um programa, você será minha primeira convidada.

Porque há dias que parecem simples, mas marcam para sempre.

E há crianças que, quando ouvidas com verdade, descobrem que têm voz, vez – e muito a dizer ao mundo.



# Reencontro

*Pesquisa da UFBA descobre cemitério em Salvador com estimativa de mais de 100 mil escravizados*

(Notícia Preta - 15/05/2025)

QUANDO li sobre a descoberta das primeiras ossadas humanas em um cemitério de escravizados em Salvador, Bahia, fui imediatamente remetida à minha própria jornada. Essa notícia não só me impactou, como também me fez revisitar meu processo de letramento racial e quando pisei em Salvador pela primeira vez.

Não nascemos negros, nos tornamos negros. Sou uma mulher preta, retinta que, durante a maior parte da vida, esteve à parte das discussões raciais. Não havia um espelho de identidade para mim, além do que era imposto pela visão branca, que muitas vezes me reduzia a uma característica física sem história ou pertencimento.

Por um lado, como estudante de escola pública nas décadas de 70 e 80, todo meu conhecimento foi construído com base em uma história que privilegiava apenas os saberes eurocêntricos e hegemônicos. Eu me via como uma “não branca”, sem compreender a plenitude do que significava ser, de fato, uma mulher negra.

Por outro lado, na minha família, o ser negro não era pauta das nossas conversas como lugar de identidade e resistência. Não por falta de carinho, mas por uma realidade geracional em que a sobrevivência muitas vezes ofuscava a reflexão sobre a identidade. O silêncio em casa, de certa forma, reforçava a ideia de que essa era uma questão secundária, ou mesmo inexistente, para minha formação.

Tornei-me negra na fase adulta e um dos capítulos desse processo aconteceu de uma forma totalmente inesperada através de um reencontro que eu nem sabia que precisava acontecer.

Fui encontrada em uma rede social dos anos 2000, por uma amiga que estudara comigo no Ensino Médio, que eu não via há muitos anos. Ela vivia em Salvador e, ao saber que eu não conhecia a cidade, fez um convite irrecusável: “Venha, Sônia, conhecer Salvador! Fique em minha casa”.

A princípio parecia que seria o reencontro de duas grandes amigas da adolescência, mas a vida me reservava um encontro ainda mais profundo.

Cheguei em Salvador em janeiro de 2009. O reencontro com minha amiga foi feliz e cheio de memórias para compartilhar. Porém, no dia em que pisei pela primeira vez no Pelourinho, senti uma emoção que não sentira em nenhum outro lugar. A energia dali era quase palpável; as cores vibrantes das casas coloniais, o som dos tambores que ecoava pelas ladeiras, o ar impregnado de história e fé, tudo me tocava de uma maneira diferente. Era uma emoção indescritível, como se aquele lugar fosse sagrado, eu nunca me esqueci daquele dia, do que senti, mas que não compreendi.

Foi somente anos depois, já imersa no meu processo de letramento racial, que a peça que faltava se encaixou. Aquela emoção indescritível, o nó na garganta, o choro que se misturava ao riso tiveram um sentido profundo: aquele era o lugar de desembarque de negros sequestrados da África, cujos muitos corpos são revelados nesta notícia. No Pelourinho, muito antes de ter a consciência plena, meu corpo e minha alma já reconheciam um ponto de origem. Foi ali que me reencontrei com minhas raízes, sentindo que uma parte essencial de mim, que eu nem sabia estar perdida, finalmente voltava. Aquela foi a emoção do reencontro, de uma ancestralidade que me chamava. E, afinal, essas primeiras ossadas desenterradas em Salvador não são apenas um achado histórico; elas são, para mim, o elo tangível de um reencontro que transformou minha existência.



# A Grande Descoberta

*Sueli Gonçalves: os “imortais” da rede pública*

(VEJA - 21/12/2012)

— Mãe, mãe, manhêêê!!!!

Raquel chegou da escola, chamando pela mãe, eu diria “gritando” pela mãe, porque estava muito ansiosa para contar-lhe a novidade do dia...

Depois de descer rapidamente a escada, pedindo à filha que tivesse calma, já muito preocupada com os gritos de Raquel, aproximou-se dela, aconchegou-a naquele abraço que só as mães sabem dar e perguntou:

— Filha, pelo amor de Deus, o que você tem? O que aconteceu? Por que está tão aflita? Respire... vamos, respire... e fale, Raquel...

— Mãe, você não vai adivinhar nunca o que descobri...a professora contou e não venha me dizer que isso é coisa da minha imaginação. A sala toda escutou, a sala toda não, só o pessoal da AEL...

A mãe, então, suspirou aliviada...

— Ah... de novo, AEL...

Vamos, diga logo o que aconteceu dessa vez...

— Primeiro você, mamãe, diga-me: “O que é ser imortal?”

A mãe, querendo descobrir a razão da pergunta, franziu a testa no primeiro momento, mas, logo em seguida, recuperando a costumeira serenidade, soltou a frase, de supetão:

“Imortal é aquele que não morre, filha...

A menina não se conteve de alegria:

— Eu sabia! A professora não iria nos enganar... Sou agora uma Super-Heroína! Eu sou da AEL! E... não vou morrer nunca! Sou Raquel, da AEL!

— Calma, filha... Não é bem assim... Não foi isso o que a professora quis dizer...

— Foi, sim, mãe! Eu ouvi muito bem! Foi isso mesmo que a professora disse! Fique feliz, mamãezinha, porque a sua filhinha vai viver para sempre! Para sempre, entendeu?

Porque eu nunca vou sair da AEL!

Intuitivamente, a mãe, então, teve uma ideia e prosseguiu:

— Filha, como se chama mesmo o seu “amigo literário”, o autor que você escolheu para representar na AEL, na Academia



Estudantil de Letras?

— É Machado de Assis, mãe!

— Ele está vivo?

Raquel deu uma risada sonora:

— Não, mãe... ele já morreu há muito tempo, em 1908!

Foi ele quem fundou a Academia Brasileira de Letras, imaginou?

E tem mais! Ele estudou também na escola pública, enfrentou muitas dificuldades e preconceitos... Comecei a gostar dele, porque ele conseguiu vencer, porque foi um dos escritores mais importantes do Brasil, sabia, mãe?

Já li algumas poesias dele e são tão bonitas... E seus contos e romances, então?

Quanto mais pesquisei sobre sua vida e sua obra, mais eu me encanto e me apaixono por ele!

Para mim, é como se ele continuasse vivo...

Emocionada pela maturidade da filha, abraçou-a, beijou-a, olhou bem no fundo dos seus olhos e concluiu:

— Entende, Raquel, o que é ser imortal?



# Um Passeio Diferente

*Gato 'pega carona' em caminhão e viaja quase mil quilômetros da Áustria à Holanda*

(G1 - 05/03/2019)

**E**RA mais um dia que eu estava em meu lar, olhando pela janela. Lá fora estava nublado e frio. A minha casa seguia com os habituais movimentos comuns: meus amigos estavam na cozinha preparando seus respectivos cafés, a gota caía insistindo dentro de uma latinha do lado de fora, e minha ração estava cuidadosamente me esperando no mesmo lugar. Não, não estou reclamando da minha rotina, da minha caminha quente e do meu leitinho fresco, mas acompanhava pela televisão mochileiros que ganhavam o mundo para descobrir novos lugares e pensei: como seria dar um passeio diferente?

No mesmo momento, ouvi um barulho de um caminhão estacionando perto de casa, no comércio ao lado, saí no jardim e, de repente, me vi dentro do caminhão, só estava conhecendo aquele lugar, achei curioso e lembrei dos mochileiros, parti para um destino que nem eu mesmo sabia aonde chegaria.

No caminho, vi vários gatos, cachorros, alguns pássaros tentaram fazer amizade, mas o mais curioso foi quando, depois de muito tempo, o motorista descobriu o meu esconderijo. Naquele momento, fiquei assustado e quase o arranhei, mas senti que era uma pessoa com uma boa energia querendo me ajudar. Agora estou em várias páginas da internet, com uma divulgação intensa, como um bom mochileiro gostaria



# O Bolo e a Morte

*Jovem morta com bolo de pote envenenado:  
entenda as circunstâncias do crime*

(CNN - 04/06/2025)

**L**OGO que o dia clareou, 13°C num dia frio de outono, o pai estava inquieto, ansioso a caminho do velório da filha, uma dor lhe atravessa, era como se um filme de recordações passasse por seus olhos em segundos. Não havia mais nada a se fazer, sua filha de 17 anos não sobreviveu.

Três dias antes, Ana recebeu um bolo misterioso, com um recadinho fofo e anônimo: “Quem será que me mandou esse bolo?”, “Será algum admirador secreto?”, disse às amigas. “Vou comer, se eu passar mal, vocês já sabem o que foi”, brincou. Jovem, linda, extrovertida, cativante e amorosa, quem faria mal a ela?

Inveja, ciúme, amargura, egoísmo... quem teria sentimentos tão ruins? Ela é tão jovem, a caminho do velório da “amiga”. Arrancar a vida de alguém tão próximo, quem lhe deu esse direito? Duas adolescentes tendo toda a vida ainda a ser percorrida, tanto ainda para ser vivido e ser feliz, mas, para uma, a vida chega ao fim, sem nenhuma chance; a outra está marcada para sempre.

Três dias antes, um plano prestes a se concretizar com tamanha frieza e crueldade. “Já fiz isso dias antes, não deu certo, mas agora tem que dar!”. O veneno, o bolo e a morte certa.

As razões, as explicações, os sentimentos nunca serão de fato entendidos. O que restou foi dor, ausência, revolta, saudades, mães, pais, avós, irmãos, duas famílias dilaceradas.



# Dormir com Chuva é Bom, mas Quando o Raio Cai...

*Defesa Civil alerta para chegada de fortes chuvas nesta quinta-feira*

(UOL - 04/10/2023)

**T**EM momentos na vida que o que a gente mais quer é uma cama confortável com lençóis limpos e cheirosos e um barulhinho de chuva para ninar o sono e tornar a noite mais fresca. Foi assim que eu fui me deitar, buscando o descanso merecido. Mas quem falou que querer é poder?

Às 5h da manhã acordei com um barulho muito alto que, no auge do meu sono, pensei ser um trovão distante. Foi alto, mas rápido, e, por isso, eu decidi que ainda merecia mais uma hora de sono, antes de levantar para as obrigações do dia. Ledo engano. De repente um toc, toc, toc me tirou dos caminhos dos sonhos que eu tentava desesperadamente voltar.

Levantei mais dormindo do que acordada, para ver quem precisaria conversar às 5h da manhã. Abri a porta e minha Tia Chica apareceu de camisola cochichando palavras incompreensíveis para a minha mente sonolenta.

— Valentina mulher, tu não ouviu o estrondo?

— Oi, tia Chica! Eu ouvi sim, pensei que era sonho. Mas tudo bem com a senhora?

— Minha filha, não foi sonho não, o barulho foi uma árvore que caiu lá no parquinho.

De repente eu despertei. Como assim uma árvore caiu? Será que alguém se feriu?

— Nossa, tia, é sério? Alguém se machucou?

— Valentina, eu ouvi tudo lá do meu quarto e fui para a janela. Escutei os vizinhos lá embaixo dizendo que um raio acertou a árvore grande lá do parque e que ela acabou caindo em cima de vários carros. Parece que ninguém se machucou, mas eles estão comentando que um dos carros atingidos foi o seu.

Não. Definitivamente não. Não é possível, não concebia em minha cabeça como a árvore poderia ter caído em cima do meu carro, ele estava estacionado a uma distância boa do parquinho.

— Tia, eu acho que deve ser um engano, o meu carro está bem longe do parque, acho que eles devem estar se confundindo. Mas, por desencargo de consciência, eu vou descer para ver.

Fui até o quarto, vesti o meu roupão e descí para o estacionamento a fim de investigar o que estava acontecendo. Quando cheguei ao térreo, “meu mundo caiu”. Eu não estava preparada para o que eu vi. A árvore era muito grande e, de fato, tinha caído em cima de quatro carros. Contra todas as probabilidades, mesmo com toda a distância entre o meu carro e o local em que a árvore estava enraizada, o meu carro foi o primeiro a ser atingido.

A noite de sono que começou maravilhosamente bem, terminou com um fato inusitado e um sentimento de perda. Quando escutamos o ditado popular que diz que “um raio não cai duas vezes no mesmo lugar” não pensamos que, mesmo na primeira queda, o raio já causa muito estrago.



# Trinta Segundos

*Queda do Boeing-787: com 242 pessoas a bordo e um sobrevivente, existe assento mais seguro nos aviões?*

(G1 - 15/06/2025)

*Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.  
Seguiria sempre em frente...*

Mário Quintana

É o tempo de uma música,  
De uma risada gostosa,  
De um olhar entre amigos,  
Tempo de um suspiro,  
E até mesmo de um café sendo coado.

Mas também pode ser o tempo que a vida precisa para mudar radicalmente, e se transformar em uma vida nunca pensada ou esperada.

Lá estava ele... imponente e, ao mesmo tempo, igual a todos os outros aviões.

Decolou com seus passageiros cheios de pensamentos vagos, sonhos, planos e compromissos na cabeça e no coração, alguns voltando para casa, outros iam iniciar um novo trabalho, encontrar um grande amor...

Como saber o que vai no pensamento e no coração de tantas pessoas, com tantas particularidades?

Havia malas, celulares no modo avião e, de repente... aquele momento em que, independentemente da sua crença ou da sua dose de coragem, todos silenciam. E ninguém é capaz de saber o que o tempo vai trazer.

Qual será o seu destino?

Foram apenas trinta segundos. E veio o barulho ...alto, seco, ensurdecedor. Cortou pensamentos, desfez sonhos, acabou com promessas.

Depois, foi só fumaça, estrondos, e um silêncio profundo se fez.

Mas, entre destroços, fumaça e muita confusão, lá estava ela “a vida “atrevida e teimosa.

Um único sobrevivente. Um corpo ferido, incrédulo no que acabara de acontecer. Mas uma alma forte, resistente, pronta para lutar, sair das ferragens e buscar ajuda.

— Saí dos escombros — ele disse — como quem sabia que havia renascido, que tinha ganhado outra chance.

Entendeu o valor da vida e do tempo, e compreendeu que é possível viver, em trinta segundos, coisas que ficarão para sempre na memória.

A vida nos surpreende a cada segundo. E trinta segundos? Ah...

Às vezes, são suficientes para mudar tudo.



# Quando a Notícia Visita a Nossa Casa

*Gato é 'preso' suspeito de furto nos EUA*

(G1 - 04/09/2019)

**H**Á muitos anos este casal maravilhoso, porém com um gosto duvidoso, gostavam de se dedicar às redes sociais, por meio de *reels* e memes, enquanto a televisão ficava ligada, juntamente com o rádio, banhados por notícias sensacionalistas e criminais. Ao trocarem posts das redes sociais pelo celular, mesmo estando um do lado do outro, uma notícia se torna comum nas mídias em que estavam imersos.

*“Suspeito de furto ainda não foi preso”*

Apesar da falta de disposição, riram um para o outro pela surpresa da coincidência e foi ao rirem que a energia acabou. Não havia o chiado do rádio. A luz da televisão, assim como o som, não preenchia mais a sala, e não havia internet para mandar *reels*, posts, memes, vídeos, fotos, um para o outro, pois ali se recordaram que não haviam pago os planos de telefonia, pois há muito tempo não saíam de perto da rede *wi-fi*.

O que rompeu a escuridão da casa e o silêncio foi o barulho de um carro passando na rua, seguido de luzes vermelhas e azuis, com seus sons de sirene, carros de polícia pareciam estar em grande perseguição. Eles se entreolharam na escuridão e sentiram um arrepio, mas felizes, como se estivessem vivendo a notícia, uma das que tanto viam nas mídias. Felicidade que logo se encerrou deixando os dois em profunda escuridão e silêncio.

— Vamos conversar?

— Sem digitar? Eu só sei conversar digitando.

— É como mandar áudio.

— Mas a gente não manda áudio, a gente manda memes. E outra, como vou te colocar na velocidade dois?

— Melhor não, lembra daquele casal que a televisão quebrou e começou a conversar? Descobriram algo e nunca mais foram vistos.

— É! Alguns dizem que estão juntos, outros que se separam.

— Não vamos arriscar.

E não arriscando, o silêncio permaneceu até que foi rompido com barulhos vindo da cozinha, como de alguém que entra furtivamente, mas de forma desajeitada, pegando coisas para sair depressa. Novamente, se veem em um momento de felicidade, quem sabe apareceriam contando aos repórteres sensacionalistas os perigos dessa noite, virariam memes e viralizariam, sentiram até mesmo uma felicidade em aparecer como vítima. Independentemente, a alegria por terem deixado a janela aberta para ventilar a casa foi enorme.



— O que vamos fazer?

— Vamos olhar!

— E se pegarem a gente?

— Não sei, mas um vai com a lanterna, e o outro vai gravando.

Rapidamente, mas em silêncio, se organizaram e foram para a cozinha. Ao atravessar os batentes para pegar o grande invasor, nada encontraram, mas viram que uma sacola havia sumido.

— Era para minha salada de atum, né?

— Agora já era.

Voltaram ao sofá chateados, pois não realizaram nenhum vídeo e nem apareceriam nas mídias, lá se foram os trinta segundos de fama.

Mas após alguns minutos, o invasor voltou a fazer barulho. Nosso casal mudou a estratégia e chamou a polícia. Como grande parte da polícia passara há tempos em seus carros naquela rua, chegou, por fim, um policial.

— O invasor ainda está lá?

— Sim. Acho que, como não fizemos barulho, tomou confiança e não foi embora.

Nada melhor para viralizar nas redes do que acompanhar um policial na caçada, agora os dois poderiam filmar de ângulos diferentes. E assim foram os três, o policial com sua lanterna e o casal com seus celulares. Ao atravessarem o batente rapidamente, o policial no escuro agarrou o invasor, saindo da casa com ele em meio a escuridão, e na cozinha, como pista, só restou do invasor tufo de pelos.

— Você conseguiu gravar?

— Não sei, não consigo ver. Vamos filmar o invasor no carro da polícia.

Saíram correndo para a viatura, com seus celulares a postos, mas, antes, o policial com muita raiva advertiu o casal.

— Só não prendo vocês porque ele é muito fofo, vou achar um lar para ele ou ela ou até mesmo ficará comigo.

Por fim, sem entender, filmaram o invasor, que estava com um leve cheiro de atum e que disse “Miaaaau”.



# Marteladas no Carro Cor de Coração

*Homem destrói carro da ex-namorada  
após término no Itaim Paulista,  
na zona leste de São Paulo*

(R7 - 08/04/2025)

**E**RA um domingo, estava indo ao mercadinho da rua pegar um refrigerante gelado para almoçar, afinal a família Garcia não almoça feliz sem uma coquinha gelada na mesa.

No caminho, entretida nos meus pensamentos do que faria pós-almoço,

vi um homem jovem, branco e bravo, muito bravo, jogando tinta branca em um lindo carro vermelho

Aquela cena, num primeiro momento me assustou, mas depois fiquei intrigada. Curiosa como sou, me escondi atrás de uma mureta e fiquei a observar a ação que acontecia ali, para tentar entender o que aquele carro vermelho tinha feito para aquele jovem branco.

Ele prosseguiu com chutes, marteladas, pulos e tinta, uma fúria sem fim.

Eu olhava para os lados esperando ver se alguém apareceria, lamentava não ter trazido o celular para chamar a polícia e filmar aquela situação, contra aquele pobre carrinho cor de coração.

Assisti inerte aquela história que se desenrolava diante dos meus olhos. Em determinado momento, tive medo de ele me ver e sobrar algumas marteladas pra mim, mas não conseguia me mexer, assim como aquele carro cor de coração, eu estava ali, estacionada.

Quando terminou de lançar toda a sua fúria, pegou seu martelo e saiu andando como quem leva uma sacola de mercado.

Aliás, sacola que eu deveria estar levando com uma coca dentro para o almoço dos Garcias.

Respirei fundo, minhas pernas tremiam, continuei minha caminhada e, ao passar pertinho do carro cor de coração todo detonado, me senti triste por pensar na pessoa que o encontraria assim e na minha tremenda inutilidade de ajudar para que aquilo não acontecesse.

Pensei em tocar a campainha e falar algo, mas tive vergonha, o que eu iria dizer:

— Oi, vi seu carro sendo destruído e não fiz nada, aliás, bom domingo!

Não, não dava, era deprimente demais.

Eu queria ter sido a pessoa que bravamente enfrentou o cara do martelo e salvou o indefeso carro cor de coração mas, não fui.



Então, segui meu caminho, comprei a coca e voltei para o almoço da família Garcia, onde fui recebida com berros de demora de um povo com fome.

Não quis almoçar, fui para o quarto e fiquei pensando naquele homem, naquele carro, no dono do carro e no que eu poderia ter feito.

No dia seguinte, vi na internet uma notícia: Homem destrói carro da ex-namorada após término no Itaim Paulista, na zona leste de São Paulo.

Lá estava o carro cor de coração e sua dona, que aliás era uma mulher e não um homem como imaginei. Ela contava do fim do relacionamento com o Rodrigo. O jovem branco agora também tinha um nome, e o motivo de tanta fúria foi apenas porque ela não quis mais namorá-lo, a fúria em ter seu coração partido o fez partir aquele lindo carro vermelho.

Fiquei pensando em quantas Érikas, sim esse era o nome da jovem mulher, encontram homens com muita fúria e martelos que as fazem partir dessa vida por simplesmente terem ouvido um não.

Rodrigo quebrou o carro cor de coração, talvez achando que curaria a dor do seu, mas, na verdade, o que fez foi mostrar para a Érika como ela fez bem em sair daquela relação.

Ao ler a notícia, desejei que ela encontrasse justiça e que os Rodrigos que andam por aí com seus martelos cheios de ódio encontrem tratamento e não carros cor de coração ou vidas para ceifar.



# 700 Mil Mortos por Covid

*Brasil chega à marca de 700 mil mortes  
por Covid-19*

(gov.br - 28/03/2023)

Não são 700 mil mortos.

São 699.999 + 1

E fico pensando como esse 1 pode ser tão importante em um país onde vemos notícias de mortes todos os dias.

Uma quarentena, mais um dia como todos os outros: coloca máscara, anda, tira máscara, come, coloca máscara, trabalha.

Mais um dia, menos um dia. Sentado na minha sala tomando meu café. E então uma mensagem no celular.

Ela se foi. Avisa o pai?

Minha mão segura o telefone, meu café esfria na xícara e na minha cabeça aquela mensagem me faz pensar.

Uma pessoa que passou a vida inteira fazendo o que era certo. Irmãos, filhas, netos, genros...

Tinha um olhar firme, mas carinhoso, uma postura e uma força que diziam venha ao mundo! Estou aqui.

Aquela que era a matriarca da família, aquela que mesmo com a família longe nos fazia sentir próximos.

E agora...

Onde antes havia sua voz... agora só existe o silêncio. Seu sorriso apenas nas fotos e nas memórias, suas risadas agora... apenas saudade.

Descansa tia, você fez um bom combate e pode se orgulhar, você fez a diferença na vida das pessoas. Você fez a diferença na minha vida.

Descansa agora, tia.

Deixa com a gente.

Deixa comigo.

Entro no carro e dirijo, minha mente está longe e meu corpo no automático. Quando foi à última vez que a vi? Paro no farol. Quando foi a última vez que vencemos a distância dos estados e nos reunimos pessoalmente e não pelas mensagens, o farol abre, acelero o carro.

Estaciono onde costumo estacionar, uso a chave que tenho da casa do meu pai. O barulho do portão, o som dos meus passos na escada, iguais a tantas vezes que vim tomar um café, mas agora estranhamente pesados.

Desço a escada, abro a porta que tantas vezes já abri.

Entro na cozinha que tantos cafés já foram preparados. E lá está ele.

Como sempre, tranquilo sentado, tomando um café. Seu olhar me encontra, sua boca forma um sorriso.



Filho? Entra, filho. Quer um café? Seus gestos conhecidos já procurando a xícara, um dia como tantos, uma dança ensaiada, uma presença confortável.

Descansa, tia.

Eu falo com ele.

Eu cuido dele.

Eu fico com ele.

A notícia sai. Não consigo pensar, como se tivesse vida própria, como se quisesse acabar com isso.

Eu falo.

Ele escuta.

O sorriso se vai.

O braço a meio caminho da prateleira da xícara.

A postura do homem que sempre foi meu herói... agora pequena.

Não é apenas minha tia que se vai.

E uma irmã, uma amiga, uma mãe. Para ele mais ainda do que isso. Uma vida compartilhada, uma pessoa que o conhecia desde pequeno. Uma pessoa que o permitia ser o adulto a criança de outrora. Uma pessoa que conhecia todas as versões que ele já foi, filho, irmão, criança, adulto, pai, esposo, avô. Uma pessoa que o entendia em todas as suas fases e o aceitava como era. Uma vida de memórias que agora se extinguiu.

Eu explico.

Explico que você não está mais aqui, mas que ainda está conosco.

Explico que estou aqui

Explico para esse homem que é e sempre foi o meu herói.

Ele sempre foi e sempre será.

Mas...

Até o herói, pode querer, um abraço.

Descanse em paz 699.999+1



# Galinhas Gigantes

*Conheça as galinhas gigantes de R\$5 mil que produzem ovos de R\$400 a dúzia em SC*

(G1 - 25/02/2024)

**D**OMINGO sempre é dia de animação para Dona Teresa. Pela manhã, vai à missa, à feira e, enfim, toma um café na casa de sua cunhada, Dona Bete. Abre um sorriso e abraça sua amiga de infância.

— Este morro ainda me mata! Notícias de seu irmão?

— Barnabé disse que viria hoje na hora do almoço. Faz tempo que não o vejo.

— Ele disse da última vez que estava precisando de uns favores.

— Se ele vier, pedirei para que mate algumas galinhas e as venda na feira. Assim, quem sabe, com o dinheiro compra mais algumas e vai vendo o bolso engordar.

— Olha, Bete, não sei se é uma boa ideia. Da última vez, viu o que aconteceu?

— Infeliz! Vendeu as minhas galinhas gigantes por uma miséria! E pensar que os ovos estavam saindo por quase mil reais!

— Todo o cuidado dispensado pela senhora para com aqueles ovos... Quanto tempo gasto à toa! Barnabé mal sabia o valor das coisas grandes... Cem reais por duas galinhas gigantes!

— Valha-me Deus! Minhas galinhas seriam vendidas ao Sr. Juremir. Ele me assegurou que daria cinco mil por cada. Elas estavam pesando cinco quilos até a data do sequestro.

— Uma dúzia de ovos por oitocentos! Parece piada!

— São ovos gigantes, filhos de grandes galinhas.

— A senhora quis dizer galinhas gigantes, se me permite a correção.

— Não me lembre delas, me dá aspreza, sinto frio! Queria que ele tomasse jeito. Já passei por coisas muito piores e estou aqui, viva. Escreverei um manifesto em favor das galinhas gigantes! Colocarei todas em praças públicas.

— E ninguém passa mais fome.

— Céus! Este tipo de galinha não se come! São mais para admirar, ficar olhando por um tempo, dar carinho.

— Galinha para ficar pajeando? Só você mesmo!

— A maior galinha que passou pela propriedade tinha 1,18 metro, pesava oito quilos! Como enfia isso no forno, me diz?

— Nunca nem ao menos provaste para saber qual gosto tem?

— Gosto? Não quero saber de gosto! Devo estar achando dinheiro no lixo para fazer assados com as minhas valiosas galinhas!

— E qual galinha dará ao Barnabé?

— Seja lá qual for. O importante é que ele saiba o valor das coisas grandes para não sair prejudicado e vender bens alheios por merreca!

— Não se fala mais nisso. Vai logo passar este café.



# A Moda Muda

*Japonês que gastou R\$75 mil em fantasia de cachorro faz seu primeiro passeio na rua*

(G1 - 28/07/2023)

**A**LGUNS anos atrás, passando um tempo na internet, vi uma notícia de deixar qualquer um de queixo caído, quanto mais Dussek (intérprete musical), este ficaria talvez sem voz, pois se nos anos oitenta a crítica social apelava para a troca de seu cachorro por uma criança pobre, fico pensando em como Léo Jaime (compositor de Rock da cachorra) analisaria agora pessoas que gastam o valor de um carro popular por uma fantasia realista de cachorro para, por alguns instantes, sentir-se como um.

Hoje temos outra consciência, pois mesmo tendo sido essa a notícia que visualizei, tento compreender qual foi sua motivação. Defendo a liberdade de expressão e creio piamente que as pessoas podem ser o que quiserem, contudo, em tempos de Therians (crença ou sentimento que uma pessoa possui identidade animal, seja espiritual, psicológica ou simbólica), não precisaria do gasto, bastaria ser, tendo este dinheiro sido melhor empregado em outras ações que contribuíssem socialmente, até mesmo com animais em situação de rua ou doentes, visto que a paixão por animais é óbvia, mas aqui claramente observamos a essência humana, evidentemente.

Se fosse o caso, poderia seguir as tendências disponíveis, *Furry Fandom* (cultura que valoriza personagens e animais com inspirações ficcionais, também conhecidos como cosplays), *Puppy play*...este último dizem ser até terapêutico, ou também conhecido como fetiche. Apenas advirto para terem cuidado com os Christians Iversens da vida, clara referência ao psicopata de *The Good Boys*, pois, nunca se sabe, é um risco! Haja vista que a vida imita a arte ou a arte imita a vida?

Parece que em São Francisco, uma das cidades mais ricas do mundo e centro de ativismo liberal, onde todas essas tendências estão em alta, a liberdade realmente não tem preço, por mais intrigante que isso possa parecer.

Fato é que o “diferente” sempre causou impacto, entretanto, com o passar dos anos, descobrimos que ser “diferente” é normal, mesmo sabendo que, dependendo do quão diferente se é, ainda há distinções...

Refletindo sobre tudo isso, achei melhor perguntar ao meu animal de poder sobre a sua opinião, quem sabe eu poderia ser uma Dachshund, ao que ele me aconselhou continuar humana, usando bem a minha humanidade para proteger e defender os animais.



# ÍNDICE

## A

|   |    |
|---|----|
| Adilson Augusto de Andrade Junior ..... | 5  |
| Adriana Aparecida Defensor Moraes.....  | 6  |
| Alessandra Lopes Xavier Oliveira .....  | 7  |
| Aline Castro Almeida (Line Chan) .....  | 8  |
| Amanda Massucci Batista.....            | 9  |
| Amanda Sardei Cardoso.....              | 10 |
| Ana Carla Lourenço Ximenes.....         | 12 |
| Ana Claudia Guimarães dos Santos.....   | 13 |
| Ana Flora Pinheiro Salviano .....       | 14 |
| Ana Lúcia dos Santos Joaquim .....      | 16 |
| Ana Lucia Pereira da Silva .....        | 17 |
| Ana Maria Cesário Moraes (EUZINHA)..... | 19 |
| Ana Paula Dias .....                    | 20 |
| Ana Paula Ferreira Vargas.....          | 22 |
| Anderson Pereira de Almeida .....       | 23 |
| Artur Antonio Azevedo Amorim.....       | 25 |

## **B**

|   |    |
|---|----|
| Bárbara Held .....                      | 26 |
| Beatriz de Araujo da Costa Barros ..... | 27 |
| Bianca Carvalho.....                    | 28 |
| Braz Gomes da Silva Filho.....          | 30 |

## **C**

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| Camila Nascimento Cordeiro .....    | 31 |
| Carina Aparecida de Almeida .....   | 33 |
| Carolina Moreira Russo.....         | 35 |
| Cinthia Krayuska De Araujo .....    | 37 |
| Cíntia Barbone Oliveira.....        | 39 |
| Cláudio Santana Bispo .....         | 40 |
| Creusa Aparecida de Lima Ruiz ..... | 41 |

## **D**

|   |    |
|---|----|
| Dalila Rodrigues do Amaral .....        | 42 |
| Daniela de Marchi.....                  | 43 |
| Daniela Morales Monteiro.....           | 44 |
| Danielle Ramos Rosa.....                | 46 |
| Danilo Heitor Vilarinho Cajazeira ..... | 48 |
| Denise Aparecida de Melo da Silva ..... | 49 |
| Dennis Zaghera Bluwol.....              | 51 |

## **E**

|   |    |
|---|----|
| Edenilce Souza Gomes.....                 | 53 |
| Edna M. A. A. Cerqueira .....             | 54 |
| Elen de Lucas Rodrigues.....              | 56 |
| Eliana Maria da Silva (Eliana Sol).....   | 57 |
| Elisangela Cardozo de Oliveira Souza..... | 58 |
| Elizabe Freitas de Almeida.....           | 59 |
| Elizete Chaves Bento .....                | 61 |
| Eva Vilma Cavalcante Almeida .....        | 62 |
| Evandro Fantoni Rodrigues Alves .....     | 63 |

## **F**

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| Felipe Alberto da Silva Lopes ..... | 64 |
| Fernanda Depizzol .....             | 65 |

## **G**

|   |    |
|---|----|
| Gicéla Ferreira de Souza.....             | 66 |
| Gisele Pereira Banhos .....               | 67 |
| Gislaine dos Santos Koenig (Gisa K.)..... | 68 |
| Gislene Nunes da Silva (Gi Nunes) .....   | 69 |
| Glaucia Maria Gonçalves Rosa.....         | 70 |
| Gláucia Pereira de Brito Ungaro .....     | 72 |
| Glauciane Maria de Almeida Catanho .....  | 74 |

## I

Igor de Sousa Pazuca Oliva.....75

Isaac Kassardjian Junior..... 76

## J

Jaciara Batista Gomes da Silva..... 77

Jaqueline Vieira da Silva Boaretto ..... 79

Jéssica Alves da Silva ..... 80

Jéssica Gomes de Jesus..... 81

Jonathan Constantino ..... 82

Joyce de Moraes Santana (Joy Santana)..... 83

Juliana Cavalcanti Candelária..... 84

Juliano Gimenes Cruz ..... 85

Júlio Henrique Fim..... 86

Jussara Maria Santos..... 87

## K

Katia Cilene Moreira..... 88

Kelly Cristiane dos Santos ..... 89

## L

Laura Aparecida Guimarães Corrêa ..... 90

Lenilda da Silva..... 91

|  |     |
|--|-----|
| Leon Cordeiro .....                        | 92  |
| Lourdes Fátima Basílio .....               | 94  |
| Luciana Alves Medeiros de Souza .....      | 95  |
| Luciana Benvengo .....                     | 96  |
| Luciana Lima Silva .....                   | 98  |
| Luciane de Andrade Buosi .....             | 99  |
| Lucimeire Aparecida Juventino Martins..... | 100 |
| Lucinéia de Fátima Guerra Souza .....      | 102 |

## **M**

|                                       |     |
|---------------------------------------|-----|
| Maria Célia Gonçalves Silveira .....  | 104 |
| Maria Inês Alves Pereira .....        | 105 |
| Maria Luziene dos Santos.....         | 106 |
| Mariana da Cunha Pinto .....          | 107 |
| Marina Estela Cavali .....            | 108 |
| Marisa Nascimento Elizeu Santos ..... | 109 |
| Michelle Mariano Mendonça (Mima)..... | 110 |

## **N**

|  |     |
|--|-----|
| Natame de Almeida .....                                | 111 |
| Nathalia Oliveira .....                                | 112 |
| Nemésia Cristina Nascimento de Oliveira (Akantir)..... | 114 |

|   |     |
|---|-----|
| Nilva Risoleta de Oliveira.....                     | 115 |
| Norma Chie Wakizaka.....                            | 116 |
| <b>P</b>  |     |
| Paula Gardenia Lucena Gallego (Paula Pagú).....     | 118 |
| Philip Ricardo de Freitas Silva .....               | 119 |
| Priscila Pettine .....                              | 121 |
| Priscila Ribeiro Silvério .....                     | 123 |
| Priscilla da Silva .....                            | 125 |
| <b>R</b>  |     |
| Rafael Marques da Silva .....                       | 127 |
| Raquel Ataíde de Cesare .....                       | 128 |
| Regina de Oliveira Alves.....                       | 130 |
| Renata Francisco Ghizzi .....                       | 131 |
| Renato Gonçalves de Oliveira .....                  | 132 |
| Ricardo de Souza Braga .....                        | 133 |
| Rodrigo de Macedo França (Rfrança) .....            | 135 |
| Rogério Dias Micheletti .....                       | 137 |
| Rosangela Aparecida Paschoal Brighenti Dayyoub..... | 138 |
| Roseli Princhatti Arruda.....                       | 139 |
| <b>S</b>  |     |
| Sandra Angelina Arbuini Fernandes da Cruz.....      | 140 |

|   |     |
|---|-----|
| Sara Barbosa Bertaglia Nascimento.....    | 142 |
| Sarah dos Santos Jerônimo Henrique.....   | 143 |
| Silvia Helena Vasconi Lopes.....          | 144 |
| Solange Alves Gomes Zaghi.....            | 145 |
| Sônia Maria Nolasco.....                  | 146 |
| Sueli Gonçalves.....                      | 148 |
| <b>T</b>                                  |     |
| Tâmara Rodrigues.....                     | 149 |
| Thalita Garcia Lopes.....                 | 150 |
| <b>V</b>                                  |     |
| Valéria Carneiro Vieira.....              | 151 |
| Valéria Silva Nascimento de Oliveira..... | 152 |
| Vinicius Custodio de Lima Silva.....      | 154 |
| Viviane Garcia Leonardo.....              | 156 |
| <b>W</b>                                  |     |
| Wagner Ferreira Neves.....                | 158 |
| Willian Gonzaga Pigosso.....              | 159 |
| <b>Z</b>                                  |     |
| Zuleika Juliene Ferreira Cantolli.....    | 160 |

# COORDENAÇÃO AEL NAS DRES

## **BUTANTÁ**

Pâmella Brum Pereira Cabral

## **CAMPO LIMPO**

Cleomar de Souza Lima  
Elaine Silva Lacerda

## **CAPELA DO SOCORRO**

Deusdete Cassio de Jesus

## **FREGUESIA/BRASILÂNDIA**

Melina Rodolpho  
Roberto Antônio Maciel

## **GUAIANASES**

Maria Inês Alves Pereira  
Valéria Silva Nascimento de Oliveira

## **IPIRANGA**

Renato Brunassi Neves dos Santos Silva

## **ITAQUERA**

Cinthia Krayuska de Araujo  
Lúcia Ramalho Nunes Munis

## **JAÇANÃ/TREMEMBÉ**

Ivan Venturini

## **PENHA**

Paula Gardenia Lucena Gallego  
Thalita Garcia Lopes

## **PIRITUBA/JARAGUÁ**

Rita de Cássia Fernandes de Souza

## **SANTO AMARO**

Cláudia Gonçalves da Silva

## **SÃO MATEUS**

Ana Paula Rodrigues De Sousa Oliveira

## **SÃO MIGUEL**

Vanessa Carneiro Dias

## **PROJETO GRÁFICO**

### **Centro de Multimeios - CM**

Ana Rita da Costa - Diretora

### **Núcleo de Criação e Arte - NUCA**

Açunciara Aizawa Silva

Aline Frederick Santos

Angélica Dадario - projeto e diagramação

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Julia Gonçalves Rizzo - estagiária

Marcos Roberto da Silva Moreira

Raquel Nogueira Janoni - estagiária

Simone Porfirio Mascarenhas

### **Biblioteca Pedagógica**

Roberta Cristina Torres da Silva - Revisão textual

Elementos visuais capa: Adobe Stock

... ..  
R. ... ..  
... ..  
... ..

St. ... ..

### DEEDS CUND NAEB



... ..  
... ..  
... ..

### ANTVPIEN

### AMSAJES

... ..  
... ..  
... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..

### AMedionone, sues th

... ..  
... ..  
... ..  
... ..



... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

### AHTORR-SUM

### PEMEIY NAIL

... ..  
... ..  
... ..

... ..

### UNY... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..



### KORTIOPLATIES OF TOE IOMTRY

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..

... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..



### PILTIKO IETPNIS

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..

... ..  
... ..  
... ..



## PREFEITURA DE SÃO PAULO